



ATÉ QUE A MORTE  
**OS REAPROXIME**

Lourdes Carolina Gagete

CASA EDITORA  
**O CLARIM**

**Até que a morte os reaproxime**

**Lourdes Carolina Gagete**

# **Até que a morte os reaproxime**

**Matão, SP**  
**1ª edição**  
**2018**  
CASA EDITORA  
**O CLARIM**

*Copyright* © 2018 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: novembro/2018

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-179-0

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](https://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Lúcia Helena Lahoz Morelli

#### Catálogo na Publicação (CIP)

G133a Gagete, Lourdes Carolina

Até que a morte os reaproxime / Lourdes Carolina Gagete. – 1.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2018.

320p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-179-0

1. Espiritismo. 2. Romance. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

A alma é eterna. E cada alma viaja de uma vida para outra rodeada por companheiros, uns ajudando os outros a cumprir seu destino. Os encontros que temos durante a vida nunca são coincidências.

(Mark Fisher)

## - 1 - A ilusão obscurece a razão

A noite começava a descer sobre a cidade de São Paulo. Já se podiam ver algumas estrelas tímidas por entre as nuvens altas e esparsas. A lua, mostrando seu brilho prateado, exibia-se aos pobres mortais.

Anselmo abriu a janela de seu escritório de advocacia e foi bafejado pelo ar quente. Recuou e a fechou com estrépito. A última cliente acabara de sair. Na rua, o vaivém de pessoas que voltavam a suas casas depois de um dia de trabalho. Sua mente girava em torno de uma ideia obcecante. Na semana anterior, havia conhecido aquela que lhe mudaria o rumo da vida: uma quase menina chamada Laura. *“Laura... Tenho a impressão de que já a conheço de algum lugar. Mas de onde?”* – Em vão se esforçava para lembrar.

O telefone tocou. Absorto em seus pensamentos, levou um choque. *“Espero que não seja nenhum cliente. Não estou nada disposto a alongar meu trabalho. Quero estar inteiro para logo mais. Aquela garota tem-me tirado do sério.”*

– Alô.

– Anselmo?

– Sim, Clementine. O que você quer? Algum problema?

– Sim. É que o João Augusto não está se sentindo bem. Vomitou e está com febre. Você está com algum cliente? Poderá vir logo pra

casa? Estou muito preocupada.

Anselmo mostrou no semblante contraído que não gostou da notícia. Amava o filho, claro, mas não estava disposto a adiar mais uma vez o encontro com Laura, aquela jovem que lhe arrebatara o coração. Embora casado com Clementine e tendo um filho de 11 anos, o João Augusto, vivia ainda na ilusão de um juvenzinho imberbe. Nada respondeu. Pensava no que dizer.

Tudo bem se não puder; se estiver com algum cliente eu mesma o levarei ao médico.

– Não. Espere. O último cliente já foi embora. Estava mesmo fechando o escritório para sair. Dá para esperar alguns minutos?

*“Vou falar com a Laura. Ela vai esbravejar, mas não tenho culpa. João Augusto não tinha outro dia para ficar doente?”* – pensou.

– Tchau, Clementine. – Recolocou o fone no lugar e, lembrando-se de Laura, recordou que ela havia demonstrado interesse em sair com ele. Não se mostrou nem um pouco preocupada pelo fato de ele ser casado. *“Bem sei que ela está interessada no meu dinheiro... na minha posição... Conheço as interesseiras de longe. Mas ela é tão linda! E tem alguma coisa que me prende a ela e que não sei definir. Sinto que a conheço. Será que a Clementine tem razão quando fala que ficamos ligados aos amores e ódios do passado? Até agora nunca admiti isso, mas a Laurinha me dá o que pensar. Eu a vi apenas duas vezes e estou louco por ela...”*

Pegou novamente o telefone:

– Quero falar com a Laura. Ela está?

Laura arrebatou o telefone das mãos da mãe:

– Dr. Anselmo? Não me diga que ligou para cancelar!

– Não me chame de doutor. Para você, sou simplesmente Anselmo.

Rindo por dentro, Laura pensou: *“Todo velho é pretensioso. Esse não foge à regra”*. – E, com voz melíflua, falou:

– Doutor... Quer dizer, Anselmo, por que está ligando? Não vamos mais sair?

– Acho que não vai dar... Surgiu um problema. Clementine me ligou. O João Augusto não está bem. Preciso levá-lo ao médico...

– E sua esposa? Não é a mãe? Precisa ocupar você para levar o filho ao médico? Puxa! É a segunda vez que desmarcamos. Acho que você não está tão a fim de mim como diz.

– Não diga isso! Sou louco por você! Mas não estaria feliz ao seu lado sabendo que meu filho está doente; que precisa de mim.

– Isso é de doer! Já estava quase pronta. *“Odeio me arrumar pra nada”* – pensou.

– Sinto muito. Fica para outra vez. Tchau.

– Espere aí... Quando nos veremos?

– Ligo pra você amanhã. Boa-noite.

Mal-humorada, Laura desligou o telefone. Seu plano de conquista não poderia falhar de jeito nenhum. Há tempos queria se casar e sair de casa. Não suportava os pais adotivos porque eram negros. Ela era loiríssima. Desde que se conheceu por gente, menosprezava os negros. Nos seus quase 18 anos, era completamente dependente dos pais e não tinha condições de se manter sozinha. Não gostava de estudar. Cursava, ainda, o segundo grau e sempre dizia a si mesma que, quando se casasse, abandonaria a escola. A mãe adotiva, Neusa, a amava apesar dos maus-tratos que sofria por parte dela. O pai não tinha a mesma paciência. Discutia sempre com ela e algumas vezes tinha vontade de lhe dar uns bons tapas.

Quando completou 15 anos, não quis festa. Não que não desejasse ardentemente comemorar a data, mas sentia vergonha de apresentar seus pais negros a sua turma.

Uma noite, sonhou com um anjo negro que, ao seu lado, chorava. Suas lágrimas quentes caíam sobre ela. Confusa, ela sentia sua pele ir-se transformando... o branco se tornando escuro... escuro... até enegrecer de todo. Então, o anjo lhe estendia as mãos. Mãos pretas e delicadas. Laura também estendeu as suas, que eram também pretas. O anjo negro, de olhos cintilantes, lhe disse, entre meigo e severo: "O Espírito não é branco nem é negro; não é homem nem mulher. Hoje você é loura como um dia de sol, mas

amanhã poderá ser negra como uma noite sem lua. Seus pais adotivos são, nesta existência, negros por opção própria; porque um dia desprezaram os negros. Hoje, provam daquilo que impuseram aos seus irmãos. Você caminhará o caminho deles... chorará as lágrimas deles... Até compreender...”.

Ela acordou gritando que não queria ser negra. Olhou suas mãos para certificar-se de que continuavam alvas. A mãe a aconchegou junto ao coração. Embora sentisse a repulsa da menina, ela a amava e a compreendia. Na intimidade da alma, sentia que também já cometera tal equívoco e que agora recolhia as consequências.

Todos temos um plano reencarnatório adrede preparado. Todos temos arestas a aparar; enfrentamentos; provas cármicas; testes. O egoísmo, pai de todos os males, as ilusões do caminho, o desejo de ser feliz a qualquer preço nos levam ao sangramento da alma. E quando as ilusões terminam, quando a dor e a decepção chegam, o Pai Criador nos recebe de braços abertos, porém, por justiça das leis divinas não nos desobriga da necessária reparação.

Anselmo, tal qual Laura, era uma alma equivocada. Tivera a felicidade de se consorciar com Clementine, porque esta, ainda antes de reencarnar, quisera ajudá-lo a superar suas fraquezas. Viveram harmoniosamente por algum tempo, porém o marido falhara no primeiro teste de responsabilidade e fidelidade.

Nesse dia, sairia – não fosse a doença do filho – com a jovem Laura, que tinha idade para ser sua filha. Havia feito planos libidinosos e inconsequentes, como se fosse um ingênuo rapazola sem qualquer compromisso. Envolveria-o uma sombra escura e amorfa. *“Vigiai e orai para não cairdes em tentação. Vigiai principalmente os pensamentos, porque eles vêm antes de qualquer ação.”*

Chegou em casa aborrecido. Clementine era médium e percebeu junto dele tal sombra. Eram dois Espíritos obsessores, inimigos do passado, aos quais ele alimentava com seus fluidos densos e seu modo irresponsável de viver.

Estavam ali para infelicita-lo, incitando-o ao adultério, pois percebiam que a esposa era uma influência positiva em sua vida e precisava ser afastada com a maior urgência, caso contrário o plano de vingança poderia não ser possível.

Clementine era o anjo bom a zelar pelo lar, contudo, enquanto ela fechava as portas às más influências, Anselmo as escancarava.

## - 2 - Desencontros

Embora o sol brilhasse, Clementine trazia a alma em sombras.

*“Por quê? Por que, senhor Deus, eu sempre desperto com a sensação de que não estou fazendo tudo quanto posso por Anselmo? Qual será o motivo do constrangimento dolorido que me invade o ser? Que me torna tão infeliz? Será que os sonhos são vivências reais? Ou serão as angústias da alma que se extrapolam durante a noite?”* – Eram questionamentos de Clementine, a jovem senhora que vivia um casamento infeliz. Anselmo, um Espírito endividado com o passado, tinha necessidade de equilíbrio espiritual. Clementine aceitara conviver com ele a fim de ajudá-lo, pois assim estaria ajudando a si mesma, uma vez que em passadas existências havia colaborado para sua queda espiritual.

No nosso atual estágio evolutivo, trememos ante as reminiscências do passado, entretanto, tão logo nos reequilibramos com as leis divinas menosprezadas, mais rápido conquistamos a paz de consciência para o prosseguimento no avanço espiritual.

Na presente existência, Clementine tentaria errar menos e, conseqüentemente, sofrer menos. A beleza física sempre lhe fora um empecilho às conquistas de ordem espiritual. Além de bonita, sempre fora inteligente e sagaz.

No passado distante, conquistava os homens só por capricho; para se envaidecer com os olhares apaixonados dos enamorados.

Assim aconteceu em relação a Henry, a quem ela seduzira. O jovem ficara impressionado com sua beleza e a amara verdadeiramente. Abandonara sua vida de boemia e dedicara-se a ela. Casaram-se, mas Clementine não fora digna daquele amor e o traíra. Desesperado, ele fugira de casa e, em pouco tempo, desencarnara.

Clementine, à ocasião com o nome Michelle, arrependera-se e passara a viver isolada de todos. Quando desencarnou, procurara pelo ex-marido e não o encontrara. Muitas décadas se passaram. Ela trabalhara muito na Espiritualidade, sempre pensando nas consequências do seu erro passado e prometendo a si mesma que na reencarnação futura tudo faria para se redimir. Precisava consorciar-se novamente, de preferência com o mesmo que lhe fora marido atraindo. Mas isso não seria possível. Ela não era merecedora de um consorte fiel e amoroso. “*A cada um conforme seus atos.*”

Sabemos que não há necessidade de convivermos com a mesma pessoa para nos redirmos. O que não faltam no mundo são criaturas necessitadas de experiências reparadoras.

Assim, na presente existência, Clementine se consorciou com Anselmo, Espírito ainda primário. Junto dele, deveria ser a esposa

digna, a companheira fiel, a amiga que o encaminharia para o Bem.

Anselmo, de caráter volúvel e propenso à infidelidade, seria o instrumento pelo qual ela teria oportunidade de se redimir. Ele poderia lhe devolver, na mesma moeda, o que ela havia feito a Henry no passado. Não que isso fosse obrigatório, uma vez que há outros meios de redenção. Não há determinismo na condição humana. O que há são provas inevitáveis. Levando-se em conta a personalidade egoísta e imatura dele, tendente a devaneios românticos, sua atual existência lhe ofereceria probabilidades de vivenciar a experiência da qual necessitava, reequilibrando-se com a Lei divina aviltada.

Hoje, mais amadurecida e mais conscientizada de suas responsabilidades diante da vida, recolhia as consequências amargas das atitudes insensatas do passado. Como fora previsto pelo Plano Espiritual, seu cônjuge estava longe de ser o esposo carinhoso e fiel como o fora o companheiro de outrora.

Anselmo afirmava amá-la, mas suas atitudes desmentiam tal afirmação. Dizia-se católico por tradição de família, porém não frequentava a igreja. Todas as vezes em que ela tentava lhe falar sobre a Doutrina dos Espíritos, a necessidade de reformulação interior, ele desviava o assunto. Era bem mais cômodo ir levando a vida sem se preocupar com o que viria mais à frente. Não lhe interessava mudar seus conceitos. E quais eram tais conceitos?

- A vida é uma só e passa depressa;
- Precisamos aproveitar o aqui e o agora;
- Não sabemos o que o futuro nos reserva;
- Vamos viver o presente sem especulação quanto ao futuro.

**“A vida é uma só e passa depressa”** – Tal acomodação, gerada pela indolência mental, tem sido pedra de tropeço em nosso caminho evolutivo. A vida é realmente uma só, porque ela não sofre solução de continuidade ante as muitas existências ou reencarnações. É como um fio linear dividido em segmentos que representam as etapas das existências. É bem verdade que passa depressa, por isso mesmo devemos aproveitar cada segundo em prol do Espírito. Não queremos dizer que então vamos esquecer a vida material; que não mais nos divertiremos; que vamos nos isolar do mundo e de suas necessidades somente para ficar orando. Não. Claro que não! A vida material foi-nos concedida para que, lutando por nossa subsistência, pudéssemos desenvolver nossa inteligência; nossas potencialidades; para crescer e evoluir tanto material quanto espiritualmente. Mas, em decorrência da nossa imaturidade, a prevalência é sempre dos bens materiais. Deixa-se em segundo plano as razões do Espírito. E quando retornamos à Pátria Espiritual...

**“Precisamos aproveitar o aqui e o agora”** – Qual conceito fazemos de aproveitar? Valerá a pena realmente aproveitar a vida

de modo unicamente material? Esquecer que nossa essência é espiritual e que cedo ou tarde teremos de nos render às evidências? Aproveitar a vida não impede que nos divirtamos, desde que isso não prejudique nossos semelhantes. Aproveitar a vida é saber viver sem causar prejuízo a nós ou ao próximo. Aproveitar a qualquer custo é não ter esperanças quanto ao futuro e, então, pensar que o melhor é garantir o agora. Mais tarde, certamente virão a decepção e a dor pelo equívoco.

**“Não sabemos o que o futuro nos reserva”** – É comum tal desculpa para cometer excessos. No entanto, podemos saber, sim, o que o futuro nos reserva. Temos um Pai Criador que é justo; que edificou o mundo com leis justas. Conhecemos a Lei de Ação e Reação, ou de Causa e Efeito. Então fica fácil saber: Se estamos vivendo, ou nos esforçando para viver dentro das leis naturais, que são as leis divinas, então o futuro que nos aguarda será bom. Teremos, pelo menos, paz no outro lado, porque fizemos jus a isso. Preparamo-nos para tal “reação”. Simples assim.

**“Vamos viver o presente sem especulação quanto ao futuro”** – Esse é o argumento dos insensatos; dos que não saem da inércia improdutiva; da criatura imatura, cujo pensar gera fadiga. Ora, se sabemos que estamos aqui de passagem, que breve retornaremos para a vida do Espírito, é justo sabermos como é tal mundo e o que vamos lá encontrar, a fim de não termos surpresas desagradáveis.

Quando vamos fazer uma viagem para o exterior, sempre é de bom alvitre procurar conhecer como são seus habitantes, qual é a língua que falam, os costumes locais... O Espiritismo nos fala e prova que “há vida além da vida”.

E Anselmo ia vivendo sem maiores preocupações. Antes de se casar com Clementine, achava que seria feliz ao lado dela, pois tratava-se de uma mulher meiga que, sem ser tão bela, possuía caráter forte e era honesta. Depois dos primeiros anos, já a decepção lhe visitava a alma. Não se adaptara à vida de casado e estava sempre em busca de novas emoções fora do casamento. Sua única real alegria era o filho João Augusto, Espírito amigo de outras existências.

\*\*\*

O sol aquecia a manhã, mas na alma de Clementine havia somente o frio da solidão. Pedacos esgarçados de recordações que jaziam escondidas emergiam. De seu inconsciente surgiam lembranças que ela tentava esquecer.

Então pedia a Deus que a ajudasse a carregar sua cruz; que a ajudasse a não mais ter a intuição do que fora no passado.

*“Clementine, não te entregues ao desânimo, que isso é morte. Luta contra o desejo de desistir de sua provação. Se forçares uma desencarnação, mostrarás rebeldia aos desígnios do Pai Criador e*

*mais infeliz serás. E mais dores te serão acrescentadas. Não vivas no passado a lembrar sempre a existência em que tua atitude foi desastrosa. Onde está a tua fé inquebrantável, irmã querida?”*

Quem assim lhe falava aos ouvidos espirituais era seu guia protetor; seu anjo da guarda.

*“Meu Deus! Devo ter errado muito no passado para sofrer assim. Estou sendo punida... Talvez já tenha feito outros sofrerem esta mesma dor que ora experimento. É o choque de retorno, conforme dizem lá na casa espírita.”*

O conhecimento do Espiritismo lhe dava alguma força para prosseguir na luta. Todavia, mesmo sabendo que colhemos o que semeamos, caía em estado depressivo com frequência, abalando sua saúde. Atribuía a Anselmo a culpa, recriminando-o por sua indiferença e sua infidelidade. Assim, uma revolta muda lhe amargurava a alma. Ao ver como ele se transformara, a ponto de se tornar irreconhecível, arrependia-se de tê-lo desposado. *“No início de nosso casamento ele era tão carinhoso...”*

Aquela comunicação mental com seu protetor tornou-se frequente. Era um bálsamo sobre a chaga aberta das decepções. Reconheceu que estava unida a Anselmo em um casamento expiatório. Ela deveria ajudá-lo na atual existência, diminuindo assim seus próprios débitos; esquecer-se para se harmonizar com as forças positivas do universo; desenvolver em sua alma o amor

universal e, principalmente, olhar o passado sem remorsos. O preço não era exorbitante.

Muitos pensam, erradamente, que temos de passar exatamente por tudo o que fizemos o outro passar. Não é bem assim. Temos, claro, de expiar e consertar o erro, voltar e refazer, arcar com as consequências, mas nosso resgate cármico não precisará ser com a mesma pessoa. Também sabemos que o amor, a caridade, a fraternidade são meios de que dispomos; são moedas reconhecidas de quitação.

Clementine sabia disso e tentava calar sua dor e sua revolta. Tentava ser uma esposa digna e ajudar aquele que era o instrumento de seu reajuste espiritual. Muitos veem em casos como esse um “castigo de Deus”, porém – entendemos hoje – trata-se de educação necessária a nosso crescimento espiritual.

Ensina-nos a experiência que nem sempre o inimigo nos causa um mal. Somos ainda seres imaturos que buscam a perfeição. Nossos amigos, por nos quererem bem, nem sempre apontam nossos defeitos. Ao contrário, estão sempre nos elogiando e, com isso, estimulam em nós a vaidade; a ilusão de que realmente somos seres diferenciados; melhores do que os outros, e de que, com certeza, ao desencarnarmos iremos direto para o “paraíso”. O tempo passa. Envelhecemos. Regressamos à Pátria Espiritual. E daí? Daí vem a decepção. A realidade se impõe. Não. Não somos criaturas

maravilhosas que já superaram seus vícios e defeitos. Onde a colônia espiritual, residência dos Espíritos purificados? Por que não fomos para lá? Simples. Ainda não temos condições espirituais para habitá-la. Seríamos ali elementos desagregadores e, por não estarmos no ambiente adequado, concorde com nossos fluidos ainda grosseiros, não estaríamos à vontade nem seríamos felizes. No entanto, nossos amigos nos fizeram acreditar que éramos bons. *“Por que me chamais Bom? Bom é o Pai que está no céu”* – esclareceu-nos Jesus. Mas, ratificamos, os inimigos podem ser nossos amigos, uma vez que nos despertam para nossa realidade. Eles não nos poupam, jogam na nossa cara todos os nossos defeitos e ainda acrescentam outros por conta própria. Eles nos chocam. Não anestesiam a nossa consciência, mas a despertam. E no primeiro momento os odiamos. Revidamos com rancor e raiva. Depois, mais serenos, vamos analisar o que eles disseram de nós. Na maioria das vezes, negamos ser possuidores daqueles defeitos. Tendemos a acusá-los de cruéis; de maledicentes; de injustos e de outros adjetivos que só mostram o quanto eles tinham razão a respeito de nossas imperfeições. Somos, sim, tudo aquilo, pois não soubemos calar e retribuir aquele Mal com o Bem, conforme nos tem ensinado o Cristianismo e lembrado o Espiritismo. A partir daquelas acusações que nos chocaram, mas que também nos despertaram, vamos começar a prestar mais atenção em nós

mesmos. Veremos que aquelas recriminações não foram totalmente injustas. E, se tivermos um mínimo de bom senso e humildade, iremos mudar nossas atitudes negativas e substituí-las por positivas. E, se já estivermos a um passo do exercício da fraternidade, ao invés de odiarmos nossos eventuais inimigos, oraremos por eles, pois a eles devemos a retirada da venda de nossos olhos.

Clementine passou a sofrer de insônia. Naquela noite, perdeu o sono pensando sobre o que fazer de sua vida. Quanto mais tentava dormir, mais o sono lhe fugia. Quando finalmente adormeceu, teve um sonho esclarecedor sobre aquela pregressa existência com Henry, que resultara nos problemas atuais.

Clementine viu desfilar diante de seus olhos cenas das quais desejava nunca se recordar. Henry, sempre solícito, tentando chamá-la à razão. Ela, voluntariosa, exigindo dele mais do que ele podia lhe oferecer. Depois as infidelidades... a morte de Henry ... Seu desespero...

Os acerbos sofrimentos pelos quais passa a alma rebelde e reincidente têm o poder da transformação. Todavia, só há aproveitamento real desses sofrimentos, quando deles se tira um aprendizado. A dor com revolta, a dor que faz o penitente descarregar no seu próximo sua ira, seu inconformismo, é uma dor sem proveito; que não cicatriza as feridas, antes agravam-nas.

Pergunta-se, muitas vezes: Por que vemos pessoas agirem no mal e nada lhes acontecer? Estaria Deus sendo condescendente para com elas – nesse caso, outorgando privilégios a alguns e punindo outros?

Quando assim pensamos, desconhecemos como se processa a justiça divina. Nossa mente ainda não progrediu o suficiente para entender algo tão imenso, tão grandioso como Deus.

Ao vermos pessoas agirem no mal, causando sofrimento ao próximo pelo seu egoísmo, sua ganância, e nada de mau lhes acontecer – muitas vezes até se dando bem na vida –, nossa tendência é pensar que a justiça divina é falha. Concluímos, revoltados, que, afinal, o crime compensa.

Não é assim, sabemos hoje. Temos aprendido com a Doutrina Espírita que fomos criados simples e ignorantes, mas com um potencial de perfeição que vamos conquistando por meio das experiências nas diversas reencarnações ao longo da eterna vida. Não fomos criados acabados e purificados. O Espírito purificado é feliz graças às lutas nas quais se empenhou na busca de sua purificação. Ele conquistou sua luz e sua paz. Tal felicidade, ao Espírito que nada fez para conquistá-la, não seria justa ou lógica, pois que nada, ainda, realizou pela conquista desse privilégio.

Muitos se equivocam achando que com Jesus foi diferente; que ele foi criado perfeito. Não foi. Se Deus o tivesse criado perfeito,

teria lhe dado privilégios; usado dois pesos e duas medidas, o que repugna até mesmo a justiça humana. É certo que Jesus foi a criatura mais pura e mais evoluída a encarnar neste planeta, mas tal pureza, tal evolução e tal purificação não lhe foram dadas de graça. Jesus lutou para conquistar sua perfeição em reencarnações em planetas que hoje não passam de poeira cósmica. Aliás, esse é o caminho de todos nós. Ele mesmo, o mestre Jesus, disse: “*Sois deuses*”.

Sem dúvida, aquele que mais erra tem muita probabilidade de ser ainda um Espírito em suas primeiras reencarnações, ou seja, pouco mais do que um animal. Assim, menos experiente, alienado, vai cometendo erros sem muita noção de responsabilidade. Tem-se, também, de considerar que o Espírito muito primário é insensível. Não lhe dói a consciência o fato de prejudicar o seu próximo, causar-lhe prejuízos, trazer-lhe sofrimentos. Assim, a justiça o compreende e lhe dá tempo para a conscientização. Isso graças ao imenso amor que Deus tem por esse que ainda é espiritualmente criança. Quererá isso dizer que tal Espírito pode fazer maldades, cometer injustiças e nada sofrer? Claro que não! Deus, como educador, dá-lhe tempo para a conscientização, mas não o poupa da dor provinda de seus erros. Até mesmo em benefício dele mesmo. Se, num primeiro momento, nos parece que o mau, o desonesto, está se saindo bem, é porque a justiça e a correção

muitas vezes demoram a alcançá-lo, a fim de lhe dar tempo para desenvolver sensibilidade espiritual. Dão-lhe o tempo de que ele precisa para seguir em frente e se deparar, mais tarde, com a desilusão, a dor e a infelicidade. Então, verá que a conta polpuda nos bancos, os bens amontoados com o prejuízo do próximo, o *status* social de nada lhe valeram. Sabemos que Espíritos reincidentes no mal só se transformam à custa de muitos sofrimentos e decepções. Mas não há pressa. Mais cedo ou mais tarde a Lei o alcança. Sempre estaremos vendo somente um lado da moeda.

Sofrendo as consequências de seu modo de viver, aqui e acolá, sua consciência irá despertando. Ele se torna mais sensível e passa a ver no seu próximo um irmão. Quanto mais vivência, mais vai desenvolvendo em si mesmo o amor. Compreende melhor o ensinamento: *“Não faça ao outro o que não gostaria que fizessem a ti”*.

O Pai não quer nossa desgraça. Não nos criou para isso. Se um dia erramos, voltamos em outra existência sofrida para retificar, para nos reequilibrarmos com a lei que desrespeitamos. E seremos felizes pela oportunidade de poder voltar àqueles a quem outrora prejudicamos e compensá-los do mal que um dia lhes causamos. Claro como um dia de sol.

E se aquele a quem se prejudicou não estiver mais próximo? E se ele perdoou e seguiu seu caminho? Melhor para ele; demonstrou sabedoria. Quanto ao ofensor, não há necessidade de que a reparação seja feita com a mesma pessoa. A caridade pode ser feita a muita gente, pois necessitados de ajuda material e espiritual existem aos milhões.

E o arrependimento? É o primeiro passo, porém não é suficiente.

Diz-nos *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que Deus não premia nem castiga. Como assim? Então não vemos criaturas que parecem premiadas e outras castigadas? Não é difícil entender. É inconcebível que a Inteligência Suprema precise vigiar cada criatura; que necessite de olheiros para sondá-las a fim de castigá-las ou premiá-las.

Aprendemos, com muita coerência, que Deus deixou o mundo assentado em leis sábias, perfeitas e imutáveis. Então, a resposta aos nossos pensamentos e ações já estão inseridas nessas leis divinas, e as consequências vêm a nós naturalmente. É a chamada Lei de Ação e Reação, ou Causa e Efeito, ou ainda Choque de Retorno. Ademais, tudo o que fazemos, de bom ou de mau, fica registrado em nosso corpo perispiritual, também no éter cósmico. As consequências podem até demorar a nos atingir, mas teremos a qualquer momento de voltar sobre nossos próprios passos e corrigir os nossos erros. Assim, nem prêmios nem castigos. Simplesmente

as consequências da vivência de cada um; a aplicação das leis divinas. Somos herdeiros de nós mesmos, sem a menor dúvida.

O perdão **não é a desobrigatoriedade** de corrigir o erro, mas a oportunidade de voltar e fazer certo aquilo que outrora se fez errado. Se assim não fosse, seria injusto para com aqueles que sempre agiram no bem.

Devemos perdoar sempre, pois o perdão nos liberta do ofensor. Não perdoar gera em nós um estado de negatividade; de densidade espiritual que nos é nocivo. O ódio também une, de forma que estaremos sempre ligados aos nossos desafetos, sofrendo todas as consequências desse sentimento. Curtindo ódio, mágoa, rancor, estamos abrindo nossas portas às doenças de difícil diagnóstico. Porém, o fato de perdoarmos não quer dizer que o ofensor não recolherá as consequências do seu ato anticristão. Nosso perdão, de coração, revela a fé na Justiça Divina. Aquele que ofendeu passará, sem dúvida, pelas três situações, a fim de neutralizar o mal causado:

- Arrependimento;
- Expição;
- Resgate ou compensação.

#### **Arrependimento:**

Por mais rude que seja a alma, chega o dia em que ela, pela força da Lei Evolutiva que rege o planeta, se sensibiliza e cobra

seus próprios erros. O arrependimento é o momento da conscientização, porém não basta apenas se arrepender. O arrependimento é o primeiro passo para a corrigenda do mal, mas não é tudo para o reequilíbrio com a Lei aviltada.

### **Expição:**

Em seguida vem a expiação em forma de sofrimento, de desconforto espiritual, de remorso pelo ato cometido. É espinho a lembrar sempre a falta cometida. Tal remorso abre as portas para as doenças psíquicas de difícil diagnóstico e também para os males físicos.

### **Resgate ou compensação:**

Finalmente vem a necessidade do resgate por meio do qual o ofensor terá de compensar todo o Mal praticado através de todo o Bem possível. *“A caridade cobre uma multidão de pecados”* – recordemos a afirmativa do apóstolo Pedro. Não há necessidade de se fazerem novos criminosos, pois a Lei Divina é sábia e age sempre com amor. Aí está o perdão do qual Jesus falou: desligar-se do ofensor; oportunidade de quitação; não mais os ensinamentos arcaicos como as penas eternas, que geram materialistas. No entanto, não há crime que fique sem resposta e consequência. A Lei alcançará o infrator onde quer que ele esteja, e ele será obrigado a resgatar as promissórias. Justo. Tudo é perfeitamente harmônico no universo.

### - 3 - Duas separações dolorosas

Um pouco mais sobre Michelle e Henry:

Michelle (hoje Clementine), que sempre tivera Henry a seu lado, não o acompanhara em sua evolução. Se se beneficiava de alguma luz para não viver em trevas, tal luz era a de Henry. Ela usufruía de uma luz emprestada. Na verdade, uma luz provisória, uma vez que o dono daquela luz, por decisão dos encarregados das reencarnações, fora impedido de continuar sendo seu lume naquela existência. Ela teria de acender seu próprio lume com esforço; sofrimento e renúncia.

Já foi bastante esclarecido que na Espiritualidade ninguém caminha com luz alheia. Em nosso incessante caminhar, por mais que ascendamos rumo à perfeição, faz-se necessário voltar ao palco dos nossos desacertos e saldar a dívida que deixamos em aberto. Só assim estaremos liberados para ganhar maiores alturas.

Muitas décadas depois de sua volta ao Plano Espiritual, Michelle encontrou Henry. Chorou ao abraçá-lo. Soube, então, que muito em breve voltaria a reencarnar para dar sequência à sua evolução e corrigir erros.

– Henry, perdoe-me. Agora compreendo que fui irresponsável e pequena.

Foi grande o choque que sentiram quando o mentor espiritual lhes comunicou:

– Na próxima reencarnação, você, Henry, não será mais o consorte de Michelle. Ela terá outro esposo não tão compreensivo e que também precisa passar por determinadas situações para seu reajustamento moral e espiritual. Michelle lhe deve reparação por equívocos passados.

Henry se entristeceu, pois amava Michelle, apesar do que sofrera com ela em existência anterior. Esperava poder transformá-la. Queria ter a felicidade de colaborar na sua purificação. Sentia que seu amor, mais dia, menos dia, haveria de trazer lume àquela alma imatura.

Ele, que já passara pelo cadinho de reencarnações dolorosas, soube, contudo, guardar serenidade diante da decisão do Plano Maior. Estava convicto de que, quando Michelle se despisse das ilusões, eles haveriam de ser felizes juntos. No momento, a orientação era esperar. Michelle, porém, ficou extremamente desapontada.

O Espírito continuou esclarecendo que Henry, em um plano superior, representaria um constante estímulo para que ela lutasse a fim de um dia ficarem juntos. Henry se manteve calado durante a explanação do Espírito. Não havia como contestar a sabedoria daqueles que enxergavam bem mais longe do que eles. A ele

acontecera o mesmo. Um Espírito amigo o tomara sob seus cuidados e o esclarecera quanto à realidade espiritual. Quem fora tal Espírito? Pelos caminhos intrincados das existências, esse Espírito amigo fora a mãe de Michelle em muitas de suas reencarnações. Há séculos, ela lhe pedira que tivesse paciência com a filha desnordeada e a ajudasse em sua evolução. Isso não representara sacrifício algum para ele, pois já amava Michelle.

Assim que o mentor se calou, Michelle deu curso às lágrimas. Revoltou-se. Seu corpo perispiritual tingiu-se de cinza, e, com animosidade mal contida, revidou:

– Vocês não têm o direito de nos separar. Somos almas gêmeas.

– Michelle, o que você entende por “almas gêmeas”?

– Ora, irmão Teófilo, todo mundo sabe que almas gêmeas são almas que nasceram uma para a outra. Uma completa a outra. Não é isso?

– Não, Michelle. Nenhuma alma foi criada pela metade para depois encontrar a outra metade que a tornaria completa. Deus não cria ninguém pela metade. O que se convencionou chamar de “almas gêmeas” não tem o sentido de uma criação incompleta; uma criação que dependeria do encontro de sua outra metade para só então se completar. Isso é folclore. Almas gêmeas são aquelas ligadas pelas afinidades; pelo amor.

Michelle se calou. Não porque tivesse entendido os argumentos de Teófilo, mas sim porque estava engendrando um plano: *“Se pensam que vou aceitar isso, estão enganados. Isso é maldade. Inveja... Querem me separar de quem poderá me ajudar no reerguimento espiritual. Não poderei viver sem Henry. Apesar de não ter sido a companheira que ele merecia, agora estou mais esclarecida. Tive minhas ilusões, meus equívocos, mas tudo passou”*.

Teófilo compreendeu que tal silêncio não era o de aceitação. Podia ler os pensamentos de Michelle:

– Minha irmã... Você se equivoca novamente. A rebeldia só lhe trará mais dor e decepções, porém você é dotada de livre-arbítrio. Faça o que acha que tem de fazer. Que Deus tenha piedade de você.

Henry, porém, convenceu-a a aceitar a nova existência conforme orientação dos seus superiores.

Assim, por intercessão de Teófilo, Michelle renasceu em uma família espírita que lhe deu bases seguras para um viver harmonioso, tendo recebido o nome de Clementine. A mãe, presença constante em sua nova vida, percebia-lhe as tendências negativas e chegava sempre na frente, orientando-a, explicando a finalidade da vida, os porquês de nossas sucessivas reencarnações,

a necessidade da evolução, da conquista da sabedoria, para a felicidade almejada.

Clementine aceitava e via coerência nos ensinamentos recebidos, mas não conseguia vivenciá-los o quanto seria preciso, pois os costumes do passado haviam criado raízes profundas e era necessária muita luta até vencê-los.

Nesta atual existência, escolhera não ser tão bonita para não reincidir nas quedas anteriores. Decidira até mesmo que mancaria ligeiramente da perna direita. Assim, quando conheceu Anselmo, um homem que valorizava antes de tudo a beleza física das mulheres, o defeito na perna seria mais do que suficiente para afastá-lo, no entanto, o fato de ela ter dinheiro e uma família diferenciada e influente na sociedade local, fizeram com que ele a desposasse.

Clementine julgara mesmo estar apaixonada por ele. Inconscientemente, sabia que tinha de recebê-lo como esposo; intuía que aquela redação fora escrita há muito tempo na Espiritualidade.

No dia de seu casamento ela chorou. Ao olhar-se no espelho, admitiu que estava radiante em seu vestido de noiva, contudo, vislumbrou de forma apagada o perfil de um Espírito que lhe provocou uma enorme comoção que a fez chorar copiosamente.

Quando quis falar, sua voz emudeceu. Assim, caminhou para aquele casamento que muito a faria sofrer.

De fato, tal união não lhe trouxe felicidade. Era um casamento expiatório. Suas lembranças, vez ou outra, voltavam aos “porões” da mente espiritual e em constantes sonhos ela se via envolvida com pobres enamorados que sofriam em suas mãos. Mas não entendia o porquê desses “mergulhos”, uma vez que desconhecia a complexidade da vida. Afastada da mãe que lhe era boa influência, havia negligenciado os estudos espirituais e quase sempre permitia que entidades ignorantes a influenciassem.

Assim, colhia o resultado de seu plantio. Castigo? Não! Claro que não! O Pai Criador não pune. Educa. Não quer “*a morte do pecador*”, mas sua redenção.

Cada vez mais, seu casamento ia caindo em desencanto. Anselmo era intransigente, insensível e egoísta. Quando Clementine aceitava sem recriminações seu modo inconveniente de ser, ele se aquietava, mas quando ela apontava seus erros e incoerências, se tornava agressivo.

Admirador da beleza feminina e metido a Don Juan, encantou-se com aquela jovem, ou melhor, aquela juvenzinha que tinha idade para ser sua filha, crescendo a indiferença que nutria por Clementine. Passou a tratá-la com mais agressividade. Pensava em separar-se dela, porém João Augusto obstava seu intento, pois

adorava a mãe e sofreria muito. Talvez chegasse mesmo a odiar quem a fizesse sofrer.

Percebendo as atitudes do pai, João Augusto o recriminava e mais se achegava à mãe a fim de poder diminuir sua dor.

Anselmo se debatia na dúvida. Reconhecia que Clementine era meiga e devotada à família, mas sentia nela um distanciamento amoroso que fazia seu orgulho se contorcer. Decidiu, então, que as virtudes da esposa não impediriam a separação. Naquela noite falaria com ela.

– Clementine, precisamos conversar.

– É tarde e estou cansada. Tive um dia cansativo; não quer deixar para amanhã?

– Não. Precisa ser hoje. Agora! Não dá para protelar mais.

Clementine acendeu a luz e se sentou na cama.

– Fale. Já imagino o que seja...

– Melhor assim. Dessa forma não se chocará muito. Bem... Acho que o nosso casamento chegou ao fim. Precisamos nos divorciar. Não estou feliz e creio que você também não.

Embora não se surpreendesse, Clementine sentiu uma dor fina lhe alfinetando a alma. Há meses sentia que o marido se afastava mais dela, do filho, do lar. Aquela seria somente mais uma decepção que ele lhe causaria.

– O que você disse? – perguntou, mais por não saber o que dizer.

– Isso mesmo que você ouviu. Preciso repetir?

– Não, não tem necessidade. Se é isso que você quer, assim será. Não posso dizer que foi bom enquanto durou. A única coisa boa do nosso casamento foi o nascimento de João Augusto.

– Não posso negar que você me fez feliz por algum tempo. Mas não me satisfaz como mulher. É muito “econômica” no amor. Não corresponde aos meus desejos.

– Não misture sexo com amor. Não tenho a menor tendência para aberrações sexuais. O sexo é algo sublime e não deve ser vulgarizado com invencionices esdrúxulas em nome do prazer.

– Eu me casei com uma santa! No casamento vale tudo, minha cara.

– Será? Já pensou que pode estar errado? O sexo não desvirtuado é um ato sacrossanto. Um ato de trocas fluídicas. Um ato de amor. Não há necessidade de se rebaixar com condutas extravagantes. Não sou e nunca fui santa, mas preservo-me do rebaixamento, ainda que seja com meu marido. Dar e oferecer prazer é uma coisa, vulgarizar a relação é outra.

– Bem, isso agora não vem ao caso.

– Um dia, talvez, você entenderá que amor é muito mais do que sexo. Nosso casamento está acabado porque você apostou todas

as suas fichas no sexo. E, quando a novidade virou rotina, quando eu não me rebaixei em relações inadequadas tão do seu gosto, você simplesmente esqueceu seus compromissos; seus deveres de pai e esposo.

Anselmo não encontrou nenhum argumento para rebater as afirmações de Clementine. Não estava à vontade:

– É claro que pagarei a pensão do menino e lhe darei todos os meses uma boa mesada.

– Aceito a pensão do nosso filho. É justo.

– Claro. Estarei sempre presente quando vocês precisarem de mim.

– Quanto à mesada para mim, não preciso. Voltarei a exercer minha profissão de enfermeira. Tenho uma boa reserva aplicada que me permitirá uma vida tranquila.

Clementine e Anselmo estavam sentados na cama, conversando, quando algo caiu na cozinha, assustando-os.

– O que foi isso?!

– Será que João Augusto se levantou e foi para a cozinha?

– Não, ele está dormindo. Eu o vi ainda há pouco.

– Não quer ir ver o que é? Será algum ladrão?

– Vou ver.

– Cuidado. Não acha melhor telefonar para a polícia?

– E dizer o quê?

Novo barulho, como se as panelas se chocassem umas às outras.

– Vá logo. Vou com você.

– Não. Vá para o quarto do João Augusto. Lá estará mais segura.

– Não. O amigo dele, o Wagner, está dormindo num colchão no chão e isso impede a porta de abrir por fora. E eu não quero acordá-los.

Anselmo muniu-se de uma vassoura e, com muito medo, foi verificar o motivo daquele barulho todo. Nada. Não havia ninguém na cozinha nem panelas se batendo, como ouviram.

*“Estranho. Ouvimos perfeitamente. Pensei que encontraria a cozinha na maior bagunça, mas está tudo conforme deixamos...”*

Assim pensava quando percebeu uma sombra amorfa confortavelmente sentada na cadeira. Seu corpo todo se arrepiou e ele, voz trêmula, perguntou:

– Quem está aqui? Quem é você?

Duda gostaria de poder esmurrá-lo e lhe dizer muitas verdades. Na impossibilidade, apenas lhe disse alguns desaforos.

Anselmo, que era médium sem educação mediúnica, pressentiu confusamente o que o Espírito falou e sentiu-se atordoado. Fez uma prece ligeira e correu para o quarto.

– “Covarde! Canastrão! Na hora do apuro apela para Deus” – riu Duda.

Clementine ficara em preces todo o tempo. Dali a pouco, Anselmo retornou.

– O que era? Você está pálido! O que aconteceu?

Para não assustar Clementine, ele nada falou sobre o acontecido na cozinha.

– Não tinha ninguém lá.

– Como? A cozinha está desarrumada? Vou descer para ver.

– A cozinha está em ordem. Vamos voltar para a cama.

– Vamos orar? Estou com um pressentimento de que isso é coisa de algum Espírito que quer nos assustar.

– É. Pode ser... Mas eu já rezei, continue você rezando. Minhas preces não são ouvidas mesmo...

– Não fale bobagem. Toda prece é ouvida.

– Não parece. Acho mesmo que elas não passam dessas paredes. Depois, vamos continuar nossa conversa. Seja o que for, espero que não continue nos interrompendo.

Clementine ajoelhou-se e orou fervorosamente. Todo medo que sentia desapareceu como por encanto. A prece sincera, feita com fé, liga-nos aos planos superiores de vida.

– Bem, agora vamos voltar ao assunto interrompido. Você estava me dizendo...

– ...que não preciso de pensão alguma. Vou voltar a trabalhar. Tenho minha profissão e não sou aleijada. Posso muito bem cuidar de mim.

– Bem, depois veremos isso.

– Quem é a mulher? Alguém que eu conheça?

– Creio que não.

– Qual o nome dela?

– Laura.

Anselmo não lhe contou que se tratava de uma garota de apenas 18 anos.

Clementine sofreu mais pelo orgulho ferido do que por amor. Naqueles anos de convivência, desenvolvera somente uma amizade fraterna pelo esposo. No íntimo, culpava-se por não ter conseguido fazê-lo crescer espiritualmente. Também começava a perceber que ela própria necessitava de crescimento espiritual. Juntos, na luta pela sobrevivência, na busca da paz espiritual, ambos deveriam ascender na hierarquia espiritual. Mas... promessas são promessas... E muitas vezes nos desviamos do caminho. Então a dor nos lembra e recomeçamos... A dor... Muitos pensam que é castigo, quando na verdade é consequência de nossa imaturidade espiritual.

Naquela noite, Clementine dormiu mal. Depois da conversa sobre o divórcio, Anselmo foi dormir no quarto de hóspede. Estava

feliz não apenas por ter conseguido falar com a esposa, mas muito mais porque ela aceitara a separação sem maiores questionamentos.

Ligou para Laura, embora o adiantado das horas. Estava ansioso para dar-lhe a notícia que certamente a deixaria satisfeita.

Laura atendeu, mas antes mesmo de dizer “alô”, Anselmo a ouviu discutindo e ofendendo alguém:

– Ora, não me amole! E tire essas mãos pretas do meu braço! Não se enxerga? Quem você pensa que é?

Falara sem se preocupar com a possibilidade de a pessoa do outro lado escutar, pois não tivera sequer a preocupação de tapar o bocal do telefone.

Anselmo ficou surpreso. Nunca ouvira dos lábios da amada expressões tão duras e racistas. “*A briga deve ser com a empregada.*”

– Alô. Quem é a esta hora? – falou, irritada.

– Olá, Laura. Estava discutindo com alguém? Você demorou a atender e eu ouvi. O que se passa? Quem está aí com você?

– Oi, amor. Eu estava brigando com a empregada, uma negra safada! – mentiu, pois era com a mãe adotiva que ela discutia.

A pobre mãe, varada por uma dor indizível, olhou-a com extrema piedade. Não. Não alimentava nenhum ódio por aquela menina que aprendera a amar. Ela e o marido tudo faziam para dar a ela

conforto e satisfazer-lhe as exigências, porém isso não abrandava seu caráter preconceituoso e mau; tampouco a fazia ser menos intolerante com eles. Laura simplesmente os desprezava.

O enamorado acreditou:

– Olha lá, amor, que você pode se dar mal. Ela pode te acusar de racismo e você será presa...

– Mas você é advogado e me livra, não é?

– Bem, o que quero lhe dizer é que estou muito feliz.

– Algum motivo especial?

– Sim, meu anjo barroco! Falei com Clementine e ela não se opôs ao nosso divórcio. Acho até que gostou!

Do outro lado da linha, Laura pensou: *“Ai, que brega! Anjo barroco! Nunca ouvi nada tão démodé!”*. Mas disfarçou:

– Que novidade boa, meu bem! Amanhã falaremos mais. Agora estou exausta!

– Não está feliz?

– Sim, mas não posso sair por aí gritando minha felicidade.

Anselmo sentiu-se um tolo. Um tolo sentimental que, na idade madura, se comportava como um garoto imberbe.

Percebera a agressividade de Laura, mas estava muito apaixonado para que isso fosse impedimento àquele relacionamento. *“Muito bom que Clementine não teve nenhum chique. Muito melhor assim.”* – Era nisso que tentava se

concentrar, mas a consciência o acusava e ele só conseguiu adormecer quando o sol já iniciava sua ronda no firmamento.

Duda, após o estardalhaço que fizera para assustar o casal, disse a si mesmo: *“Tomara que o Wagner venha sempre dormir aqui. Ele é médium e tem ectoplasma suficiente para me permitir brincar à vontade. Gostei de poder produzir aquela barulheira toda. Ah... Ah... Ah... Gostei de me tornar visível para o paspalhão do Anselmo... Acho que ele molhou as calças... Ah... Ah.... Ah...”*.

Depressa cessou seu riso: *“Ritinha, minha amada de todos os tempos. Ritinha... Clementine... Não importa o nome... Você é você mesma. Sempre linda. Continua querendo galgar a escada tão difícil que conduz ao Céu... Por isso não pode ficar com esse imbecil do Anselmo. Ele não valoriza seu caráter ímpoluto. Eu estou lhe fazendo um favor, não vê?”*.

Enquanto assim pensava, a prece amorosa de Clementine o atingia.

## - 4 - Respostas da vida

Em uma de suas existências, no final do século XVI, Clementine – então com o nome de Arminda e ainda vivendo uma vida qual doidivas – tivera uma filha a quem passara seus valores equivocados. Ensinara a pequena, tão bonita quanto ela, a tirar proveito da beleza e nunca entregar seu coração a quem nada tivesse em bens para lhe oferecer.

Pelos caminhos da vida, essa filha era, hoje, a jovem inconsequente Laura.

Nossas ações têm efeito bumerangue: vão e voltam ao emissor. Passe o tempo que passar, um dia as contas nos serão apresentadas. Com juro e correções. Nada mais justo.

Clementine não culpou o marido nem Laura; tampouco pensou em se vingar deles. Na intimidade da alma, sabia que não estava isenta de culpas naqueles acontecimentos. Na sua dor, procurou confiar em Deus e aceitou seus desígnios. A voz silente da alma lhe dizia que o Espírito companheiro e amigo a esperava em outro plano de vida; que Anselmo lhe servia de instrumento de redenção; que, ao mesmo tempo em que o ajudava, ajudava-se a si mesma. No momento era preciso reequilibrar-se com a Lei Divina desrespeitada. Assim, não ofereceu entrave à separação, mas lamentou e condoeu-se do marido, pois sabia que ele aumentava

seus débitos no banco da vida, uma vez que nem havia ainda saldado as dívidas passadas e já contraía outras.

Dois Espíritos vingativos, Duda e Edvaldo, haviam se infiltrado naquele lar conturbado.

Sintonizando-se com as vibrações grosseiras deles, Anselmo podia captar suas sugestões malévolas. Clementine também sentia suas presenças, todavia não podia fazer nada além de se manter vigilante e se proteger por intermédio de preces e ações no bem. Sabia que vibrações semelhantes se atraem e que os desencarnados podem vasculhar a região mais abissal de nossa alma.

O protetor espiritual do casal bem pouco podia fazer para neutralizar a ação das trevas, porque a sintonia espiritual de Anselmo com os obsessores favorecia a ação desses Espíritos vingativos. Em relação a Clementine e João Augusto, porém, os obsessores se mantinham discretos.

O livre-arbítrio é a sabedoria se manifestando. Se, por um lado, nos deixa agir conforme nossa vontade, por outro, devolve-nos os resultados doloridos das ações negativas e as conseqüências gratificantes das atitudes positivas. É da Lei Maior.

Tais obsessores não estavam ali por acaso. Tinham laços relevantes do passado que os uniam. É por demais comentado que o ódio e o desamor também unem. Não foi em vão que Jesus

recomendou: *“Antes de fazer sua oferenda, procure seu adversário e se entenda com ele enquanto ele estiver passo a passo contigo”*.

A união por intermédio de sentimentos negativos gera uma situação nociva tanto ao ofensor quanto ao ofendido que não soube perdoar e se desligar de tal influência. Ambos se envolverão em energias densas que são portas abertas a toda negatividade física e espiritual.

Infelizmente, a história sempre se repete. Quando desencarnados, testemunhas vivas da sobrevivência da alma, suplicamos por uma nova oportunidade para voltar e corrigir. Movemos céus e terra para arranjar um lar que nos acolha como filhos; que nos eduque para uma vida cristã. Rogamos. Prometemos. Estamos munidos das mais puras e louváveis intenções de soerguimento moral/espiritual. Sabemos que o erro foi feito e que nos compete repará-lo. Porém, assim que reencarnamos, logo que a cortina se fecha sobre nossa mente, voltamos aos velhos hábitos. Não lutamos o suficiente para arrancar de vez as raízes das ervas daninhas que nos botaram a perder em existências pretéritas, e agora se encontram fortalecidas. Simplesmente nos deixamos levar pelas coisas do mundo, que falam ainda muito forte em nós. Valorizamos os títulos acadêmicos, a boa vida, a posição social, a roda de amigos debochados e beberrões. Desse modo, todos os

planos de renovação espiritual vão ficando para mais tarde.  
*“Aproveitar o aqui e o agora, porque não sei o amanhã.”*

O tempo não espera ninguém. Caminha célere. Os dias passam sem que os vejamos; os meses voam; os anos nos surpreendem com sua volúpia vertiginosa de varar os espaços; os séculos correm... correm... Os milênios chegam e se vão... E nós... correndo atrás de quimeras; de ilusões que são fumaça a espraíarem-se, diluindo-se ante nossos olhos surpresos. De volta ao lar espiritual, quedamo-nos envergonhados por não termos sequer iniciado nossa lavoura no Bem.

Laura era um Espírito belicoso. Sempre quisera renascer bonita. Detestava tudo que não tivesse beleza. Ela própria se lhe rendia culto; como Narciso, admirava-se e estava enamorada da própria figura. E Anselmo era-lhe muito parecido. Amava a beleza; a beleza física. Não se importava com a beleza da alma, que é a autêntica; que não envelhece; ao contrário, que é cada vez mais perfeita.

Laura era tal qual Anselmo, uma alma pequena. Seus pais adotivos não haviam tido êxito em sua educação. Os Espíritos que nos chegam ao lar na qualidade de filhos esperam que nós os tornemos melhores. Não são eles bibelôs delicados; enfeites do lar, motivo de orgulho, mas criaturas que precisam de nosso apoio e que, antes de serem nossos, são filhos do Altíssimo.

Infelizmente, muitos pais modernos estão mais preocupados com a ciência do mundo do que com a ciência da alma. Preocupam-se com a formação profissional, por meio da qual teoricamente um bom salário estará garantido, mas não se preocupam com o desenvolvimento espiritual e moral. É claro que não estamos fazendo apologia à negligência para com o plano material. É claro que não! Estamos tão somente alertando quanto à necessidade de lutar pela conquista de ambos, mas com prevalência dos valores espirituais, pois que são eles eternos; os que realmente seguirão conosco ao deixarmos a vida física. Viver só para as necessidades do corpo é amortilhar a alma.

## - 5 - Laura, uma loura ilusão

Antes do casamento infeliz, não faltou ajuda espiritual a Laura para livrá-la de cometer aquele erro. Damos um certo trabalho aos anjos da guarda que, bondosos e já livres da ilusão da matéria, tentam nos chamar à razão. Conselhos desses Espíritos amigos quanto à inconveniência da passividade com que aceitava a convivência com irmãos trevosos nunca deixaram de ser dados a Laura, mas eram advertências que encontravam ouvidos surdos.

Embora tenhamos o nosso livre-arbítrio para agir de acordo com nossa vontade, a fim de não inculpar ninguém pelos nossos desacertos, não nos faltam orientação e amor dos Espíritos amigos para que evitemos a dor. Todavia, quando se percebe que de nada adianta, deixa-se que a própria dor se encarregue de ensinar. E essa professora nada tem de bondosa ou paciente.

Em uma última tentativa, seu anjo da guarda lhe promoveu um encontro com a melhor amiga, uma jovenzinha como ela, a quem Laura costumava fazer suas confidências. Seu anjo, ou guia protetor, estaria presente e inspiraria a amiga a fim de que suas respostas pudessem esclarecer sua protegida quanto à inconveniência de tal situação.

– Sandrinha, acho que estou conquistando um homem lindo. Lindo e rico! Já viu combinação melhor? Pena que o traste é

casado!

O anjo da guarda de Laura postou-se atrás de Sandrinha e a envolveu.

– Veja lá, amiga. Não vá se meter em encrencas!

– Não, Sandrinha... Não sou boba...

– Já vi muita gente esperta se dando mal na vida. Essa sua mania de grandeza... Sei não! Cuidado! Se ele é casado, você está entrando numa fria. *Cai fora*, Laura.

– Que nada! Nós temos que aproveitar a vida, amiga! Você, casmurra desse jeito, ainda vai ficar para titia.

– Ei... Acorda, Laura! Desde quando agir com responsabilidade é casmurrice? E qual o problema se eu não me casar? Ficar correndo atrás até de homem casado não é do meu feitio.

– Ora, casado... Malcasado, isso sim.

– Você deu agora para julgar as pessoas que nem conhece? Laura, Laura... Acorde enquanto é tempo. Você está plantando espinhos e vai se ferir!

– Qual nada! E você... não arrumou ninguém, ainda?

– Não. Hoje em dia não temos necessidade de trazer um marido a tiracolo. Não quero um marido a qualquer preço. Não mesmo!

– Acho que você está sendo radical.

– Não. Estou tentando fazer você ver que a vida pode cobrar caro as atitudes insensatas. Não vê que está destruindo um lar?

– Eu não! Que culpa posso ter se ele não ama a esposa? Se é a mim que ele quer?

– Aposto que foi você quem deu em cima dele.

– Que jeito de falar! E se foi? Você está querendo *queimar meu filme* ou é impressão minha?

Eram amigas e confidentes. Sandrinha, apesar de ter a mesma idade de Laura, era mais madura espiritual e moralmente. Sempre recebendo a inspiração do anjo da guarda, respondeu:

– Cuidado! Você está brincando com fogo! Pode se queimar numa hora dessas. “Quem planta vento colhe tempestade”!

– Nossa! Isso é jurássico! Você está convivendo muito com as senhoras do século passado! Me poupe!

Uma ponta de raiva ameaçou quebrar a sintonia de Sandrinha com o guia protetor de Laura.

*“Sandra, lembre-se de que só nos ofendemos quando o orgulho fala mais alto. Quando nossa intenção é ajudar, nada do que o opositor disser nos fará silenciar. Não valorize a opinião de um Espírito imaturo. Pense nela com caridade. Um dia todos nós já nos equivocamos...”* – falou mansamente o anjo da guarda.

Sandra sentiu a vibração daquele ser. Compreendeu, embora nada ouvisse.

Laura jogou a vasta cabeleira loura para trás:

– Ora, Sandrinha! Não é pecado querer o melhor para si. Vai me dizer que você não quer?

– Não é errado, desde que suas pretensões não firam ou prejudiquem outras pessoas. E sei que esse não é o caso. Trata-se de um homem casado. E com um filho, certo?

– Lá vem você com essa mania... Casamentos se desfazem. Vemos isso a toda hora. Se ele de fato amasse a esposa, não a trocaria por ninguém.

Selena, a irmã de Sandrinha que ouvia a conversa, embora não simpatizasse com Laura, não resistiu e entrou no assunto:

– Laura, então você vai desencalhar? Quem é o infeliz? – disse, rindo.

– Que modos, Selena! Alguém chamou você para participar da conversa?

– Não preciso de convite, Laura. Estou na minha casa.

O Espírito Duda, que havia seguido Laura até ali e que não via o anjo guardião, envolveu Selena: *“Não seja tola, garota. Assim acabará afastando Laura de você. Conquiste a amizade dela. Só assim poderá opinar, aconselhá-la a aproveitar mesmo a vida”*.

Selena era dois anos mais velha do que Sandra e completamente diferente da irmã. Estava mais para irmã de Laura do que de Sandra, pois também só pensava em aproveitar a vida e

tudo de bom que ela pudesse propiciar. Assim, captou a sugestão de Duda e modificou seu discurso:

– Ora, creio que não estou sendo uma boa anfitriã. Não ligue, Laura. Hoje estou na TPM. Mas que bom que você vai se casar! Parabéns. Seja muito feliz.

Laura agradeceu os votos de felicidade e aceitou as desculpas:

– Pois é, Selena, estava aqui justamente contando para a Sandrinha que fisguei um cara de grana. Tá certo que é meio velho; vai completar 42 anos, mas está em ótima forma e muito bem de vida.

– Que danadinha! Só comigo não acontece uma coisa assim...

– Talvez você não esteja se empenhando... Olhe, Selena, posso te apresentar um amigo do Anselmo, meu velho apaixonado!

– Ora, Laura, 42 anos não é velho! Mas o meu tem de ser charmoso e também rico! Se não, nada feito.

– O Dr. Paulo é tudo isso. Só que tem uma coisa...

– Que coisa?

– Também é casado.

– Para mim não faz diferença.

Risos.

Sandra, pensando na imaturidade das duas, comentou:

– Eu não teria paz de consciência se fizesse isso.

– Eu não dou a mínima para a minha consciência – admitiu Laura.

– Eu faço a minha calar as trombetas – riu Selena.

– Um dia vocês vão se dar muito mal... Nossa consciência é nosso juiz.

– Xiiii! Não venha dar uma de irmã Paula!

Sandrinha pensou um pouco antes de continuar falando. Valeria a pena “gastar vela boa com defunto ruim”? Argumentar com aquelas duas desmioladas? Achou que sim. Deveria esclarecer sempre que possível. E, afinal, Selena era sua irmã. Desmiolada, mas sua irmã. E Laura era sua melhor amiga.

Discorreu por algum tempo, tentando esclarecê-las, procurando fazê-las entender que a vida verdadeira não é esta que estamos vivendo, mas a espiritual.

Laura franziu a testa e fez um sinal negativo com a cabeça. Depois disse:

– Sei não. Nunca gostei de pensar na outra vida. Esta já me basta.

– Sabe o que é isso?

– O quê?

– Isso é preguiça mental. Acomodação. Ter de meditar dá certo trabalho, né? O homem primitivo jamais meditava porque não tinha cérebro para isso.

– Pronto. Aula de Pré-História... – disse Selenia. – Sandra continuou:

– E se tiver de mudar seus conceitos, então?

– Lá vem você. Uma sabichona... – respondeu Laura.

– Minha querida irmã sempre foi sabichona, Laura.

– Não sou sabichona. Só me interesso em aprender e evoluir, pois sei que para isso renascemos. Talvez a vocês falte uma boa orientação religiosa. A vida não é só feita de prazeres. Temos nossos compromissos...

– Ora, ora, sua boba! Desde quando religião salva alguém? – disse Laura com ironia.

– Sei que não. Não basta dizer: “sou desta ou daquela religião”. Religião é apenas um caminho. O que importa é a vivência das Leis Divinas.

– Mas existem caminhos tortuosos, incoerentes. Eu já me decepcionei por mais de uma vez.

– Talvez você tenha seguido um caminho equivocado...

Laura, impaciente, não a deixou concluir:

– Ah... que papo mais careta! Até parece uma vovó falando.

– Um dia vocês duas vão aprender. Quando tiverem algum tempo para estudar coisas mais sérias em vez de ficarem no computador desperdiçando tempo na internet e se imiscuindo na vida dos outros.

– Está enganada. Tem muita coisa séria na internet.

– Sei que tem, Laura, mas pelas coisas sérias da internet você não se interessa. Já lhe mandei sites sérios que você sequer abriu para dar uma olhada.

– É que assuntos sérios são pra gente que gosta de filosofar.

– Boa, Laura! Eu diria ainda: É pra gente velha que não tem outros prazeres na vida – completou Selena dando risada.

– Eu não diria pessoas “velhas” e sim pessoas “mais lúcidas”. Sejam de que idade forem. Eu não sou velha e gosto muito de assuntos sérios que me acrescentem valores positivos. Claro que vez ou outra também perco algum tempo com bobagens. Mas sempre que me pego jogando conversa fora procuro modificar a onda dos pensamentos.

– Uau! Que demais! Uma jovem com profundas considerações filosóficas de gente madura... Assim não dá!

Muitas vezes nossos guias protetores se valem de nossas amizades para nos despertar para os valores espirituais. Desde que as amigas se encontraram, o anjo da guarda de Laura procurava, por intermédio de Sandra, esclarecê-la em relação às responsabilidades diante da vida, sem, contudo, lograr êxito. A falta de afinidade, a diferença de frequência das vibrações são empecilhos difíceis de superar. Para maior dificuldade, o Espírito

Duda estava presente, e suas vibrações casavam-se perfeitamente com as de Laura, impedindo que ela raciocinasse.

– Hoje você está muito crítica pro meu gosto. Não quer saber a última novidade sobre meu novo *apaixonado*? Vim doida para te contar e você me vem com esse *conversê* todo.

– Estou doidinha para saber detalhes – disse Selena.

Sandrinha balançou a cabeça:

– Conta. Sei que não adianta querer botar algum juízo na sua cabeça.

– Então... Sabe aquele bonitão e rico com o qual tenho saído ultimamente?

– Sei. Mas você mesma disse que ele é casado. Tem mulher e filho!

– Sim, é casado, mas, como eu já falei, ele não ama a esposa. Ele disse que por minha causa vai se separar dela. Quer ficar comigo... Casar, entende? Eu deixei bem claro que não faço programas; que sou moça de família e que sem papel passado ele não tem a menor chance.

– Mandou bem, menina! Isso mesmo, precisamos nos valorizar – disse Selena.

Sandrinha arregalou os olhos:

– Meu Deus, Laura! Sempre o velho truque do “não me dou bem com minha esposa”, “não sou feliz...”. Isso já é manjado, não

percebe? Quando a ilusão dele passar, você será descartada também!

– Anselmo não faria isso. Confio nele... ou melhor, *confio no meu taco*. Ele gosta de mulher bem jovem... e eu tenho só 18 aninhos incompletos. O coitado está aqui ó, comendo na minha mão – fez o gesto característico.

– Laura! Não destrua assim um lar! Ponha-se no lugar da esposa dele!

– Não faça drama, Sandrinha. Está com inveja? Você gostaria de estar no meu lugar, isso sim.

Sandra corou:

– Não seja tola! Nem por um segundo gostaria de estar no seu lugar!

– Olha, não posso acreditar. É claro que você gostaria de fazer sucesso com os homens, como eu faço. Não precisa disfarçar.

Sandrinha teve pena sincera da amiga. Estava decidida a ficar calada, quando o amigo espiritual de Laura colocou ambas as mãos sobre sua cabeça. Então Sandra disse:

– Como você pode ser tão imatura? Tão desconhecedora da realidade espiritual!? Sofrerá muito até perceber que beleza não é tudo. Então, talvez seja tarde. O estrago já estará concluído e você responderá por cada lágrima que tiver feito derramar. Pense, Laura! Cultive um pouco de amor e bom senso nessa sua cabeça! A vida

passa depressa! E sabe cobrar nossos erros, nossa falta de amor. Dezoito anos é tempo suficiente para ter algum juízo!

– Nem parece você falando, Sandrinha! Sei que de boazinha você não tem nada! E fica aí dando uma de santinha! Santinha do pau oco!

Apesar do desânimo que lhe feriu a alma sensível, Sandrinha revidou:

– Afirmo que estou feliz assim como sou. Não tenho seu charme, sua beleza, mas minha paz de espírito é muito mais importante do que tudo isso. Sei que estou bem longe de ser santa, mas procuro não comprometer minha alma. Não desprezo as boas coisas da vida, mas aproveito-as com responsabilidade. Sem ferir ninguém.

– Vou fingir que acredito.

– Laura, jamais gostaria de trocar de lugar com você. Ter um dia de me defrontar comigo mesma e com a justiça divina. Sabe que a beleza é uma das provações mais difíceis que existem? Quantas desgraças a beleza física pode trazer à alma desatenta...

– Então é errado ser bonita? Devo fazer uma plástica para ficar feia?

Selena riu alto. Laura imitou-a.

– Não ironize. É claro que não é errado ser bonita. A beleza só é perigosa quando a alma é feia. A beleza é a causadora de ilusões

que levam pessoas a cometer bobagens das quais um dia se arrependerão.

– *Affe...* Não quer trocar de canal? – disse, sorrindo.

– Chamo sua atenção porque quero seu bem. Sei que você se ilude com coisas passageiras. Hoje você está bonita, mas amanhã, quem poderá dizer? E quando a idade chegar... vincar seu rosto... seus olhos perderem o viço, o corpo se dobrar... O que lhe sobrar, hein?

– Você só faz perguntas difíceis. Aliás, hoje você parece mais uma freira idosa e desiludida da vida. *Sai fora!*

– Não fuja do assunto. Eu lhe digo o que sobrar: Dor. Desilusão. Desencanto.

– Não é errado querer ser feliz. Lutar pela felicidade. Eu que não vou ficar esperando a felicidade ir a minha casa me buscar. Pelas coisas que já aconteceram comigo, acho que ela nem sabe que eu existo.

– Laura, podemos lutar, sim, para ter felicidade, porém jamais a teremos à custa da infelicidade alheia. Quando tiramos a paz de uma pessoa, alguém lá na frente tirará a nossa. Isso temos visto todos os dias, não estou inventando nada.

Sandrinha ia dizer mais alguma coisa, mas Laura se antecipou:

– Olha, vamos parar por aqui. Quando quiser conselhos vou me confessar com o padre. Ele é mais compreensivo, sempre me dá

uma penitência leve e me perdoa.

– Outro erro, amiga. Ninguém tem procuração de Deus para perdoar o que quer que seja. Isso tem levado muitas pessoas, depois que passam do lado de lá, a se tornarem materialistas. E os encarnados, acomodados. “Ahnn... vou fazer isso, mesmo sabendo que é errado... Depois me confesso e sou perdoada” – Que ignorância das leis de Deus!

– O que você está falando?!

– Isso que você ouviu. Muitos assassinos, ladrões e maus elementos, porque se confessaram e receberam o perdão do padre antes de desencarnar, pensam que estão desobrigados da correção e da expiação do erro... Então sofrem as consequências e se revoltam muito ao perceber que o perdão do padre não valeu nada; que foram enganados; que a vida tem seus próprios métodos educativos. Isso tem feito muitos materialistas.

Laura coçou a cabeça. Pensar muito parecia incomodá-la.

– Quer saber? Não vou alterar meus planos por causa de sua conversa moralista. Eu, hein? *Tô fora!*

Sandrinha deu-se por satisfeita. Fora tomada por intrometida. Naquele momento a amiga não aproveitaria suas orientações, mas a semente ficaria lá. Quem sabe nas próximas chuvas germinasse?

Selena ficou pensativa. Estaria pensando no que ouvira da irmã?

O Espírito benfazejo afastou-se. Fizera o que fora possível sem impedir o livre-arbítrio de Laura.

Laura não entendeu, ou não quis admitir os conceitos justos da amiga. Duda estava feliz, pois impedira que ela absorvesse algum ensinamento. Queria-a impenetrável à orientação espiritual, pois ela deveria ser a mão que traria infelicidade a Anselmo.

– Como eu estava dizendo, Anselmo está *caidinho* por mim. O que mais os velhos gostam é exhibir uma mulher jovem e bonita. Pois então... Ele tem grana e só isso importa.

Sandra ficou um tanto decepcionada. Esperava que a amiga encerrasse o assunto e meditasse em tudo o que ela lhe falara movida pela inspiração.

– E você tem algum sentimento bom por ele?

– Ah... ah... ah... – riu com gosto.

– Responda-me. Tem algum sentimento que não seja o interesse no dinheiro dele? Amor?

– Amor por um velho que poderia ser meu pai? Ora, Sandrinha! E dinheiro... Quem não gosta de dinheiro?

– Principalmente dinheiro fácil, né? Não se importa com os sentimentos dele? Com a dor que causará à esposa e ao filho?

– E sou eu que deveria me importar? Ora essa! Ele não é nenhum adolescente imberbe. Sabe muito bem o que faz. Se já

enjoou da esposa... se quer variar... E ele não abandonará o filho.  
Pelo menos não por enquanto.

– Laura, não se esqueça do que me prometeu – lembrou Selena.

– Do quê?

– De me apresentar o tal Dr. Paulo.

– Pode deixar. Mas não facilite as coisas. Intimidade maior... só de papel passado.

– Anotado.

Laura olhou o relógio:

– Nossa! Já é tarde. Preciso ir.

– Fique mais um pouco. Deixe o seu “velhinho” esperando – debochou Selena.

– Velhinho, mas bem que você gostaria de ficar com ele.

– Não é fácil aguentar você e Selena juntas. Ô dupla! – disse Sandra.

Nesse ínterim, uma amiga de Selena chegou:

– Olá, meninas. Como estão? Selena, já fez o bolo que prometeu?

– Tenha dó, Darcley! Nem bem chega e já quer bolo?

Risos.

Quando Selena fez as apresentações, Laura olhou para a visita com cara de nojo. Fez de conta que não percebeu a mão estendida. Depressa, disse que precisava ir embora. Não se despediu de

Darcley. *“Negra! Como meus pais adotivos... Não suporto essa raça!”* – pensou.

Darcley não sabia o que dizer. Ficou muda. Sempre sofrera um preconceito disfarçado, mas assim, tão claro e acintoso, era a primeira vez.

– Ora essa! A Laura parece doida! Tem cada atitude! Por que será que saiu tão apressada? Parece que viu fantasma! – disse Sandrinha.

– A mal-educada me deixou com a mão estendida. Mas sei o porquê. Ela é mais uma racista metida a besta. *“Ela vai conhecer meu mano muito em breve”* – pensou, rilhando os dentes.

– Não fique magoada, Darcley. A Laura é uma tola pretensiosa. Ainda é uma criança inconstante. Algum dia ela aprende a ser gente.

Algumas lágrimas surgiram nos olhos de Darcley.

Anselmo encontrou Laura assim que ela saiu da casa de Sandra.

– Olá, meu bem. Não combinamos que você me esperaria na casa de sua amiga? Por que não esperou? Por pouco não nos desencontramos.

– Não suportava mais a conversa da Sandrinha. Depois chegou uma amiga da Selena, uma negra... – Laura não concluiu.

– O que tem demais ser negra? Você é racista, minha linda? Olha que isso dá cadeia, já lhe falei uma vez.

– Não é isso. Quer saber? Não vamos falar mais nesse assunto.

– Acho bom.

Desde então, Darcley passou a curtir um ódio feroz por Laura. Em casa, contou o ocorrido a seu irmão Cassiano.

– Então ela não gosta de negros, hein? Deixe comigo – disse o irmão, um negro de quase dois metros.

Darcley conhecia muito bem o gênio de Cassiano.

– Olha aqui, você saiu da cadeia ainda não faz seis meses. Não vá se meter em outra confusão!

O irmão limitou-se a dar um sorriso enigmático.

– Já me arrependi de lhe ter contado. Eu mesma deveria ter dado o troco àquela sonsa e não envolver você nisso. Esqueça o que lhe falei.

– Não esquentá. Fui condenado só porque sou negro. Você sabe que não roubei ninguém. Dois anos mofando naquela cadeia imunda! E eu era inocente. Mas me diga: como é essa sujeitinha?

– Ai, meu Deus. Por que fui contar? Você continua esquentado! Aquela branquela não merece que você passe mais alguns anos na cadeia.

– Calma, Darcley! Fique fria. – E saiu assobiando.

Depois de algum tempo, Anselmo se divorciou e se casou com Laura.

E assim se iniciava mais uma existência de desilusões e remorsos para aquelas almas imaturas que necessitavam de mais sofrimentos para viver com sabedoria e evitar as reencarnações dolorosas do futuro. Infelizmente, ainda necessitamos da dor para nos acordar.

\*\*\*

Um vulto se comprimia junto ao muro e reprimia a respiração como se tivesse medo de ser ouvido. Era o irmão de Darcley. Acariciou o pequeno punhal no bolso da jaqueta. Repassou mentalmente o que faria a seguir.

*“Esperei muito tempo para dar a resposta a essa petulante! Agora ela vai ver ‘com quantos paus se faz uma canoa’. Não gosta de negros, sua piranha?”*

Laura havia saído para encontrar-se com uma amiga, e o caminho a levaria diretamente para onde estava Cassiano.

*“Ahn... você vai pensar duas vezes antes de menosprezar um negro”* – pensava o rapaz.

Embora tomasse todas as precauções para não ser visto, o irmão de Darcley não conseguiu reprimir um espirro. Laura ouviu não só o espirro, mas também a blasfêmia que ele soltou e de repente o viu saindo detrás do muro e correndo em sua direção. Ficou ali, paralisada de medo.

*“Mas que droga! Quem será esse imbecil?” – pensou.*

Foi aí que Duda e Edvaldo entraram em ação. Duda empregou toda sua vontade e experiência e gritou bem alto no ouvido do homem:

*– “Polícia! Corra que a polícia vem aí!”*

Cassiano não conseguiu ouvi-lo com seus ouvidos materiais, mas pressentiu que algo saíra errado:

*“Maldição! Acho que vem gente aí... Não foi desta vez, sua racista nojenta!! Mas você não perde por esperar!”*

Laura ainda tremia. Duda aproximou-se dela e lhe disse: *“Não pense que salvei você do estupro porque sou bonzinho. É que tenho outros planos para você. Tem de me ajudar a acabar com o estúpido do Anselmo.”*

*“Você acha que ela escutou o que você lhe falou?” – perguntou Edvaldo.*

*“Escutar, escutar... não escutou. Mas teve uma impressão de que alguém a ajudou. É que uma alma sabe ler a outra. Você é bem ignorante das coisas do Espírito, né, Edvaldo?”*

Assim que pôde se mexer, Laura saiu correndo. *“Quem será aquele negro idiota? Cada uma que me acontece! Foi por pouco!”*

## - 6 - A dor não é uma imposição de Deus

Logo após o divórcio de Clementine, seu pai regressou ao Mundo Espiritual. Ela se revoltou. Sofreu aquela separação como se alguma coisa tivesse se quebrado dentro de si. O desencarne do genitor viera somar mais um golpe a seu espírito combalido, pois ele compreendia sua alma e era seu amigo desde antes de ser seu pai.

Naqueles momentos de dor, voltou a frequentar a Casa Espírita, o que lhe foi de grande valia. Compreendeu e sentiu que chegara ao fim a missão do pai e que ele estava voltando à Pátria Espiritual, para a qual todos nós regressaremos um dia. Não poderia ser egoísta e querer prendê-lo à família terrena. Àquele que cumpre sua pena, as portas da prisão são abertas. Ele daria sequência à sua evolução num plano menos agressivo. Seria como uma promoção pela vida digna que sempre tivera. Quando a saudade machucava seu coração, a mãe a reconfortava:

– Clementine, minha filha querida... não deixe que a saudade torne você depressiva. Ele se foi. Provisoriamente estará longe de nós, mas virá, sempre que possível, nos visitar. E nós, durante o repouso do corpo, também poderemos estar junto a ele. A misericórdia de Deus é imensa.

– Não posso evitar a depressão. Anselmo me abandonou... Agora meu pai se foi. É muito para mim, mãe.

– Não pense dessa forma. Suas vibrações de desespero e inconformismo poderão atingir seu pai e ele sofrerá. Quer isso para ele? Não acha melhor demonstrarmos o nosso amor com preces em seu favor? Ele agora precisa de orações para se reequilibrar do trauma da desencarnação. E nós temos o João Augusto, um menino amoroso. Ele sofrerá mais ainda se vir seu sofrimento.

Clementine calou suas queixas. Por nada deste mundo queria perturbar o sossego daquele a quem tanto amava.

– Desculpe-me, mãe. Você tem razão. Sabemos que a morte não existe; que essa transição faz parte da vida; que é renovação necessária. Aprendemos que a vida não começa no berço nem termina no túmulo, não é? Lembro-me do papai sempre dizendo isso. Pena que não tive a paciência necessária para aprender com ele.

– Estou feliz por você ter compreendido. Podemos chorar, sim, pois a ausência de quem amamos é sempre muito dolorida, mas cuidemos para que nossas lágrimas não sejam como a chuva ácida que destrói a plantação.

– Você quer dizer...

– Que chorar é bom, alivia, tira o peso da dor, porém o choro não deve ser de desespero, de falta de fé, de revolta. Compreendeu?

– Compreendi. Quando a saudade se fizer mais intensa, tentarei abrandá-la com recordações positivas. Você e João Augusto agora

são tudo que tenho.

– Não é verdade. Temos Deus, nosso amoroso Pai. Temos Jesus, nosso divino irmão maior e amigo incomparável. Temos nossos amigos espirituais que não nos abandonam nunca!

Clementine admirou-se da sabedoria nata de sua mãe. Ela nunca cursara nenhuma faculdade. Sabia ler e escrever razoavelmente, mas sua cultura espiritual era enorme. Lembrou-se da alegoria das duas asas: uma da intelectualidade e a outra da sabedoria espiritual. Inteligência e amor. Ambas devem se desenvolver a fim de que se possa voar alto. Qualquer diferença entre elas impede nossa subida. Com ambas desenvolvidas e harmonizadas, alcançaremos alturas inimagináveis.

– Mãe, você se lembra da alegoria das duas asas? Uma da sabedoria e a outra do amor? Pois é... Sua asa do amor já está muito bem desenvolvida.

– Que nada. As duas estão ainda bem mirradas, minha filha.

Risos.

Nossa vida é feita de fases. Após grandes sofrimentos temos algum armistício, para recuperar as forças, afiar as armas e voltar à peleja. Evoluir é preciso. Sofrer não é preciso. Sofremos porque ainda carregamos conosco energias densas que propiciam doenças e inconformismos; sofremos porque ainda não aprendemos o caminho que nos desvia delas. Mas... nada é para sempre.

\*\*\*

Anselmo e Laura casaram-se logo após o divórcio ser efetivado. Viveram de amor e sorrisos por um bom tempo, mas a rotina e o maior conhecimento, por parte de Anselmo, do verdadeiro caráter de Laura depressa começaram a destruir aquele relacionamento.

Enquanto o novo casal se digladiava, Clementine, João Augusto e a avó do garoto viviam uma relativa paz. Ainda havia dor? Havia. Mas a compreensão de que existem motivos para os nossos sofrimentos gera alívio. É o bálsamo sobre a ferida. E Clementine e sua mãe bem sabiam que tais sofrimentos deveriam ter uma razão; não eram impostos pela maldade de Deus, pois Ele não é sádico e nos ama. O sofrimento, quando bem suportado, é a fase que propicia crescimento ao Espírito. Deus não o impõe a nós. Ele apenas o permite para nossa educação, pois sem ele cairíamos na inércia.

Nem um ano se passara da partida do pai de Clementine e sua mãe o seguiu. Seu coração de filha se partiu na dor de mais uma separação. Seria ela tão forte para suportar mais uma ausência? Estaria Deus sendo justo ao levar-lhe o pai e agora a mãe? E por que permitira que o marido a abandonasse? Era demais!

*“Ora essa... nem santo aguenta isso! Começo a duvidar dos ensinamentos recebidos na Casa Espírita. Será que tudo não passa*

*de uma ilusão? Uma ilusão para continuarmos vivendo e sofrendo?”*

Clementine deixou-se levar pelo desânimo. Nem a companhia do filho era suficiente para tirá-la do mutismo. Rebelara-se contra Deus e com Ele vivia às turras, duvidando de sua justiça e de sua misericórdia. Mais uma vez, deixou de frequentar a Casa Espírita, e fez de seu coração um baú de dores. Dessa forma, permitiu a intromissão de companhias indesejáveis como as dos Espíritos Duda e Edvaldo.

João Augusto sofria pela mãe. No período em que frequentavam a Casa Espírita, todos estavam mais serenos, pois Clementine tinha sempre palavras esclarecedoras ante as agruras do caminho, mas agora a depressão voltara. Na verdade, ela abrira as portas para as perturbações de Espíritos infelizes que se compraziam com a sua dor.

## - 7 - Casamento e responsabilidade

As últimas claridades do sol se enroscavam nos fiapos de nuvens.

As crianças, na algaravia que lhes é peculiar, ajeitavam às costas suas mochilas. Mais um dia de aula. Agora era voltar para casa, tomar banho, fazer a lição e jantar.

Quieto e casmurro, João Augusto não demonstrava nenhuma pressa em sair da escola. Já sabia quem o viria buscar naquele dia. A figura do pai sempre o intimidava. Não que ele fosse mau pai; ao contrário, fora sempre amoroso e prestativo. Até que certo dia – lembrava-se – o surpreendera discutindo com a mãe. As lágrimas desciam pelo rosto abatido dela, enquanto o pai tentava se justificar de alguma coisa. Na sua inocência, concluía que a mãe havia feito alguma coisa errada, e o pai a repreendia. Somente bem mais tarde compreendera o real motivo: ele estava forçando uma situação a fim de pedir o divórcio. Havia-se apaixonado por outra mulher e pretendia sair de casa. A mãe nada dissera. Calara-se em sua dor. Apenas lembrara ao marido da existência do filho ainda tão necessitado de sua companhia. A separação se dera, pois Clementine seria incapaz de ficar com alguém cujos pensamentos e desejos estivessem voltados para outra pessoa. Era muito digna

para mendigar o amor de alguém. Porém, o sorriso sumira de seus lábios.

Ele se sentira órfão desde então. O sentimento de amor pelo pai mesclara-se com a revolta contida. Era, ainda, uma criança e já decalcara a dor em seu coração.

Naquela semana, ele ficaria com o pai, que o esperava com uma pequena mochila. Abraçou o filho, que se manteve inerte.

– Olá, filho. Tudo bem? – Quis beijá-lo, mas o menino se esquivou. Desde a separação, nunca mais permitira que o pai o beijasse. Parecia-lhe que também estaria traindo sua mãe.

Anselmo apenas fez um sinal de compreensão. O filho era ainda uma criança de 12 anos e sua reação era normal. Acreditava que um dia tudo voltaria a ser como antes; que o filho seria seu amigo novamente. Contudo, quase um ano já se passara e a situação não sofrera qualquer alteração.

– Foi boa a aula hoje, filho?

Novamente não houve palavras. Apenas o sinal de positivo do menino, sem olhar para o pai. Este, já um tanto irritado com o habitual mutismo do filho quando em sua presença, falou, áspero:

– João Augusto, se você não quiser ficar comigo e com a Laura no fim de semana, se preferir ficar com sua mãe, eu saberei entender.

O garoto ia dizer que preferia, sim, ficar com a mãe, mas lembrou-se do passeio de barco que o pai lhe prometera para o domingo que se avizinhava. Pretendia levar uma colega, a Letícia, e iniciar um namoro com ela. Todos os seus amigos já namoravam e ele se sentia diminuído por não ter também uma garota. Então resolveu pôr fim ao silêncio:

– É que hoje não estou muito bem – mentiu.

– O que você tem? Está doente? – E colocou a mão na testa do filho.

– Não estou com febre. É só uma indisposição. Logo passa.

– Espero que não seja nada. Não vá estragar o passeio de domingo, pois a Laura não nos perdoaria.

Tentou rir.

Laura continuava interesseira e vulgar. Anselmo ainda alimentava a ilusão de ser amado por aquela menina que tinha idade para ser sua filha. A consciência às vezes o advertia, mas ele se justificava dizendo que tinha o direito de ser feliz; que logo seria um velho e que a vida não costumava oferecer duas chances para a felicidade.

Laura era coquete. Inconsequente. Mimada. Levava a vida como se estivesse atuando num palco e fazendo o papel principal. Em decorrência de seus pensamentos mesquinhos, vivia rodeada, espiritualmente, por infelizes desencarnados.

João Augusto pensou em Laura e sentiu uma pontada de revolta no coração. Estava conhecendo o ódio e isso lhe fazia muito mal.

Contristado, perguntou:

– A Laura também vai?

– Claro! Por quê?

Ele gaguejou:

– É que... bem... Eu tinha pensado em levar minha mãe. Ela gosta tanto de passear de barco na represa...

E emendou, um tanto irônico:

– Pelo menos no tempo em que éramos uma família feliz, ela gostava...

– Ainda somos.

– Não. Não somos.

Anselmo era um advogado bem-sucedido e com boa situação financeira. Seus negócios iam muito bem. Sedutor e de boa conversa, mesmo casado sempre fora disputado abertamente por belas mulheres, contudo, ele sempre resistira a tais assédios. Até conhecer Laura. Ela fora um furacão em sua vida. Revirara seus sentimentos, derrubara barreiras e o fizera decidir que ela seria sua mulher custasse o que custasse. Ainda que isso causasse sofrimento à sua família.

Passados os primeiros meses de união com aquela jovem frívola, um fato viera tisonar seus momentos de sonho: àquele amor

desenfreado somara-se uma sensação de angústia... desconforto... solidão. Tentando afastar esses sentimentos ruins, Anselmo concluíra que, na verdade, talvez como autopunição – estivesse inventando uma razão para o sofrimento. Tratara, então, de espantar depressa tais sensações. Não ficaria, jamais, acuado diante daquela vida que escolhera.

Enquanto dirigia, a presença do filho a seu lado fazia-o voltar a questionar se de fato agira certo correndo atrás de uma ilusão; agora lhe parecia evidente que aquela paixão não passara disso. E João Augusto o recriminava sem mesmo dizer uma palavra.

Já estavam chegando, quando Anselmo percebeu que estavam sendo seguidos. Ficou atento. Ao entrar na rua em que ficava sua casa, passou reto, não acionando o controle remoto da garagem como se não morasse lá.

– Pai, você passou por sua casa e não entrou! Por quê?

– Não fique com medo, meu filho, mas estamos sendo seguidos. Vou ficar dando voltas até ele ir embora. Quem será e o que estará pretendendo?

João Augusto olhou para trás:

– Pai... que estranho...

– O que foi? O que é estranho?

– Eu já vi esse homem que está seguindo a gente.

– Tem certeza? Quando e onde você o viu?

– Foi segunda passada. Lembra que você não pôde ir me buscar na escola e mandou a Laura? Então... Eu vi aquele homem caminhando na direção dela, mas bem na hora o diretor chamou ela pra conversar. O carro é o mesmo, tenho certeza: Gol vermelho, com um amassado na lateral. Acho que a Laura conhece o homem, pois ele não parava de olhar pra ela.

Anselmo levou um choque:

– Tem certeza, João Augusto?

– Tenho. É difícil esquecer o rosto dele. É negro e tem uma cicatriz enorme na testa.

– A Laura falou com ele, depois?

– Não.

*“Meu Deus! Será que a Laura se prestaria a isso?”* – Pensou Anselmo, prometendo a si mesmo que ficaria atento.

Percebendo que Anselmo era homem escolado e que não iria para casa para não lhe mostrar onde morava, o homem deixou de segui-lo, tomando outro rumo. Só então pai e filho entraram na residência.

– Filho, não comente nada com a Laura sobre esse homem que nos seguiu. Preciso tirar isso a limpo.

O menino deu de ombros e nada respondeu.

– Pai, podemos levar minha mãe junto no passeio de barco?

– Não acho uma boa ideia. A Laura é ciumenta e vai armar a maior confusão.

– Sei... Você se importa com os ciúmes dela e não dá a mínima para a alegria que minha mãe sentiria, não é mesmo? Tem tanto medo assim da Laura?

– Olha o respeito, menino!

– Como é mesmo aquilo que dizem? Ah! Me lembrei: Quem quer ser respeitado deve respeitar também.

O pai surpreendeu-se com a resposta rápida e coerente do filho. Mas estava muito abalado em decorrência do sucedido e nada respondeu. Sentira o ódio contido nas palavras de João Augusto. Balançou a cabeça e pensou: *“Maldita hora em que desfiz o meu lar por causa de uma tola ilusão”*. Nada disse, porém.

Entraram em silêncio. Laura penteava seu *poodle*, conversando com o cachorrinho que parecia entender seu carinho.

– João Augusto! Você parece pé de cana! Está cada vez mais alto, menino! E vejam só! Está me saindo a cara do Anselmo. Daqui a pouco posso até confundir um com o outro, hem? – brincou.

O garoto não respondeu.

Anselmo olhou demoradamente para Laura. Desde o carnaval do ano anterior ele vinha notando um certo distanciamento da esposa. Seu olhar assustadiço, sua displicência em casa e seu cuidado exagerado com a aparência quando saía... Nada disso lhe passava

despercebido. Anselmo não queria admitir, mas tudo levava a crer que Laura o estava traindo. *“Vou tomar algumas providências... Laura não tem esse direito.”* Depois se lembrou de que também ele traíra a esposa mesmo sem ter o direito. Justificou-se perante a consciência: *“Sou homem. É diferente!”*. Sabia que nada havia de diferente, que esse pensamento era fruto do machismo reinante em todas as épocas da humanidade.

Laura ajudou João Augusto a tirar a mochila das costas:

- Tudo bem? Pronto para o passeio de barco domingo?
- Eu pensei em levar, desta vez, a minha mãe.

Uma bofetada não teria causado maior dano. Laura indignou-se. Fulminou o garoto com seu feroz olhar. Depois se voltou para o marido:

– Anselmo, foi sua essa ideia, não foi? O que você pretende? Me humilhar? Provocar remorso em mim ao olhar aquela cara cheia de sofrimento? Uma mosca-morta é o que ela é! Se você a levar, vai se arrepender! Ora vejam só... Vai usar seu filho para tentar uma reconciliação? Que atitude mais covarde! Você se cansou de mim? Pois saiba que não vou arredar pé daqui! Não sou descartável.

Tais palavras vinham carregadas de indignação e revolta. Como que atraídas por tais vibrações, duas entidades sombrias, frequentadoras da casa, aproximaram-se. Laura sentiu um arrepio quando uma delas a abraçou, dizendo vulgaridades em seu ouvido.

Anselmo, desolado, tentou explicar, mas, diante da agressividade de Laura, desistiu. Sentiu-se estranho. E mais infeliz do que nunca. Desde a separação só conseguira ser feliz por momentos fugazes. Agora, era como se a alma quisesse abandonar o corpo; como se o ar lhe pesasse nos pulmões; como se viver não tivesse mais sentido. Amava, ainda, a ex-esposa? Concluiu que não. Pelo menos não aquele amor que um dia sentira. Com o passar dos anos, Anselmo e Clementine haviam se tornado apenas amigos, se tanto. Depois aparecera Laura e ele se sentira remoçar. “*A vida é curta, preciso aproveitar...*” – dissera a si mesmo naquela ocasião.

Foi João Augusto quem defendeu a mãe:

– Calma lá, Laura! Se tornar a ofender minha mãe, eu sou capaz de esganar você! E lave a boca para falar dela. Você... uma piranha... – Não conseguiu continuar. Lágrimas ameaçavam cair e ele não queria chorar.

Laura deu uma sonora gargalhada:

– Olha o pirralho metido a homem! Ora, moleque! Cresça e apareça!

– Vou crescer, sim. E não sou moleque! Já fiz 12 anos.

– Ai, que medo! Ó... Estou tremendo – e encenou uma tremedeira.

– Deve mesmo ter medo. Da próxima vez, vou fazer você engolir suas ofensas!

– Moleque bobo! Não tenho medo de você!

– Qualquer dia eu te mato! – gritou João Augusto.

– Parem! João Augusto, cale-se! Calem-se os dois! É inútil discutir com ela, filho.

O rapazinho teve vontade de agredir também o pai:

– Aí está, pai! Essa é a mulher pela qual você trocou a minha mãe! Uma fera enfurecida!

– E ele não fez uma boa troca? Acha que aquela sonsa pode competir comigo? – disse Laura, rindo.

João Augusto esmurrou a mesa. Chorando, pegou a mochila e fez menção de ir embora. Anselmo empurrou Laura para a cozinha e lhe falou com rispidez:

– Respeite minha família! Você não tem o direito de ofender Clementine e muito menos o meu filho!

Laura nada disse. Era esperta e sabia quando devia parar. Mais tarde se entenderia com ele. E, com certeza, para fazer as pazes ele lhe traria um presente.

Anselmo estava rubro de cólera:

– Filho, ela é quase tão criança quanto você. Não ligue. Vamos, me dê um abraço.

Em lugar do abraço, ele disse:

– Uma criança bem esperta que soube agarrar você, pai. Agora fica aí, com cara de sofredor. Daqui a algum tempo você estará

parecendo não o pai, mas o avô dela! Quero estar bem presente para rir de vocês.

O garoto gostaria de conhecer mais palavras ofensivas para agredir o pai e Laura.

Enquanto Anselmo olhava com indignação para o filho, Laura voltava da cozinha. E, debochando, disse:

– Meu avô!? Acho que isso não vai demorar. Cuide-se, Anselmo!  
Todos se retiraram.

Debaixo do chuveiro, Anselmo deu livre curso às lágrimas. Não era feliz. A ilusão se fora e deixara espinhos amarfanhando-lhe a alma. Seu pensamento voltou ao antigo lar e vislumbrou uma mulher meiga e carinhosa, a quem não soubera valorizar.

Enquanto isso se passava na vida de nossos personagens encarnados, os desencarnados se alegravam.

Risos. Deboches. O ambiente espiritual era dos piores.

– *Olha, essa Laura foi mesmo um achado! Aqueles cabelos louros que brilham ao sol deixaram Anselmo de “queixo caído”* – disse Edvaldo.

– *Olha lá, amigo Edvaldo. Acho que até você venderia a alma ao Diabo por uma menina como ela. Se estivesse ainda encarnado aposto que seria um rival do Anselmo.*

– *E você não, Duda?*

– *Eu não! Já me desiludi muitas vezes com essas tais. Louras, morenas, mulatas, ruivas, enfim, nenhuma delas me engana mais. Deus fez mal em tirar uma costela do Adão e criar essa praga chamada mulher. Não preciso delas!*

– *Xiiiiii... Agora tá querendo censurar Deus!?*

– *Só estou dando minha opinião...*

– *O fato é, amigo, que quando estamos deste lado, prometemos nos emendar, mas depois nos esquecemos. Não dizem os encarnados que “a carne é fraca”?*

– *Isso é desculpa de mau perdedor.*

– *É. Pode ser – redarguiu Edvaldo.*

– *Enfim, conseguimos nosso objetivo. Separar Anselmo de Clementine. Ele reencarnou junto a ela para progredir, para valer-se da boa vontade dela em evoluir e saldar suas contas no banco da vida... – disse Duda.*

– *Mas nós impedimos. Ele não merece uma mulher como Clementine.*

– *Clementine... A mesma Ritinha que tanto me fez sofrer.*

Edvaldo riu:

– *Dor de cotovelo, né? Ainda não esqueceu sua Ritinha de outros tempos... Ainda não a perdoou por ela ter ousado repudiar seu amor e preferido se unir a Stéfano, esse que aí está... o*

*estúpido do Anselmo. É claro que ela foi inteligente... Ele era melhor partido do que você.*

*– Vá se danar, Edvaldo! Você bem viu que bom partido ele foi. Abandonou-a ao primeiro “rabo de saia” que lhe surgiu no caminho.*

Essas eram as pobres entidades inimigas de Anselmo e que conviviam com ele. Não foi em vão que Jesus disse: *“Antes de oferecer sua oferenda vá reconciliar-se primeiro com seu adversário, enquanto todos estão a caminho...”*.

Desde o casamento de Anselmo com Clementine que tais adversários haviam passado a acompanhá-lo, praticamente se mudando para sua casa a fim de promover discórdia e levá-los à separação, o que não demorou muito a acontecer. Mas um deles, Duda, ainda não estava satisfeito.

Anselmo tinha de passar por tal prova, pois em outros tempos já cometera os mesmos deslizes. Essa grande provação também fazia parte do programa espiritual de Clementine. Ninguém consegue ascensão espiritual deixando para trás situações inconclusas. Quando os ensinamentos de Jesus forem compreendidos e vivenciados, o sofrimento desaparecerá da Terra.

O leitor poderá questionar: Então não se pode culpar os obsessores, pois eles vão ao encontro de nossas necessidades? Se João pune Pedro, se Geraldo pune João porque ele puniu Pedro, um outro punirá Geraldo etc., tal círculo vicioso não termina nunca?

Relembremos, ainda, um dos ensinamentos de Jesus: *“Há necessidade de que o escândalo venha, mas ai daquele por quem o escândalo vier”*. Vamos lembrar que a palavra escândalo à época tinha outro sentido. Significava qualquer ato desairoso. Justamente porque há necessidade de se reequilibrar com a lei divina ultrajada, o escândalo virá. O que temos de compreender é que a Lei não precisa de “justiceiros” para que se cumpra, mas, como todos somos seres em evolução, Deus permite que o homem “brinque” de juiz para o seu próprio aprendizado. Deus não o obriga a ser juiz, apenas se vale de suas imperfeições para proporcionar a corrigenda do outro. São, portanto, colaboradores inconscientes na aplicação da justiça, porém agem por conta própria. Ninguém lhes ordena a feitura do Mal. As consequências atingirão qualquer mão que se erga para ferir o próximo, seja esse próximo culpado ou não.

Anselmo poderia se livrar de tais inimigos se outra fosse sua postura diante da vida; se não estabelecesse sintonia espiritual com eles; se não olvidasse o poder do pensamento; se conseguisse conquistar sentimentos nobres... Haveria de sofrer, sim, mas tal sofrimento seria abrandado pela fé e pela compreensão das leis divinas. E tal postura ainda sensibilizaria seus inimigos de tal forma que poderia até reverter a situação, ou seja, eles passariam de inimigos a amigos.

Todavia, arrancar a erva daninha de nossos corações é um desafio difícil. Ela aprofunda suas raízes. Os atos constantemente repetidos criam condicionamentos que nos levam sempre a trilhar os mesmos caminhos. Já foi dito que na Espiritualidade ninguém caminha com luz alheia. Façamos a nossa luz para que não nos percamos em trevas.

Prossigamos:

Edvaldo e Duda tinham conseguido separar Anselmo e Clementine, mas ainda não estavam satisfeitos, pois, na concepção deles, o inimigo lucrara pela troca e parecia feliz. Assim, o ódio que, principalmente, Duda sentia de Anselmo crescia sempre mais e mais. Atribuía a ele a infelicidade de outrora e a rejeição de Clementine – a sempre amada Ritinha. Tal passado, que se fizera eterno presente, ainda fazia seu coração empedernir-se clamando por vingança.

Anselmo, cuja ilusão já se findara há tempos – pois Laura, assim que se vira casada, mostrara suas garras –, sentia tal presença inamistosa de forma clara. Percebera também que manipulavam a jovem esposa e a jogavam contra ele.

*“Laura, olhe só o paspalhão do seu marido. Não está arrependida de ter-se unido a um traste desse? Veja que diferença gritante: Você... linda! Jovem! Inteligente! E ele? Eu lhe digo: ele,*

*um velho pretensioso. Não merece alguém como você...”* – Duda repetia sempre que encontrava Laura mais receptiva.

Laura olhou para o marido de soslaio e pensou: *“Parece meu pai. Não é tão velho, mas envelheceu muitos anos em poucos meses. Está acabado! Não sei por quanto tempo vou aguentar esse casamento... Preciso tomar cuidado para não engravidar... Não quero nenhum vínculo com esse aí. Mas, pensando bem... um filho é também uma segurança. Poderei, depois, exigir uma boa pensão. Mas não! Sou muito jovem para ter uma criança grudada na minha saia. Não tenho a menor vocação para mãe... não pelos próximos 20 anos. Agora tenho mais é que aproveitar o dinheiro dele...”*

As acusações de Duda, as projeções de energia negativa sobre ele, a influência que exercia em Laura arruinavam sua vida conjugal e espiritual. E uma ideia começou a brotar em sua mente: *“A morte. O suicídio. O silêncio. Cair no nada eterno e descansar”*.

Não fora Duda quem lhe implantara a sugestão do suicídio, mas assim que a entidade obsessora percebeu em Anselmo tal disposição tratou de adubá-la muito bem a fim de fazê-la germinar. Outros vieram reforçar tais ideias suicidas. Na nossa ignorância quanto aos processos obsessivos, desconhecemos que, quando os desencarnados querem, e em havendo sintonia, podem ler nossos pensamentos. Assim, a alma de Anselmo ficava desnuda e facilmente influenciável. Sentia-se o mais reles dos seres humanos

sobre a terra. Pensou na esposa que abandonara por uma ilusão. Clementine! Como estaria ela? Relembrou seu rosto abatido, sofrido por sua deserção do lar que haviam formado com tanta ilusão... *“Agora sei que a amo... sempre a amei... O que se passou comigo?! Como pude tornar-me cego de uma hora para outra? Será que ela me aceitaria de volta? Acho que não... A humilhação que lhe impus foi muito grande... Acho que o único caminho é a morte! Desaparecer. Não acordar nunca!”*

*“Isso mesmo, seu imbecil! Você é francamente manipulável, seu cretino! Não pensou nem um pouquinho que nós, os desencarnados, decidimos sua separação. Não teve nenhum gesto de luta para preservar seu casamento. Queria um corpo jovem para se saciar nos desvarios da carne. Entregou-se aos encantos de uma menina bonita e frívola.”*

Anselmo sentiu a presença do obsessor ao seu lado. Não o ouviu com os ouvidos materiais, mas toda sua alma sentiu que estava sendo ridicularizada. Um amargor, até então desconhecido, secou sua boca. Voltou a pensar que a única solução para ele seria a morte. O suicídio.

*“Você tem razão, cara! A morte é sua única saída. Venha. Venha para o nosso lado. Vai ver o quanto custa uma traição como a que você me fez” – dizia o Espírito.*

Desnortado, sentindo desconforto moral, Anselmo abriu ainda mais as portas para a depressão. *“Não tem mais jeito para mim... Não tenho mais ânimo... Sinto-me enfraquecido...”*

Enquanto dava ênfase à tristeza, seu corpo espiritual se envolvia em energias densas e mais entrava em sintonia negativa. Assim, muitos sofredores desencarnados foram atraídos por aqueles pensamentos depressivos.

O obsessor Duda via aquilo e se divertia. Depois de “botar bastante lenha na fogueira”, o Espírito riu, embora o sentimento amargo da vingança empanasse um pouco sua satisfação. Pensou que seria mais feliz depois da vingança, mas o sabor da desforra não era doce como ele imaginava. *“Será que estou ficando frouxo? Será que os Cordeiros de Deus estão por trás dessa insatisfação?”*

Ele sabia que alguém estava tentando tirá-lo, e a Edvaldo, daquela vida; fazê-los desistir da vingança, uma vez que eles mesmos tinham muitos acertos a fazer com a Lei Divina. Dos dois, Edvaldo estava mais propenso a abandonar aquela vida.

De repente, vários desencarnados doentes e alienados cercaram o infeliz Anselmo. Com tal sobrecarga, ele sentiu tonturas e apoiou-se no espaldar de uma cadeira.

João Augusto assustou-se e correu para ele:

– Pai! O que foi? O que está sentindo?

– Nada. Nada.

– Você está pálido!

– Já vai passar. Não se assuste.

João Augusto ajudou o pai a se sentar no sofá. Laura percebeu que ele não estava bem, mas não fez qualquer menção de socorrê-lo. Afastou-se, desejando que ele morresse: *“Seria bom demais... Viúva... com bastante dinheiro...”*.

Duda tentou se aproximar, mas foi barrado por uma cortina fluídica:

*“Droga! Intrometidos vanguardeiros da luz! Chegam sempre à nossa frente”*.

O Espírito amigo de Anselmo amparou-o com energias magnéticas. Tentou remover as energias densas, mas ele se sintonizava com elas. O bom Espírito sugeriu que ele orasse, mas Anselmo não conseguiu captar aquela sugestão. Então, o guia de Anselmo dirigiu-se a João Augusto:

*“João, ele precisa orar para se ajudar. Está muito ligado às negatividades e isso é um entrave ao socorro necessário. Ore com ele. A prece é o único recurso eficiente que lhe resta”*.

O garoto conseguiu captar a sugestão:

– Pai, vamos orar. Lembra como minha mãe orava para nós quando não estávamos bem? Ela dizia que a prece é nosso elo com Deus.

– Sim, filho. *“Clementine... tão bondosa... Como a gente faz besteira na vida! Como trocamos o ouro por cascalho sem valor!”* – pensou Anselmo.

– Vamos pensar em Jesus, pai. Vamos orar.

– Vamos. “Pai-nosso...”

Ligando-se na prece, com o desejo sincero de melhorar, Anselmo passou a outra faixa vibratória. O Espírito fez a sua parte. Dali a pouco ele estava se sentindo melhor.

João Augusto lembrou-se de Letícia. Precisava lhe telefonar para combinar o passeio.

– Pai, vamos mesmo fazer o passeio de barco?

– Não, filho. Vamos deixar para outra semana. Tá bom assim?

– E então levaremos minha mãe?

– Podemos combinar com ela.

– Sei que ela ficará feliz.

No quarto, Laura bebia seu uísque e fumava seu cigarro. De vez em quando dava baforadas que faziam círculos no ar. Deixava o pensamento voar livre rumo às ilusões do caminho. Nesses momentos criava figuras estranhas, todas alusivas à sua vida sexual. Tais formas-pensamento bailavam ao seu redor e mais fortaleciam seu desejo de se entregar aos prazeres que lhe pareciam imprescindíveis para sua felicidade. Não se passou muito tempo e o ambiente se encheu de Espíritos estranhos. Alguns

traziam o sexo deformado; outros tinham formas vampirescas; outros, ainda, se apresentavam com formatos bizarros que em nada pareciam humanos. Faziam um estranho bailado em torno de Laura e todos queriam tocá-la, ao mesmo tempo em que alimentavam pensamentos sensuais. E Laura aceitava passivamente suas sugestões.

Uma daquelas entidades infelizes aproximou-se de Edvaldo:

*– Então? O que faz aqui, ô coisa ruim? É melhor ir dando o fora.*

*Você não foi convidado para a festa.*

Edvaldo encarou-o. Ia dizer alguma coisa quando Duda interveio:

*– Que tá pensando, meu chapa? Nós moramos aqui. Esses dois panacas só estão aqui porque eu e meu amigo fizemos ele se separar da esposa e casar-se com essa aí.*

*– Mas ela nos chamou. Não vamos sair daqui!*

*– Não querem sair, não saiam, mas não vou permitir que vocês atrapalhem meus planos.*

Duda e Edvaldo não queriam brigas, então se afastaram.

João Augusto ligou para Letícia. O passeio de barco fora adiado.

## - 8 - “Nenhuma ovelha se perderá”

Duda estava feliz por causar infelicidade ao desafeto. Nenhum sentimento de arrependimento o agitava, mas com Edvaldo não acontecia o mesmo. Já se sentia cansado de tanta maldade e começava a se lhe desabrochar um sentimento novo e desconhecido até então. Seu riso era forçado e o fazia só para não desgostar o amigo. Pensava, vez ou outra: *“De que me adianta fazer tanto mal se isso não me traz felicidade? Minha consciência também me acusa de muitos deslizes. Estive esquecido deles, porém eles me chamam à razão a cada dia que passa. É como uma campainha que está sempre me alertando”*.

– *Mas que cara é essa, Ed? Parece que está de mal com a vida! Assim, tão sério... Já me arrependi de ter convidado você para me ajudar. Arre!* – esbravejou Duda.

– *Não vou ficar rindo só para te agradar, cara! E quer saber de uma coisa? Acho que tem alguém orando por mim. Quando ainda estava encarnado, ia às vezes, com minha mulher, a uma Casa Espírita. Lá, eles oravam muito e pediam a ajuda dos bons Espíritos para aqueles que já haviam morrido e estavam em erro. Algumas vezes esses Espíritos se comunicavam e diziam que as preces dirigidas a eles tinham feito com que despertassem para a realidade da vida. Então, mudavam de atitudes.*

– *Que conversa fiada é essa?*

Edvaldo continuou:

– *Tenho pensado muito em Meire, minha esposa. O que eu fiz com ela, que era uma mulher tão dedicada? Não fui um bom marido, isso sei muito bem... E bom pai? Pobres dos meus filhos! Como sofreram com a minha ruindade!*

A evolução é lei do planeta. Tudo e todos evoluem, ainda que demore. A criatura inteligente compreende isso e procura viver no caminho reto, que a desvia dos grandes sofrimentos; já os mais infantis buscam sempre driblar a Lei e sofrem mais. Todavia, como afirmou Jesus, nenhuma ovelha se perderá do rebanho.

Edvaldo se lembrava da esposa e dos filhos. Era o amor de Meire que o estava afastando de Duda e fazendo-o pensar em desistir de tantas maldades. Desencarnada há muitos anos, ela era trabalhadora em um posto de pronto-socorro espiritual. Fora ali que, anos depois de desencarnar, ela recebera o marido Edvaldo, já também desencarnado. Estava ele com horrível aspecto e se mostrava revoltado:

– *O que estou fazendo aqui? Quero voltar para minha casa.*

– *Ed... acalme-se. Sou eu, Meire. Lembra-se?*

– *Meire? Não! A Meire morreu faz muito tempo. E quem morre não volta mais.*

– *Você está perturbado. Eu não morri. Veja. Toque em mim.*

*– Para trás! Afaste-se de mim. Vade retro, Satanás!*

Meire entristecera-se ao constatar o nível de perturbação do marido. Ele não sabia que já fizera a viagem de volta ao Lar Espiritual. Estava completamente alienado. Ela havia feito tanto sacrifício para poder trazê-lo até aquele posto de ajuda espiritual e ele não estava aceitando a ajuda. Acreditava-se ainda encarnado. Com muito carinho, a mulher explicara:

*– Ed, ninguém morre. Só o corpo volta ao pó. Você está vivo em Espírito. Todos nós saímos um dia da mente do Criador. Somos o pensamento divino materializado.*

*– Afaste-se. Bem que o pastor me falou da interferência do Demônio! Mas o Coisa Ruim não vai me possuir. Socorro! Socorro!*

Meire elevava o pensamento a Deus e a Jesus e implorara ajuda. Depois, virando-se para Edvaldo, dissera:

*– Quer orar comigo, Ed?*

*– Nunca fui de blá-blá-blá religioso. E eu sei que você não é a minha Meire. Meire morreu. Quem morre nunca mais volta. Acaba. E não minta pra mim. Estou vivo! Vivo e com boa saúde!*

*– Você está certo. Seu corpo material morreu, mas você, Espírito, é eterno e jamais morrerá. Herdamos tal imortalidade de Deus, nosso Pai. Ele nos criou num ato de amor.*

*– Que conversa é essa? Estou com dor de cabeça e não quero ouvir mais nada.*

Meire não desistira. Haveria de conscientizar aquele Espírito que lhe era tão querido:

*– Somos muito ignorantes ainda para discutir as verdades eternas. Vamos orar e você vai ficar melhor, Ed querido. A prece feita de coração é um recurso que todos nós temos à mão. Ela nos traz paz e entendimento. Faz com que caia sobre nós fluidos benéficos da Espiritualidade Superior. A prece é nosso alimento espiritual e com ela nos identificamos com o Criador.*

*– Não quero orar. Esqueci de trazer a Bíblia. Ultimamente tenho lido muito.*

*– Bem sei, Edvaldo, mas não está entendendo o que lê. Está tomando ao pé da letra os ensinamentos. E a Bíblia é muito simbólica. Existe ali muita alegoria que tem de ser esmiuçada a fim de entendermos o que realmente se quis dizer.*

*– Ninguém vai me fazer de tolo. Vou sair daqui. Ninguém pode me segurar.*

*– Fique mais um pouco. Descanse. Depois, se quiser mesmo partir, não temos autoridade nem permissão para segurar você aqui contra a sua vontade.*

Antes que Meire terminasse, Edvaldo sumira dali como se tivesse sido sugado.

Voltando ao ambiente que deixara ao desencarnar, encontrara-se com o amigo de infância Duda. Desde então, não mais haviam se

separado. Edvaldo aceitara ajudar Duda na vingança contra Anselmo. Mesmo sabendo que todos temos um tempo para amadurecer e reconsiderar, Meire continuara orando por ele. Dia a dia ele fora se tornando mais receptivo às suas preces e menos lógica encontrava naquela vingança.

– *O que está acontecendo com você, Edvaldo? Parece que está murchando! Ah...ah...ah...*

– *Não enche, cara!*

– *Olha, o Anselmo está quase jogando a toalha.*

– *E eu com isso?*

– *Como assim? Ed, o que está acontecendo?*

– *Não sei. De repente, eu me cansei desta vida.*

– *Xiiii... Não estou gostando nada desse papo! Isso me parece coisa dos escravos do Cristo. Vamos, amigo. Reaja!*

– *Se você fosse meu amigo não teria me envolvido nisso. Não consigo mais ter paz. Vivo sonhando com a Meire. Imagine que ela queria me levar para um posto de ajuda espiritual. Quando ela me disse que eu estava desencarnado, não acreditei. Agora sei que deveria ter ficado lá. Naquela época estava confuso e nem a reconheci.*

Duda olhou para o amigo e riu com deboche:

– *Seu tolo! Continua um idiota. Quer voltar para lá e ser um eterno escravo? Pois saiba que um dia também quiseram me*

*aprisionar. Quando vi todo mundo trabalhando... e de graça... pensei: Comigo não! Tenho outros planos. Preciso acertar as minhas contas com os espertinhos da vida. E fugi. Ninguém tentou me deter. Nisso eles estão certos.*

Edvaldo ficou pensativo. Sentia-se desiludido. A imagem de Meire e de uma das filhas não saía de seu pensamento. Estaria pronto para se libertar do Mal? Não. Ainda não.

*– Então, vai me ajudar com o estúpido do Anselmo?*

*– Vou pensar.*

*– Olha, Ed, minha paciência se esgotou. Vou chamar o chefe. Ele vai dar um jeito em você. Não se esqueça de que fizemos um juramento de sangue: Um por todos, todos por um.*

*– Por favor, não diga nada ao chefe. Você sabe o que ele faz com os que desertam.*

*– Sei muito bem. Ele prende nos abismos e os esquece por lá. Então?*

Edvaldo só conhecia o abismo por ter ouvido falar, mas sabia que era um dos lugares mais terríveis onde pode estagiar um Espírito renitente no Mal. Para tais Espíritos prisioneiros, voltar a reencarnar na superfície da Terra, ainda que em um corpo totalmente deformado e doente, é mil vezes melhor do que permanecer naquele lugar. O Inferno de Dante é insignificante se comparado ao abismo.

*“O abismo... Deus me livre! Na primeira oportunidade vou cair fora daqui”* – pensou Edvaldo, farto do Mal.

Duda o observava, desconfiado.

– *Está bem. Vou ajudar você* – disse Edvaldo. Mas no íntimo pensava: *“Só desta vez. Depois vou dar um jeito de fugir. A organização trevosa não vai me achar tão fácil e, quando me achar, nada poderá fazer. Meire me protegerá.*

– *Está pensando em quê? Vai continuar comigo ou vai para o abismo?*

– *Já disse que fico com você.*

– *Para o seu próprio bem, camarada.*

Edvaldo já não se sentia bem na companhia de Duda, como em outros tempos. Algo mudara nele. Seriam as preces de Meire? Sem dúvida as preces estavam ajudando, mas não era tudo. Quando o Espírito desperta para suas responsabilidades ante a vida, ele não mais consegue ser o mesmo. Sua mente passa a girar incessantemente em torno daquela ideia, até que ela se torna uma realidade. Para Edvaldo, faltava só o empurrão final. Isso aconteceu numa tarde de sábado. Estavam, ele e Duda, na casa de Clementine, quando ela se aprontava para ir à Casa Espírita que frequentava com João Augusto.

– *Veja, Edvaldo, quanto tempo ela perde indo ao Centro. Parece que não sabe fazer outra coisa. Não sai a passeio... não se diverte.*

*Eu gostaria que ela baixasse a guarda para que eu pudesse entrar em sua vida, mas não!*

*– Você diz que a ama; não tem pena de vê-la sofrer tanto? Sempre ouvi dizer que o verdadeiro amor tudo faz pela felicidade do ser amado.*

*– Ora, ora... Quando ela era a minha Ritinha, eu tudo fazia por sua felicidade, mas depois que ela me trocou pelo Stéfano (Anselmo) eu quero mais é que ela se dane!*

*– Isso é incoerência das grandes. Então não era amor nada do que você dizia sentir por ela. Você é orgulhoso e não aceita o fato de ter sido trocado por outro.*

*– É. Pode até ser. Mas isso não atenua seu erro. Ela me deu esperanças. Eu era um jovem tolo e enamorado. Ela me traiu, cara!*

Diante do espelho, Clementine refletia. Sabia que não era nenhuma grande beleza, mas suas linhas eram harmônicas e de modo geral seu visual era agradável. Pensou em Laura, a quem nunca quisera conhecer: *“Será essa Laura tão bonita assim para encantar o Anselmo de maneira tão fatal? Ela tinha 18 anos! O Anselmo deve ter-se sentido remoçar com a juventude dela. Quando acordar vai se arrepender. Tolo! Pobre tolo!”*

Quando Clementine e João Augusto saíram, os dois Espíritos os seguiram. Na entrada, um cordão fluídico protegia o Centro Espírita

evitando que Espíritos não autorizados ou belicosos entrassem, pois tumultuariam o ambiente sem proveito para ninguém.

Clementine e o filho entraram, acompanhados por dois Espíritos amigos que estavam sempre com eles naqueles dias difíceis, a fim de ampará-los e tentarem neutralizar a ação dos Espíritos do Mal. Fazendo chacotas e com grande estardalhaço Duda ia entrando sem o menor respeito, quando foi barrado por um trabalhador desencarnado da equipe de segurança da casa:

– *Sinto muito, amigo, mas você não poderá entrar.*

– *Por quê?*

– *Porque você não quer ajuda e tampouco aprender.*

Duda ia contestar, quando Edvaldo interveio:

– *Ele tem razão. Vamos voltar.*

O guardião da entrada sondou Edvaldo:

– *Você, se quiser, poderá entrar. Seu amigo, infelizmente...*

– *Ora, não preciso entrar nesse lugar repleto de escravos do Cristo! Edvaldo, vamos embora.*

– *Não volto com você, Duda. Quero ficar ao lado de Clementine e de João Augusto. Vá você e não faça mais escândalos. Estão todos olhando para nós.*

– *Que se danem todos.*

Furioso, retirou-se. Edvaldo agradeceu ao guardião da entrada e foi postar-se ao lado de Clementine. Naquele dia o tema era:

“Piedade para com os criminosos”, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XI.

Em vários momentos, Edvaldo suspirou fundo, tentando reter o pranto que teimava em despencar de seus olhos.

## - 9 - O amor nunca desiste

Quando todos estavam repousando, inclusive os dois obsessores, Edvaldo despertou ansioso. Meire se aproximava dele. Tocando-lhe delicadamente o braço, sussurrou:

– *Ed, vamos sair um pouco.*

– *Meire... é você? Será isto um sonho?*

– *Não é sonho. Estou aqui bem acordada. E você também.*

– *Não consigo vê-la totalmente.*

– *Lá fora você me verá. Não se preocupe. Vamos.*

Saíram silenciosamente. Não queriam despertar Duda.

Longe dali, Meire adensou seu corpo perispiritual e Ed pôde vê-la naturalmente. Dessa vez não se assustou nem a confundiu com Satanás. Na sua igreja, quando encarnado, aprendera que ver Espíritos era arte do demônio. Até hoje muitos têm preconceitos tolos e injustificáveis que demonstram a ignorância vigente em pleno terceiro milênio.

– *Meire... É você mesmo, não é?*

– *Sim, Ed. Da última vez que nos vimos você fugiu apressado. Tenho percebido sua melhora e pedi aos amigos que me proporcionassem este encontro.*

– *Mas você não está no Céu? Deus deixou você sair para vir me ajudar?*

– Querido, eu não estou no Céu. O Céu, como muitos pensam, não tem endereço geográfico. Não está localizado em um determinado lugar.

– Eu não entendo...

– O Céu ou o Inferno, nós trazemos no coração. Existem, sim, lugares que são verdadeiros paraísos, assim como há outros que são verdadeiros infernos, mas... Quando Jesus afirmou que há muitas moradas na casa do Pai, ele estava se referindo aos diversos mundos e também a diversos estados da alma. Cada alma é um universo em si mesma. A Lei Divina é tão sábia que ninguém poderá usufruir, na Espiritualidade, de um lugar a que não tenha direito. É uma questão de afinidade; de fluidos mais densos e mais sutis. Um selvagem não se sentiria confortável ou feliz em um palácio onde residissem pessoas civilizadas e cultas.

Edvaldo tentava compreender.

– Mas o que quero lhe dizer é o seguinte: Você fez muito bem em fingir que aceitava continuar com Duda em suas maldades. Deus sabe de sua intenção ao mentir para ele naquele contexto. Fique com Duda por enquanto, mas evite participar de sua vingança a fim de não se comprometer mais. Um dia virei buscá-lo. É por pouco tempo. Agente mais um bocadinho. Ah! Quero lhe dizer também que fiquei imensamente feliz ao ver que aceitou minha sugestão e foi ao centro com Clementine naquele sábado.

- Não sabia que havia sido sugestão sua.*
  - Pois foi. Creio que logo estaremos juntos, meu querido.*
  - Assim espero... Mas não mereço...*
  - Ora, ora, não me venha com lamúrias feito uma comadre velha*
- riu.*

Em seguida Meire abraçou o ex-companheiro de jornada. Estava feliz porque constatava que todo o seu esforço não fora em vão. O amor fraternal transforma a pessoa trazendo-a de volta à luz. Não são as palavras declinadas, mas o sentimento amoroso que as envolve que opera a mudança. Quando já tivermos desenvolvido o amor pela humanidade toda, conseguiremos mudar as pessoas, que se voltarão para a luz.

Envolvendo o ex-esposo em muito amor, Meire perguntou:

*– Compreendeu bem a exposição? Entendeu a importância do perdão e da prece?*

*– Sim.*

*– Sempre que estiver aflito, triste, pense em Deus... em Jesus. Eles o aliviarão. E não se esqueça de orar. A prece é nossa conexão com Deus Pai.*

*– Tenho esquecido de orar... Orar como se deve...*

*– Vamos orar juntos. Mas a oração, para ser válida, há que ter muita energia. Temos de unir mente e coração; desejar realmente; direcionar nossa prece com toda a energia de nossa alma. Só assim*

*ela terá forças para romper as grosseiras barreiras fluídicas e alcançar as alturas celestiais. E, o que é muito importante, precisamos saber compreender a resposta de nossa prece, não nos revoltando se ela, no momento, não puder ser atendida conforme gostaríamos, pois no Cosmo vige uma lei que não será mudada pelos pedidos humanos.*

*– Mas, então, de que adianta orar?*

*– Adianta e muito. Primeiro porque demonstra HUMILDADE para admitir que muito acima de nós impera uma inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas; CONFIANÇA EM DEUS, pois com ela nos tornamos receptivos para receber a ajuda; FÉ, porque somente com a fé mudaremos uma situação. “A fé remove montanhas” – disse Jesus. A montanha dos nossos erros. E sempre teremos uma resposta, ainda que não seja a desejada por nós, pois desconhecemos a causa que originou aqueles fatos. E mais: a prece nos reconforta a alma; nos acalma; atrai para junto de nós Espíritos bondosos que nos ajudarão na medida do possível. A prece não retira a cruz que temos de carregar, mas oferece-nos um cireneu que nos ajuda a carregá-la.*

*– Meire, querida... Você é o meu cireneu.*

*– Cireneia – riu Meire. – Mas vamos orar juntos: Pai-nosso...*

## - 10 - Uma experiência invulgar

Anselmo se sentia cada dia pior. Duda e Edvaldo haviam aprendido com uma organização umbralina um método de retirar-lhe fluido vital e sobrecarregá-lo de energias densas. Os dois se revezavam na aplicação, porém Edvaldo, como prometera a Meire, ao invés de roubar o fluido vital de Anselmo, vibrava para o bem dele. Claro que o fazia na ausência de Duda.

O físico de Anselmo já começava a dar sinais de debilidade. A cabeça lhe doía. Os pensamentos se atropelavam. Queria voltar para a esposa, mas seu orgulho não deixava que tomasse a iniciativa de tentar. Afinal, ela teria razão se o enxotasse de sua porta. Depois do que ele fizera... Esquecia-se de que Clementine era um Espírito a caminho da redenção e que com certeza o ajudaria.

Era sábado. Anselmo estava sozinho em casa. Duda o estimulava com pensamentos negativos e sobrecarga de energias nocivas. Sentiu vontade de beber. Nem se preocupou em pegar um copo. Entornou o litro de uísque garganta abaixo. Um gole. Mais outro. Mais outro.

De repente tudo escureceu. Ele tombou e rolou no tapete da sala.

Duda bateu palmas: *“Isso ainda não é nada, seu calhorda! Ladrão da paz alheia!”*.

Depois se sentiu estranho. O prazer em ver o sofrimento do rival não lhe trouxera tanta alegria como esperava. Era a mágoa fazendo parceria com a insatisfação.

Edvaldo acabava de chegar e ainda presenciou a queda de Anselmo. Pensou em Meire e nenhuma alegria sentiu; ao contrário, experimentou um grande desconforto moral que se lhe refletiu no semblante; um princípio de amor fraterno. Nada comentou com Duda. Com certeza ele lhe ridicularizaria o sentimento piedoso. Estava iniciando sua libertação, conscientizando-se da necessidade de mudar. Logo a ajuda do alto se faria, pois não fomos criados para o sofrimento e sim para a felicidade.

No Plano Espiritual, Meire mantinha-se em preces pelo ex-esposo. Havia levado o caso dele para a diretoria do posto espiritual socorrista e todos estavam empenhados em resgatá-lo. *“Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*. Não se pode amar a Deus não amando suas criaturas.

Edvaldo pensou fortemente em Meire. Desejava uma comunicação mental com ela, na qual pretendia lhe dizer o que ocorria na casa de Anselmo e pedir ajuda, mas não conseguiu.

O anjo da guarda de Anselmo, porém, agiu rapidamente. Comunicou-se com o Espírito guardião da casa de Clementine, que

prontamente a inspirou.

*“Que esquisito... senti uma coisa estranha. Parece uma premonição”* – pensou a mulher.

– *Sim, Clementine. Estou aqui pedindo sua ajuda. Vá imediatamente à casa de Anselmo. Ele precisa de você...* – estimulou-a o alvinitente Espírito.

Clementine captou a orientação recebida. Chamou João Augusto e disse:

– Filho, tive um aviso de algum Espírito. Seu pai deve estar precisando de ajuda. Temos de ir até lá. Meu Deus, quando isso tudo terá fim?

– Mas mãe... Eu conheço aquela piranha. Ela vai humilhar você. Vai nos enxotar de lá.

– João Augusto, não a chame assim, filho. Ela um dia despertará e mudará de atitude.

– Tá bom. Mas você não é a madre Teresa de Calcutá. E o pai também não merece ajuda nenhuma. Ele procurou seus problemas, agora que se lixe!

– Quanta revolta! E não diga bobagem. Lembre-se da lição de Jesus: “Faça aos outros o que gostaria que os outros lhe fizessem”. Ou daquela outra: “Àquele que te ferir numa face ofereça também a outra”.

– Tá aí uma coisa que nunca compreendi. Eu, se alguém me bater revido com um bom soco na cara dele!

– Ah, meu filho! Violência gera violência. Além do mais, sabemos que tudo na Bíblia é simbólico. Jesus falava para a posteridade e precisamos saber interpretar as passagens evangélicas. Quando recomendou dar a outra face, Ele estava se referindo à face do perdão. A retribuir o mal com o bem; não dar forças ao mal; não desejar vingança, mas ter um olhar diferente sobre o fato.

Iam conversando e andando rápido. João Augusto, apesar de parecer duro, também estava preocupado com o pai.

– Isso posso até entender, mas...

– Claro que Jesus não quis dizer que deveríamos apanhar passivamente. Até porque temos de zelar pelo nosso corpo físico, pois sem ele não poderíamos viver neste planeta. Mas vamos andar mais depressa.

Chegaram em poucos minutos. Clementine estava tensa. Tocou a campainha e ninguém atendeu. Duda disse a Edvaldo:

– *Pronto. Clementine já veio meter o bico onde não deve. Vou dar um susto nela.*

O obsessivo nem pôde se aproximar. Novamente uma barreira vibratória o impediu e ele retornou, desenxabido. A aura de Clementine era um escudo e barrava toda negatividade. Tudo na natureza opera pela sintonia.

Só depois de algum tempo Laura abriu a porta.

– Vocês... aqui? Que querem?

– Preciso falar com Anselmo. É urgente, Laura. Por favor, deixem-nos entrar, viemos em paz.

– Entrem.

Só então Laura percebeu o marido caído. Ao chegar da rua, fora direto para o quarto, sem notar que Anselmo estava desmaiado no chão da sala.

– Santo Deus! O que aconteceu? – disse a jovem, atônita.

Clementine e João Augusto, que seguiam logo atrás dela, correram para tentar levantar Anselmo.

– Mas o que aconteceu com meu pai? Laura, o que você fez a ele, sua...?

– Filho, pare com isso! Não vê que ela também está surpresa? Ninguém sabe o que ocorreu.

Laura estava trêmula. A imagem do marido caído a surpreendera de forma desagradável.

Clementine chamou uma ambulância. Depois, orando em pensamento, enxugou a saliva grossa que escorria pelo canto da boca de Anselmo.

Não tiveram força para levantá-lo e colocá-lo no sofá. Clementine pôs uma almofada debaixo de sua cabeça, olhou sua pulsação e chorou.

*“Meu Deus! Como está pálido e envelhecido!”* – pensou, comovida.

Laura aproximou-se de Clementine. Condoeu-se. Uma pontinha de remorso agitou seu coração. *“Não sou feliz nem consigo fazer o Anselmo feliz... Que vida improdutiva!”* – pensou, num raro momento de autocrítica.

– Clementine...

– O que foi, Laura?

– Como você soube que o Anselmo não estava bem, se eu, que estava aqui, não tinha me tocado?

– Eu tive uma inspiração. Uma premonição. Acho que meu guia espiritual me alertou. De vez em quando posso ouvir e ver Espíritos.

Laura não sabia o que era premonição, mas nada perguntou. Informar-se-ia com a amiga Sandrinha, que entendia um pouco de Espiritismo.

– Graças a Deus! – Foi tudo o que conseguiu dizer. Mas, passado aquele momento, voltou à sua ruindade e pensou: *“Tomara que ele morra! Não suporto mais. Sou jovem e preciso aproveitar a vida”*.

Duda aplaudiu. Edvaldo afastou-se dali. Não poderia se trair e mostrar que estava com muita pena de Anselmo e de Clementine.

Passados alguns minutos, a ambulância chegou. Anselmo foi removido para o hospital. Laura não quis acompanhá-lo, deixando a

Clementine essa obrigação.

Já na ambulância, Anselmo, muito debilitado, sussurrou:

– Clementine... Você aqui... Como soube? Laura chamou você?

– Não. Aliás, somente quando cheguei é que ela viu você caído.

Assustou-se também.

– Estranho. Como foi então que você soube?

– Já ouviu falar em premonição?

– Já. Foi você mesma quem me falou sobre isso.

– Então... De repente uma sensação dolorida no peito. Lembrei-me de você e mentalmente sua imagem surgiu no meu pensamento.

Eu o vi caído tal qual o encontrei.

Anselmo suspirou profundamente. Sentia dores no tórax, mas nada disse para não preocupar Clementine. Depois, segurou as mãos dela. Ficaram assim, de mãos dadas, até a chegada ao hospital. Enquanto segurava aquelas mãos pálidas e trêmulas, Clementine lhe passava energias, fluido vital de alma para alma que lhe traria melhoras físicas e espirituais.

Laura não teve a menor pressa de ir ao hospital: *“Ele prefere a companhia daquela mosca-morta, que fique lá com ela”*, pensou, rancorosa.

Clementine ficou à cabeceira do doente, em preces. Presenciando o sofrimento do ex-marido, esquecia-se dos seus. João Augusto chorou ao ver o pai tão debilitado, ligado a aparelhos

e respirando com dificuldade. Descobriu naquele momento que nada do que Anselmo fizesse conseguiria apagar o amor filial que lhe devotava. Anselmo não fora bom marido, mas como pai sempre fizera tudo pelo filho.

No meio da noite, Clementine, meio dormindo meio acordada, viu algumas pessoas entrarem no quarto. Julgou que fossem médicos e que tinham vindo examinar o doente. Levantou-se para falar com eles:

– Como ele está? Vai demorar pra se livrar desses tubos?

As criaturas a olharam, comovidas. Claridade suave espalhou-se pelo quarto e iluminou o rosto abatido de Anselmo. Só então Clementine percebeu que não eram médicos encarnados e sim médicos desencarnados que ali estavam.

Sabemos muito bem que em todo hospital, pronto-socorro, nas ruas, nas igrejas, nos lares, os desencarnados estão presentes a fim de ajudar os necessitados. Clementine percebeu e ouviu:

– *Vimos aqui para ajudar. Anselmo está sendo tratado no Espírito e na matéria. Já providenciamos tudo o de que ele necessita.*

Clementine voltou a se sentar e procurou orar. Pensava no sofrimento que o ex-marido aparentava:

– *Sabemos que ele sofre, irmã. Infelizmente ele falhou novamente. Agora recebe as consequências dos erros. Mas não o*

*acusemos. Em nosso passado também não fomos melhores do que ele.*

Clementine ficou na dúvida se era real o que ela via e ouvia. Concentrou-se ainda mais a fim de não perder a sintonia.

*– Agora descanse. Nós estaremos com ele. E não alimente sentimentos de mágoa, pois a mágoa, o melindre, o tão alardeado amor-próprio são filhos diletos do orgulho.*

Ela percebeu que aqueles seres sabiam tudo o que se passava com ela e se envergonhou. Anselmo gemeu enquanto um dos visitantes lhe ministrava socorro magnético.

*“Ele não vai desencarnar?”*, perguntou Clementine em pensamento.

Não conseguiu captar a resposta dos trabalhadores e amigos espirituais.

No dia seguinte, não soube afirmar se tal acontecimento fora real ou um sonho. Anselmo também não se lembrava de nada.

## - 11 - Infidelidade conjugal

O episódio sofrido, os dias que passou no hospital como um semimorto, o carinho com que foi tratado pela ex-esposa, a quase total ausência de Laura nas visitas hospitalares serviram para despertar em Anselmo, de forma mais pungente, o remorso.

Quando estava para receber alta, pensou em falar com Clementine a respeito da possibilidade de voltar a morar com ela, de se divorciar de Laura, que lhe fora uma enorme decepção. Com voz tremida, encorajou-se:

– Clementine...

– Fale, Anselmo. Sabe que pode contar sempre com minha amizade.

– Queria contar também com o seu amor.

– Ora essa, você já não tem o amor da Laura?

– Laura foi uma ilusão. Uma espécie de teste por meio do qual eu quis provar que ainda era homem o suficiente para despertar o amor de uma jovencinha que poderia ser minha filha; que ainda não era velho... Já ouviu falar na “idade do lobo”?

Anselmo não estava à vontade. Sentia um ardor no rosto. Era dolorido para seu amor-próprio reconhecer tal verdade.

– E então? Você pode me perdoar?

– Anselmo, já o perdoei. Você diz isso agora porque está doente e dependente. Tão logo se restabeleça, estará pensando novamente em novas aventuras. Eu não o satisfaço sexualmente. Você mesmo disse que queria aproveitar a vida. Eu já penso que não é dessa forma que se aproveita a vida...

– Então... não me aceita de volta?

– Ainda não sei... Talvez algum dia... De qualquer modo, pode contar sempre com minha amizade.

Anselmo sempre fora um Espírito equivocado. Contraditório. Não totalmente maldoso, mas com muitas arestas a aparar. Fizera muitos planos para a atual existência, porém, sabemos que quando estamos na Espiritualidade vemos a realidade e quando encarnados nos deixamos levar pelos equívocos do caminho.

Anselmo tivera, a seu favor, a permissão de conviver com Clementine – como já narramos –, um Espírito em franca evolução, mas que tinha ainda pela frente deficiências a corrigir. A ligação entre ambos se dera em existência passada.

O plano adrede preparado pelos seus superiores, de superação das dificuldades que ele e Clementine enfrentariam, já fora prejudicado por sua imaturidade e seu desejo de ser feliz a qualquer custo. Como um barco que sai da rota, ele enfrentava, agora, os perigos de um caminho desconhecido. No íntimo, sabia que devia a ele mesmo a negligência de mau navegador. Deixara-se levar sem a

menor resistência. Caíra no primeiro teste e trocara a paz do lar pela vida agitada ao lado de Laura. A paixão por Clementine se escondera nas regiões abissais da alma pela rotina do casamento e a necessidade de se firmar como homem. E Clementine não tinha a beleza clássica que ele tanto admirava. Sexualmente não se davam bem, pois ele era adepto de extravagâncias, e ela o reprimia não se entregando a exageros.

Desde a desencarnação da sogra que ele pensava na conveniência de voltar para Clementine, pois nem ele nem ela estavam felizes. Ainda havia o filho, que era quem mais sofria com aquela separação.

Em rápidos *flashes*, lembrava a vida tranquila que tivera ao lado da esposa carinhosa. *“Devo esquecer Laura e retomar meu caminho. Será que um dia Clementine me aceitará de volta? E Laura? Sei que jamais me dará o divórcio, ainda que não me ame. Fui um verdadeiro asno. Laura é a menos culpada, pois é ainda muito jovem e imatura. Eu, sim, fui estúpido. Como esperar que ela, linda e jovem, pudesse me fazer feliz? Ser uma esposa amorosa e digna como Clementine? Sou realmente um burro velho. Hoje mesmo falarei com ela sobre a necessidade de nos separarmos. Se ela concordar, conversarei novamente com Clementine”* – pensava com desconforto moral.

Um mês após esses acontecimentos:

– Laura, precisamos conversar.

– Agora não, amoreco. Estou de saída. Vou ao cinema com Sandrinha.

– Deixe o cinema para outro dia. Ligue para a Sandra e desmarque.

Laura ficou possessa. Não poderia desmarcar com a amiga, pois não era com ela que sairia. Havia uns dois meses que traía o marido com um rapaz jovem e “sarado”, como dizia.

– Mas, Anselmo, eu não posso! Ela já deve ter saído de casa.

– Claro que você pode. Vamos. Falo sério. Pegue o telefone e desmarque.

– Mas quero ir ao cinema. Faz tempo que quero ver esse filme.

Ante o olhar austero de Anselmo, Laura deu de ombros e não lhe obedeceu. Desconfiado, ele pegou o telefone e ligou para Sandrinha:

– Sandra? Sou eu, o marido de Laura...

Antes de ele concluir, ela indagou:

– O que foi? Laura está doente? Se for preciso vou aí dar uma força.

Laura estava trêmula. Pela expressão do marido, percebeu que fora descoberta em sua mentira. *“A sonsa da Sandrinha vai me entregar. Ai, meu Deus!”*

Anselmo ficou vermelho. Com voz tremida, perguntou:

– E o cinema?

– Cinema? Que cinema?!

– É que a Laura me disse... Deixa pra lá, Sandra. Já percebi tudo.

Agradeceu e desligou.

*“Nossa! O Dr. Anselmo está nervoso!”* – E caindo em si: *“Ai, que mico! Acho que estraguei o programa da Laura”*.

Pensou em ligar para a amiga, mas desistiu. *“Ficaria pior a emenda do que o soneto”* – pensou.

Laura olhou enigmaticamente para o marido e saiu batendo a porta. Anselmo alcançou-a e a fez voltar.

– Vai encontrar-se com seu amante? É isso, não é? Vai sair com ele e não com a Sandra. Vamos, criaturinha sórdida! Confesse!

Laura não sabia o que dizer. Pela primeira vez sentiu medo do marido.

– Laura, não me faça perder a cabeça e cometer um crime!

Ela tentou fugir para a rua, mas Anselmo a segurou fortemente pelo braço:

– Acho que vou ter que amarrar você! O que pensa que está fazendo, sua perdida?

Ela continuou calada. Estava mesmo encrencada. Precisava, sem demora, arranjar uma desculpa convincente. Mas que desculpa? Seu marido não era nenhum tolo que se deixasse levar

por uma mentira deslavada. Como se não bastasse, era advogado e conhecia sobejamente tais artimanhas.

– Quer saber? – disse ela, partindo para o ataque. – Nem sei por que me casei com você! Sou jovem e você é um velho estúpido!

Anselmo, fora de controle, jogou-a violentamente sobre o sofá.

– Sua descarada! Eu sei por que se casou comigo. Pensava só no meu dinheiro, não é? E pare de tremer! Não vou matar você! Por que sujaria minhas mãos com uma rameira vulgar?

Laura não sabia o que era uma rameira, mas aquela não era uma boa hora para perguntar. *“Rameira? Que diabo é isso?”* – pensou, intuindo que coisa boa não deveria ser.

Laura sabia que seu marido era de boa paz e que, mesmo tão nervoso e revoltado, não levantaria a mão para ela. Valendo-se disso, tentou temporizar:

– Olha, Anselmo, eu... Seria a primeira vez... juro...

– Não precisa explicar o óbvio. Tampouco procurar desculpas idiotas! O fato é este: Você, feito um animal no cio, está me traindo. Fui um estúpido em não perceber antes. Mas agora vamos resolver isso de uma vez por todas. Fique tranquila. Não haverá derramamento de sangue em nome de minha honra, que isso é coisa ultrapassada e você não vale tudo isso.

– Anselmo, agora vejo que errei...

– É mesmo?! Não me venha com lamúrias. Muito tarde para arrependimentos. Bem sei que esse arrependimento é passageiro. Você não tem nenhum senso de decência. É uma criatura vulgar e mentirosa.

Nesse momento Anselmo sentiu um estremecimento e, como num filme que está sendo rebobinado, viu-se, de repente, em uma fazenda, rodeado de muitos escravos. Uma cena se repetia: Uma negra agarrada à filha morta. A sinhá dos escravos, chicote na mão, a ameaçava. E gritava: – Desidério! Seu imprestável! Faça a senzala se calar!

Num impulso que não soube explicar, gritou: – Emerenciana!

Laura começou a chorar. *“Anselmo ficou louco! Por que está chamando essa tal Emerenciana? Será que também tem uma amante?”*

Foi apenas uma fração de segundos. *“Minha alma deve ter voltado ao passado. Isso tem me acontecido nos últimos meses”* – pensou Anselmo.

Laura chorava sem parar.

– Não pense que vai me amolecer com lágrimas. Mas já falamos muito. Agora vamos ao assunto que me interessa e deve interessar a você também.

– Qual assunto?

– Nossa separação.

Laura não se surpreendeu e até ficou feliz. Assim poderia sair com Rafael sempre que lhe aprovesse. Impertinente, respondeu:

– Tudo bem. Mas não pense que vou sair de mãos vazias. Este apartamento...

Anselmo não a deixou terminar:

– Você, como esposa infiel que é, não tem o direito de exigir nada. Nada!

– Vamos ver isso na Justiça. Não vou ficar sem nada depois de ter suportado você por tanto tempo. E você não tem provas.

– Não tenho provas? Veja isto. – E lhe mostrou toda a gravação no celular.

Laura ficou histérica:

– Desgraçado!

– Acha que não pensei em tudo? Esqueceu-se de que sou advogado?

– Anselmo... Vamos conversar como duas pessoas civilizadas.

– Ora, ora... Você demorou muito para recorrer aos chavões... Esse argumento já está muito batido. Não tem nada melhor?

Laura sentia-se humilhada.

– Olha aqui, Laura, embora você mereça só a rua, eu lhe darei um *flat* e uma pensão por três meses até você arrumar um serviço. Você não é aleijada e pode muito bem arcar com suas despesas. Sua vida de dondoca vadia terminou.

– Vai voltar pra mosca-morta?

– Proíbo-a de falar assim de uma mulher digna! Saiba que você contaminaria os sapatos dela se os beijasse.

– Olha só... E por que não viu tanta santidade antes de correr atrás de mim? Só agora percebe que a mosca é, na verdade, uma elegante mariposa?

Laura julgou que Anselmo não tomaria nenhuma atitude violenta e sentiu-se à vontade para ofendê-lo. Mas estava enganada. Ele aproximou-se dela e circulou seus grandes dedos em torno de seu pequeno pescoço. Apertou um pouco. Não queria cometer nenhum crime, mas ela o tirava do sério.

Foi quando os obsessores desencarnados mais se assanharam:

*“Isso mesmo, Anselmo! Essa traidora não merece viver. Mate-a! Aperte esse pescoço até ela botar a língua para fora. Vamos, seu palerma!”.*

E as mãos iam apertando... apertando... Até que o Espírito que o protegia e que desde o início daquela discussão tentara intervir sem sucesso ordenou com firmeza:

– *Pare, Anselmo! Quer passar os seus dias na cadeia? Não pensa em Clementine e em João Augusto?* – Ao mesmo tempo em que falava, pedia ajuda aos seus superiores.

Anselmo não conseguiu captar a advertência do seu protetor. Laura se debatia e já estava ficando roxa quando a campainha

tocou. Anselmo despertou de sua loucura e soltou o pescoço da mulher. Foi atender enquanto Laura corria, tossindo, para seu quarto.

Era Sandrinha. Preocupada após o telefonema de Anselmo, resolvera ir até a casa da amiga. Na verdade, fora inspirada a fazer isso pelo protetor de Anselmo.

– Laura está no quarto. Tivemos uma discussão. Eu quase a matei. Não fosse você tocar a campainha creio que a esta hora sua amiga já estaria morta.

– Santo Deus, doutor Anselmo! Graças a Deus vim correndo para cá. Posso falar com a Laura?

– Pode. Mas saiba que não considero mais a Laura como minha esposa. Não posso tolerar infidelidade.

Sandrinha pensou naquela incoerência. Ele não podia tolerar infidelidade, mas fora infiel com a primeira esposa.

Laura lhe contou o acontecido. Sandrinha ia censurar-lhe o procedimento, mas aquela não era uma boa ocasião e ela se calou.

## - 12 - Surpresas desagradáveis

Anselmo surpreendera-se consigo mesmo ao perceber que também tinha dentro de si a violência que tanto abominava nos outros. Aquela volta no tempo, em que uma mulher o chamara de Desidério, também não saía de sua cabeça. Casmurro, retirou-se. Ao passar pela sala, chamou-lhe atenção a foto de Laura no porta-retratos sobre o console. Pegou-o e ficou por instantes olhando aquela quase menina. Levou um choque ao notar, só naquele momento, que Laura lembrava muito uma amiga sua, Veridiana, dos tempos da adolescência. Confuso, devolveu o porta-retratos ao lugar onde o encontrara. *“Isso é coisa da mente! E depois... quantas vezes encontramos pessoas que nos lembram alguém e que nem parentes são?”* – pensou.

Despreocupou-se daquele fato. Tentaria descansar; pôr as ideias em ordem; entender o que se passara com ele; por que quase se tornara um assassino. O fato é que a paixão se transformara em ódio. *“Que linha tênue separa o amor do ódio”* – refletiu.

Tarde com alternância de chuva e sol.

Anselmo deitou-se na rede do terraço e deixou sua mente voltar ao passado, à sua adolescência. Faria uma retrospectiva. Se nada adiantasse, pelo menos serviria para distraí-lo daqueles pensamentos angustiantes. E voltou a pensar em Veridiana, sua

namoradinha dos tempos da juventude. *“1960... Bons tempos aqueles... tudo era encarado com otimismo; sem as encucações da idade madura...”* – pensou.

A foto de Laura fora buscar lembranças já esmaecidas do ano de 1960. Diremos que... Bem, não antecipemos a narrativa. Façamos uma retrospectiva; vamos voltar no tempo. Então saberemos o porquê das lembranças e dos temores de Anselmo.

Século 20. O ano de 1960 se findava.

A casa regurgitava de convidados falando e rindo alto. A festa seguia animada tanto da parte dos encarnados quanto da dos desencarnados. Estes, em maior número, colavam-se aos seus parceiros encarnados a fim de usufruir os vapores etílicos das bebidas. Muitos haviam sido atraídos para aquela festa pelo chamamento inconsciente de antigos comparsas agora reencarnados. Havia, ainda, outros que desconheciam completamente sua situação espiritual.

Em um dos quartos, uma senhora desencarnada aparentando uns 60 anos, estava sentada em uma cadeira de balanço. Trazia no coração sentimentos mesquinhos, e na mente pensamentos confusos e contraditórios. Seu olhar inexpressivo não se fixava em nada. Olhava sem ver. Ouvia o ruído da festa no andar de baixo, mas não abandonava a comodidade de sua cadeira. Acreditava-se ainda de posse de seu corpo material e não podia compreender por

que era ignorada dentro da própria casa. Afinal, fora ela quem adquirira aquela propriedade. Agora não entendia por que fora assim relegada; como davam ali uma festa sem sequer pedir seu consentimento.

Seus pensamentos, como névoa malcheirosa, criavam formas-pensamento assustadoras que bailavam ao seu redor. Qualquer vidente mal informado diria que se tratava de seres espirituais que ali se agitavam, quando na verdade eram criações mentais de vida fictícia que, com o tempo, cessada a manutenção delas pelos pensamentos, se diluiriam no ar. Não faltaram razões para o mestre Jesus alertar: “Ao pensar no mal, já ele está feito”.

A noite ia ao meio quando Veridiana entrou no quarto onde residia aquele Espírito alienado que lhe fora a avó Évelyn.

*“Que quer aqui, Veridiana? Não dá para mandar embora essa gente toda? Já estou bem cansada, quero repousar, mas não consigo. Malditos todos vocês.”*

De repente, a mente de Évelyn retornou a um passado muito distante, quando fora a fazendeira Emerenciana. Possuía muitos escravos e tornava a vida deles difícil de ser vivida. Era raro o dia em que não gritava com o capataz.

– Outra vez gritaria na senzala! Malditos escravos! Qualquer dia boto um deles no tronco e o deixo lá até morrer! Desidério...

Desidério... Sujeito estúpido e negligente! – tais recordações a atormentavam constantemente.

O capataz Desidério nutria, a essa época, um amor secreto por Emerenciana. Era, é óbvio, um amor platônico, pois a fazendeira amava somente a si mesma. Nunca se casara, pois temia perder a autonomia da fazenda. Seria capaz de mandar surrar o capataz até a morte se soubesse daquele amor.

As recordações, para o escarmento do Espírito, eram constantes. Às vezes falava alto e autoritária:

– Como não há barulho, seu imprestável? Acaso você é surdo? Vamos até lá. Aposto que é a maldita Maria Conceição que está berrando! Vamos botá-la no tronco. Que ela fique lá para servir de exemplo.

– Como não há necessidade? Alguém pediu sua opinião, imbecil? Cale essa boca! Recolha-se à sua insignificância ou o expulsarei daqui como se faz a um cachorro sarnento!

Sem mesmo colocar um agasalho, em uma noite fria de inverno, Emerenciana seguira com o capataz para a senzala.

Em seu leito de palha recendendo a urina, a escrava Conceição dormia tranquilamente.

– Maldita! Não adianta fingir. Agora se cala, não é?

A escrava estava abraçada à filha. Emerenciana arrancou a criança dos seus braços e a arremessou para longe. Aos gritos, a

escrava correu para ampará-la, mas a menina já estava morta. Batera a cabeça em um fogão de ferro e desencarnara na hora.

Maria Conceição fora arrastada até o tronco. Emerenciana dera ordens ao capataz:

– Que ela fique aí até apodrecer!

Não houve amanhã para a escrava. De tanta dor ao ver a filhinha com a cabeça arreventada, teve um infarto e também desencarnou duas horas depois de ter sido atada ao tronco.

Évelyn não se recordava claramente do seu passado, porém continuava árida de amor. Nem a reencarnação, nem o fato de viver outra realidade a tinham curado da sequela espiritual. Ela ainda precisaria de muitas encarnações para reorganizar a mente espiritual destrambelhada.

Veridiana, sensitiva, sentiu um arrepio ao adentrar o quarto. Olhou para uma cadeira de balanço num canto do quarto e se lembrou da avó Évelyn. Quando ainda encarnada, ela sempre se sentava ali, onde permanecia horas a fio se balançando e penteando os cabelos. Veridiana sempre admirara a beleza e os longos cabelos dourados da avó.

Quando a avó desencarnara, a jovem tentara retirar dali aquela peça que tantas recordações lhe trazia. Mas bastara colocar as mãos na cadeira para sentir-se mal. Évelyn queixara-se com tal veemência, que Veridiana julgara que a avó ressuscitara. Então não

mais encostara a mão naquela peça. Mas sempre se perguntava o porquê de o Espírito ainda permanecer ali. Não deveria estar no mundo dos mortos?

O Espírito Évelyn queixou-se:

*– Que lhe fiz eu, minha neta? Por que finge que não me vê? E o Desidério, aquele imprestável, onde se escondeu? E meu jantar? Estou faminta. Quando essa festa vai acabar?* – Misturava o distante passado com o presente, mas a neta não podia ouvi-la e mais ela se irritava.

Veridiana pegou o litro de uísque que fora buscar e, olhando mais uma vez, desconfiada, para a cadeira de balanço, retirou-se do aposento. Por um instante, antes de fechar completamente a porta, julgou ver a cadeira movimentar-se, mas como estava alterada pela grande quantidade de bebida que já consumira, acreditou ser um efeito do álcool.

*“Mal-agradecida! Mora de graça aqui na minha fazenda e essa é a paga que me dá. Mas Deus me fará justiça. Preciso só sarar dessa maldita doença que me impede de andar e todos esses aproveitadores vão se ver comigo! A imprestável da Maria Conceição já foi para o inferno dos negros!”* – pensou a desencarnada, crente de que se encontrava em sua fazenda da pretérita existência.

Voltando com mais um litro de uísque e servindo seu namorado, Veridiana lhe disse:

– Anselmo, acho que esta casa está mal-assombrada. Quando fui buscar este uísque lá no quarto que pertenceu a minha avó, juro que tive a impressão de que ela estava lá, se balançando em sua cadeira, reclamando do barulho, dizendo que estava com fome. Recriminando-me. Credo! Fiquei com medo. Mas acho que isso é coisa de minha mente.

Sim, era Anselmo, o nosso já conhecido, então um jovem de 22 anos e namorado de Veridiana. Tão inconsequente quanto ela mesma, não despertara, ainda, para os valores morais e espirituais. Com o álcool a lhe empanar o raciocínio, debochou:

– Almas penadas por aqui? Saravá, meu Pai, Saravá. Meu pai Oxalá é o rei, venha me valer... – E se pôs a cantar e dançar imitando grosseiramente os médiuns da Umbanda e do Candomblé.

– É sério, cara! Não deboche que eles podem se vingar de nós. Veja como estou arrepiada! Pare! Pare com isso. Respeite a religião alheia.

Os convidados, já ébrios, gritavam e aplaudiam.

De repente, Anselmo rodopiou e foi ao chão. Levantou-se para cair novamente. Começou a dar golpes na própria cabeça. Girava e inclinava o corpo, lembrando um cavalo.

Veridiana apavorou-se mais ainda quando outro rapaz entrou na roda e começou também a girar... girar. Depois passou a falar em um dialeto estranho que ninguém entendia.

– Vamos orar, gente – sugeri uma garota, paralisada de medo.

Ninguém lhe deu ouvidos. Os dois continuavam a girar e, por mais que Veridiana insistisse, não voltavam ao normal. Somente quando Évelyn apareceu e pôs os Espíritos incorporados a correr, Anselmo e o outro rapazola conseguiram parar. Estavam exaustos. E amedrontados.

– Mas que diabo foi isso?

– Anselmo, seu estúpido! Você viu o que fez?

– Ora essa, o que eu fiz, Veridiana? Pirou, é?

– Então... não se lembra?

– Lembro alguma coisa, mas tudo confusamente... Chamavam-me de cavalo do santo... Que estranho!

– Acho que você atraiu alguns Espíritos quando zombou dos médiuns deles. Já li alguma coisa sobre isso. Agora espero que aprenda a ter mais respeito pelas crenças alheias.

– Foi muito estranho. Isso nunca me aconteceu antes.

– É que você os desrespeitou. Quis fazer gracinha à custa deles.

Agora reze para ficar só nisso.

Anselmo ficou ainda mais amedrontado:

– Nunca mais brinco com isso.

– Acho bom.

O outro rapaz estava também extenuado.

– Gente! Que louco, meu! Senti-me um fantoche nas mãos descomunais de uma criatura selvagem.

– Um Espírito também deve ter tomado seu corpo, Sílvio!

– Mas eu estava só olhando o Anselmo! Não fiz nada para ofendê-los!

– Acho que você tem mediunidade e de alguma forma atraiu o Espírito.

– Santo Cristo! Será que isso vai acontecer de novo?

– Se fosse comigo, amanhã mesmo procuraria um bom Centro Espírita.

– Acho que farei isso. Nunca mais quero passar por essa experiência. E sabe quem nos salvou?

Sílvio olhou para os convidados como se estivesse procurando alguém.

– Onde está ela?

– Quem?! Ela quem?

– Aquela idosa estranha, de cabelos claros e compridos até quase a cintura, que fez os Espíritos saírem de mim e do Anselmo. Aliás, ela chamava o Anselmo de Desidério. Que *loco*! Onde ela foi? Mulher esquisita...

Todos o olharam com uma interrogação.

– Pirou de vez! Que idosa? Aqui só tem jovens. Creio que a mais velha sou eu e tenho só 23 anos.

Sílvio continuava a olhar para todos os lados:

– Ela deve estar no andar de cima.

Subiu correndo a escada e estancou diante do quarto onde residia o Espírito Évelyn. Escancarou a porta. Todos correram atrás dele.

– Lá está ela. Eu sabia! Está descansando na cadeira de balanço. E nós fazendo tanto barulho lá embaixo. Puxa! Que falta de respeito para com a pobre senhora! Veridiana, por que não nos falou dela?

Ninguém entendia nada.

– Ele está bêbado! Bebeu quase meio litro de vodca com Coca-Cola. Está tendo alucinações – disse um dos convidados.

– Tá *lelé*, o coitado! – disse outro.

O rapaz não se perturbou com os comentários:

– Veridiana, por que não disse que sua avó estava aqui repousando? Não teríamos feito tanto barulho. Coitada! Mesmo assim ela desceu para nos ajudar com aqueles Espíritos. Não fosse ela talvez ainda estivéssemos lá, rodopiando até morrer de cansaço.

– ??

Todos se olharam, surpresos. Ninguém via nada. A cadeira estava lá completamente parada. Veridiana apenas sentiu mais

intensamente a presença espiritual da avó e suas queixas.

– Vamos embora, Sílvio. Aqui não tem ninguém. Este quarto está desocupado desde que minha vó faleceu. É usado agora como despensa.

– Não é possível! Posso jurar que foi ela quem botou os fantasmas a correr daqui.

Veridiana ia dizer que também já pressentira a desencarnada perambulando pela casa, mas achou prudente ficar calada. Poderia intimidar ainda mais os convidados.

– Vocês sabem que os mortos podem voltar, não sabem? Será que sua avó não está por aqui? – disse um rapazola babando de tão bêbado.

– Olha, vamos parar de falar em morte, em Espíritos... Estou toda arrepiada.

– Não seja medrosa, Telma! Morreu... acabou-se – disse Nino.

– Não aposte nisso, que vai perder feio! Os que morrem estão mais vivos do que nós. Pode acreditar!

De repente, Anselmo também percebeu, num relance, o Espírito sentado à cadeira e fixando nele duro olhar de reprovação. Ao contrário de todos, não sentiu medo. *“Meu Deus! Parece que a conheço de muito tempo! Sinto-me estranho em relação a ela. Amor e ódio! Dor e desilusão! Quem será?”*

Quando quis se concentrar para ver melhor, tudo desapareceu.

Sílvio não se conformava. Já ia entabular conversa com Évelyn quando esta o encarou. Ele estremeceu. Observando melhor, sentiu naquele baço olhar o cheiro da morte.

Anselmo estava pálido e trêmulo.

– O que foi, Anselmo? Você não está bem?

– Veridiana... acho que estou pirando. Eu também vi um fantasma aqui.

– Ora essa! Você está é bêbado feito um gambá.

– Até um nome me veio à mente: Emerenciana. Nunca conheci ninguém com esse nome. Foi uma emoção estranha de revolta, amor e medo.

– Mas o que a bebida faz, hein? Olha que vou ficar com ciúmes. Emerenciana, é? Pois sim!

## - 13 - Reencarnação automática

Por alguns instantes, os jovens quedaram-se em silêncio. Anselmo e Veridiana tentavam fazer a festa voltar à alegria de antes, mas toda música parecia-lhes um toque de finados.

Dentre os encarnados, um grande número de desencarnados também se divertia. Um deles, vendo que a festa se encaminhava para o final por falta de motivação dos encarnados, aproximou-se de Veridiana:

*“Vamos lá, maninha! O que é isso? Vamos agitar! Nada de medos injustificáveis. Deixe a velha fazendeira maldita lá no seu quarto. Se me autorizar, vou lá e dou um jeito nela”.*

Veridiana sentiu seu corpo arrepiar-se todo:

– Cruz-credo! Acho que a morte passou por aqui. Veja, Anselmo, como fiquei arrepiada!!

– Ouviu ou viu alguma coisa? Já falei que isso é mediunidade e que você deve ir a um Centro... Mas você é tão teimosa!

– É que tenho medo.

– Não há motivo para ter medo. Eu já frequentei uma Casa Espírita, quando tive problemas. Eles me curaram com passes e orientações. Não havia, ainda, obtido alta, mas por negligência, ou preguiça mental, assim que fiquei bom, não fui mais. Depois do que vi lá no quarto, acho que vou voltar.

– Você tem razão. Temos mesmo mediunidade. Segundo me disseram, a mediunidade é uma ferramenta de trabalho. Sei que tenho muitas arestas a aparar, muitos erros a corrigir. Disseram-me que, trabalhando no bem, na caridade, desenvolvendo o amor ao próximo, também me reequilibrarei com a Lei que um dia desrespeitei. Não existe o “olho por olho, dente por dente”. Jesus substituiu isso por “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

– Você fala com sabedoria...

– Mas não vivo com sabedoria. O inferno – como já ouvi dizer – está cheio de teóricos prolixos.

– É mesmo. Mas, vamos: diga-me o que aconteceu para você ficar assim arrepiada.

– Ouvi perfeitamente alguém dizendo para continuarmos a festa. Fez também alusão a minha avó. Disse que, se ela estiver nos incomodando, ele poderia dar um jeito nela.

– Tem certeza? Credo! Começo a ficar preocupado. E você permitiu isso?

– O quê?

– Que ele desse um jeito em sua avó? Quer dizer... naquele Espírito?

– Claro que não! Já é infeliz demais... Contudo, não consigo gostar dela.

Anselmo coçou a cabeça:

– É muita emoção para um só dia. Vamos esquecer tudo isso. Se tiver Espíritos aqui... que eles fiquem na deles e não nos incomodem.

– Certo, Anselmo. Vamos beber mais e dançar. Vamos esquecer os fantasmas nossos de cada dia – riu Veridiana, um tanto alterada pelo álcool.

– Vamos nessa, galera! A noite é uma criança – emendou um dos rapazes.

O Espírito reclamador deu vivas e saiu dando cambalhotas. Aproximou-se de uma jovem e, numa verdadeira simbiose, sugou os fluidos etílicos de sua bebida.

Veridiana e Anselmo, bem alterados pela bebida, retiraram-se e se fecharam num dos quartos da casa. Mas a lembrança de Évelyn não se desgrudava da jovem.

– Sabe, Anselmo... – Ficou muito séria por alguns instantes.

– O que foi? Diga o que te preocupa.

– Minha avó Évelyn era boa para mim, mas reconheço que tinha o coração duro com outras pessoas. Não suportava negros. Referia-se a eles como se a cor os tornasse inferiores.

– Infelizmente não é só ela que pensa – ou pensava – assim. Muita gente esclarecida, ainda hoje, alimenta tal preconceito. Mas

esses, com certeza, mudarão de ideia quando reencarnarem negros.

– Uma vez minha mãe admitiu uma empregada negra...

– E daí?

– Minha avó implicou com ela. Em tudo o que ela fazia, minha avó achava um defeito. Reclamava com minha mãe, insistindo para que despedisse a Neusa, uma mulher muito boa e simpaticíssima.

Anselmo ouvia sem muito interesse.

– Até que um dia – continuou a narrativa – minha avó acusou-a de ter roubado uma joia dela. Um colar valioso. Embora Neusa negasse, o colar foi encontrado em seu quarto. Minha mãe mandou-a embora na mesma hora. Depois desconfiamos de que foi minha avó quem armou tudo, quem colocou lá, entre as coisas da Neusa, o colar.

– Você está nervosa, Veridiana. Esqueça tudo isso. Já passou. Vou deixar você sozinha para que descanse um pouco.

– Quis dar esta festa, mas não estou me divertindo nada.

– Tudo bem. Vou embora para você repousar um pouco. Procure relaxar.

Veridiana deitou-se, mas não conseguia conciliar o sono. Pensava na avó desencarnada, ali no quarto ao lado, em sua cadeira de balanço. Lembrou-se de que, quando pequena,

costumava sentar-se no colo dela e ficar enroscando os dedos nos seus cabelos louros e longos. Um dia lhe perguntou:

– Vovó, por que seu cabelo é amarelo e o meu é preto?

– Porque eu sou descendente de alemães. Seu avô, o falecido Louis, era francês e moreno. Seus pais são brasileiros e têm cabelos castanhos. Foi uma pena você não ter herdado meus cabelos louros.

Vendo que a neta se entristecera com isso, tentou consertar:

– Mas os seus também são lindos!

Com essas recordações, Veridiana atraiu o Espírito Évelyn para perto de si. Um sentimento bom fez com que o Espírito permanecesse junto dela.

Sem sequer pedir permissão, Fabiano, um dos jovens presentes à festa, adentrou no quarto e deitou-se ao lado dela. Tal qual Veridiana, estava alterado pelo álcool. Ela nem percebeu, tão perturbada estava não apenas pelo álcool, mas principalmente pela presença do Espírito Évelyn.

– Veridiana? Posso me deitar aqui com você?

Ela não respondeu e ele insistiu:

– Posso? Bem, “quem cala consente”. Mas você está tão esquisita!

– Parece que minha avó Évelyn está aqui... bem junto de nós. Quase posso senti-la. É tão estranho. Mas por que você está aqui,

Fabiano? Aonde foi o Anselmo?

– Ora, deixe o Anselmo pra lá. E que sua avó repouse em paz.

Sem os cuidados contraceptivos, Fabiano e Veridiana se entregaram ao ato sexual sem pensar nas consequências futuras.

Só no dia seguinte Veridiana deu-se conta de que Fabiano se aproveitara de sua bebedeira. Revoltou-se e se culpou pelo ocorrido. Furiosa, sacudiu o rapaz:

– Fabiano, vamos! Levante-se! Não me lembro de tê-lo convidado a dormir comigo. Que sujeitinho intrometido é você!

– O que foi? Que brabeza é essa?

– Já é tarde. Vamos nos levantar antes que o Anselmo entre aqui e lhe dê o que merece. Ele ainda é meu namorado, esqueceu?

– Relaxe! Anselmo está dormindo lá na edícula. Eu o vi indo para lá de madrugada. Ainda estou com sono. Vamos dormir mais um pouco.

– Não. Vamos levantar. A casa está uma bagunça só. Precisamos arrumá-la antes que meus pais retornem da viagem. Minha mãe terá um chilique se chegar aqui e encontrar a casa desse jeito.

– Droga! Você é muito mandona!

Com má vontade, Fabiano se levantou.

Veridiana estava na cozinha, ainda com a roupa da festa e com a maquiagem borrada. Sentia-se estranha, como se carregasse um

fardo superior às suas forças. Anselmo se aproximou, perguntando:

– Veridiana, você já foi lá na sala?

– Não. Por quê?

– Tem pelo menos dez pessoas dormindo amontoadas pelos sofás.

– Pois trate de acordar todo mundo. Que eles deem o fora logo. A festa já acabou. Meus pais logo estarão chegando.

– Veridiana, você está bem? Parece-me que está aborrecida. O que foi?

– Não sei. Estou com um mau pressentimento. Sonhei muito com minha avó Évelyn. Credo! Parece que ela se entranhou em mim.

– ??

Veridiana sentia fortemente a presença daquele Espírito. Ultimamente experimentava certa aversão ao se lembrar da avó. Évelyn era altiva. Orgulhosa de sua ascendência alemã. Menosprezava tudo que não fosse alemão. Detestava negros. Quando desencarnou, Veridiana era ainda uma menina, mas não sentiu nenhuma falta dela. Chorou apenas por ver sua mãe chorar. Depois, mais nenhuma lágrima. Agora aquela sensação estranha de tê-la junto de si.

– Anselmo, creio que os exageros da noite de ontem me fizeram mal.

Mas não lhe contou que se relacionara com Fabiano. “*Para que vou contar? O Fabiano foi ao meu quarto sem minha permissão... Eu não estava no meu normal...*” – justificou para si mesma em pensamento.

Anselmo, bocejando:

– Nem me lembro direito do que aconteceu ontem. Desabei e dormi feito pedra. Mas o que você sente? Está pálida...

– É. Não estou bem. Mas vai passar. Agora vá embora. Preciso tomar um banho e arrumar essa bagunça toda antes que meus pais cheguem.

– Vá tomar seu banho. Eu fico aqui pondo ordem na casa.

– Está bem. Obrigada. Mas olhe... Assim que terminar, vá embora. Não quero que eles encontrem você aqui.

Estava entrando no banheiro quando a amiga Cidinha apareceu.

– Oi, Veridiana. Já está acordada?

– Acho que já... Ai, que noite, amiga! Estou um lixo! Nem uma semana de cama vai resolver isso! Você quer alguma coisa?

– Só bater papo. Estava pensando no que aconteceu com o Anselmo e com aquele rapaz, o Sílvio. Que estranho... Eles incorporaram algum Espírito, não foi?

– Parece que sim. Mas não quero falar disso. Foi bom você não ter ido embora ainda...

– O que foi?

– Não estou bem. Parece que atraí também algum Espírito para perto de mim.

– O quê? Tá *lelé*?

– É sério, Cidinha. Sinto-me estranha... Parece que... ah... deixa pra lá.

– Fale.

– Nem sei o que dizer. Sinto que algo está junto a mim, dentro de mim...

– Xiii... que papinho esquisito.

Anselmo, que ouvia a conversa, fez um sinal negativo com a cabeça.

– Deixa pra lá, Cidinha. Vou tomar banho. Quem sabe isso tudo seja apenas cansaço – comentou Veridiana, retirando-se.

Depois do banho:

– Ainda não passou aquela sensação? – perguntou Anselmo.

– Não. Sinto que... – Não teve coragem para continuar. As lágrimas escorriam pela sua face.

Anselmo abraçou-a.

– Não sei... Parece que vejo seres estranhos em toda parte.

Anselmo riu. Um riso nervoso, só para disfarçar o nervosismo e acalmar a namorada. Sua mente não saía do quarto onde acreditava estar o estranho Espírito. Mas não queria deixar Veridiana mais impressionada do que já estava.

– Você anda vendo muitos filmes sobre espíritos, obsessão, coisas malucas do mundo espiritual... – Mas ele também se lembrou daquele fero olhar e se arrepiou todo.

– É... deve ser isso mesmo.

– Venha cá, minha querida. Aproveitemos mais um pouco.

Veridiana estava mal-humorada, mas cedeu ao desejo de Anselmo na esperança de esquecer o que ela achava ser a presença de Évelyn.

Seus pais ligaram para saber notícias e avisar que só voltariam dali a dois dias.

Inconsequentes, os jovens esticaram a festa até o dia seguinte. Não só os encarnados como também os desencarnados se entregavam ao prazer sem responsabilidade.

No quarto, a cadeira de balanço estava vazia.

Depois daquela malfadada festa, Anselmo se mudara para o Rio de Janeiro e no mês seguinte nem se lembrava mais dos problemas de Veridiana e muito menos daquela festa de adolescentes.

Ao perceber que seu útero agasalhava uma vida, Veridiana entrou em pânico. O que fazer? Era ainda bem jovem e tinha muitos planos para o futuro. Agora estava gerando uma criança não desejada. E o pai? Quem seria? Não se lembrava, pois bebera muito durante os dois dias de festa. Lembrava-se de que dormira com Fabiano, mas também havia se relacionado, no dia seguinte,

com Anselmo. *“E agora? Mas que droga! Por que não fui mais cuidadosa? Será Anselmo o pai? Ou será Fabiano? É... Pode ser qualquer um deles. Tenho as lembranças confusas. Fabiano deitou-se em minha cama sem minha permissão. Eu não o rejeitei e agora me arrependo. Estava completamente bêbada! Anselmo mudou-se para o Rio e nem sei seu novo endereço. Fabiano é ainda uma criança e bem mais novo do que eu. Se eu o acusasse era bem provável de ser até processada. Ou inculpada de tê-lo seduzido. Cruzes! Que droga de vida!”*

Veridiana sentiu como se o mundo desabasse sobre ela. Passou a nutrir pela criança um sentimento azedo de raiva e revolta. *“Que direito tem esse ser atrevido de se intrometer em minha vida? Mas ele não vai nascer. Devo contar a minha mãe? Meu Deus... O que ela dirá? Será que apoiaria o aborto? Creio que não, mas ainda sou muito jovem para arcar com a responsabilidade de um filho...”*

O milagre da vida se fizera nela por intermédio de uma reencarnação não programada pela Espiritualidade. É o que conhecemos como reencarnação biológica; automática, em que o óvulo fecundado atrai magneticamente o Espírito desencarnado e rapidamente se inicia a multiplicação das células, que se transformam em órgãos, que se transformam em sistemas... Em questão de semanas, eis um novo ser.

À medida que pensava no aborto, uma sensação desagradável a envolvia: rostos desfigurados, pernas e braços mutilados, vísceras ensanguentadas sucediam-se ininterruptos em sua mente. Parecia mesmo que o reencarnante indesejado ouvia seus pensamentos e se revoltava ante a possibilidade de ser expulso daquele ninho morno.

## - 14 - Consequências da irresponsabilidade

Ainda os acontecimentos de 1960.

Marcas da festa ainda estavam espalhadas pela casa, quando os pais de Veridiana chegaram da viagem. Os beijos e abraços foram efusivos, mas Konstanze, como mãe zelosa que era, notou o semblante abatido da filha:

– Veridiana, você está doente?

– Não! Que ideia, mãe!

– É que está com olheiras, rosto cansado... Andou fazendo alguma extravagância na nossa ausência? Olhe lá, menina!

Sem que Veridiana soubesse explicar a razão, seu pensamento imediatamente correu para o quarto que fora de Évelyn. Ia responder à pergunta da mãe, quando Sálvio, seu pai, apareceu com duas garrafas de vodca vazias e a interpelou:

– Minha filha, você fez alguma festa aqui?

– Eu... sim... Reuni alguns amigos. Fiz mal?

– Não. É que tem garrafas e latas de cerveja vazias por todo canto. Se sujou toda a casa, por que não limpou, depois?

– Eu limpei. Mas acho que não limpei direito.

– Você sabe muito bem que a bebida faz muito mal à saúde e pode trazer complicações as mais diversas. Não devemos maltratar

tanto nossos órgãos. Quando somos jovens, rimos dessas advertências, mas quando adoecemos... aí vem a choradeira.

Konstanze abraçou mais uma vez a filha:

– Meu Deus! Sálvio, nós não deveríamos ter viajado e deixado nossos filhos sozinhos. Veja como Veridiana está abatida. Sabe-se lá o que andaram fazendo por aqui...

– Mãe! Que pensa que eu sou? Dei uma festa, sim, mas tudo correu em ordem.

Sálvio argumentou:

– Não a deixamos sozinha. Os irmãos são homens feitos e prometeram tomar conta dela. Eles ficaram com você, não ficaram, Veridiana?

– Bem... não. Foram os dois para a casa das namoradas, mas eu garanti a eles que ficaria bem. Falei que a tia Florinda viria me fazer companhia.

– E ela veio?

– Não.

– Viu só, Sálvio? Ela ficou aqui sozinha! Deus meu, que perigo! Um bando de jovens sozinhos... Maldita hora em que tivemos a ideia de passar alguns dias no Guarujá.

– Ora, Konstanze! Não exagere! Foram só alguns dias! Presente de aniversário para você, que nunca sai de casa! Ela também já vai fazer 24 anos, droga!

– Veridiana, minha filha, por que não nos disse que seus irmãos deixaram você aqui sozinha? Ah, deixa esses dois chegarem... Vão ver uma coisa!

– Vocês estão fazendo um auê danado por uma coisa tão boba!

– Na verdade, Konstanze, a responsabilidade não era deles.

– Eu sei. Mas nós pedimos que eles olhassem a Veridiana. Eles foram inconsequentes e omissos!

Veridiana, titubeante:

– Eles não foram culpados. Eu jurei pra eles que a tia Florinda viria. Eles confiaram em mim. E eu já não sou mais uma criança, poxa!

– De qualquer forma, eles foram irresponsáveis e ouvirão um bom sermão, os safados.

– Pai, mãe, por favor, não façam disso uma tragédia grega! Não aconteceu nada. Não exagerem! Só participaram alguns amigos.

Quando finalmente os nervos se acalmaram, Veridiana dirigiu-se ao quarto onde tantas vezes vislumbrara a avó desencarnada. A cadeira de balanço estava lá. Ela permaneceu alguns instantes olhando-a na esperança de ver o Espírito ainda lá, no seu balançar incansável. Mas a cadeira estava vazia. Veridiana sentiu um arrepio e passou as mãos pela barriga. Estaria mesmo agasalhando ali o Espírito da avó!? Tinha quase certeza de que sim. Era médium,

embora pouco soubesse sobre mediunidade e reencarnação de Espíritos.

Deveria contar à mãe sobre sua suspeita? Melhor esperar. Talvez estivesse enganada. Talvez tivesse um aborto espontâneo. Talvez. Talvez. Talvez.

Era de enlouquecer. *“Se pelo menos soubesse onde Anselmo está. Tenho certeza de que, se eu estiver mesmo grávida, ele me ajudará”* – pensou, enquanto passava a mão pelo ventre. *“Minha avó Evelyn, não faça isso comigo. Não quero ser sua mãe. Nunca te amei como vó, agora a amarei menos ainda como sua mãe. Que digo! Devo estar pirando! Meu Deus, não permita!”* – os pensamentos lhe vinham aos borbotões, deixando-a ainda mais desequilibrada.

Lismara, um Espírito amigo, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos. Não tinha a incumbência de zelar por ela, mas condeu-se. Fora, há muito tempo, em outra existência, prima de Veridiana e queria esclarecê-la sobre alguns equívocos. Aproximando-se da jovem, falou:

– *Veridiana, como todos nós, você sempre apela para Deus quando as coisas não saem conforme seu desejo. Na hora de agir, quase sempre alegamos que somos donos de nós mesmos; que temos nosso livre-arbítrio; que nossa vida é de responsabilidade exclusivamente nossa. Depois... pedidos... lágrimas... preces...*

*promessas. Você não é mais criança, mas, se não está preparada para ser mãe, deveria ter tomado algumas precauções. O fato é que você tem confundido liberdade com libertinagem. E isso nunca dá bons resultados. Agora assuma, minha querida. Fazer o aborto não é a solução. É, antes, o problema. Poderá haver complicações e sua vida física correrá perigo. Pense, amiga. Você não é a primeira nem será a última a ter um filho nessas condições. Melhor assumir do que arcar com as consequências desse crime. É o momento de você mostrar confiança em Deus.*

Veridiana registrou aquelas advertências na alma, e pensou, voltando o olhar para o alto: *“Deus! O que faço?”*.

## - 15 - Esclarecimentos do Além

Mesmo pressentindo a gravidez, Veridiana esperou com ansiedade a vinda da menstruação. E esta não veio naquele mês nem no outro. E Évelyn se agarrava à nova existência. E a futura mãe se desesperava. Chorava muito e se recriminava. Vezes sem conta chegou a bater fortemente na barriga, mas nada adiantou. Queria poder arrancar de lá aquele feto indesejado. Gostaria de voltar no tempo e escrever de novo aquele capítulo triste. Mas a vida ia seguindo sua trajetória. Indiferente. O tempo perdido jamais volta.

E o guia espiritual de Veridiana? Por que não impedira aquilo? Por que permitira que a jovem imatura engravidasse?

A função do nosso anjo da guarda não é intervir em nossas decisões. Não cabe a ele agir em nosso lugar, pois temos o livre-arbítrio, como já dissemos várias vezes em outras oportunidades. Ele pode nos orientar, nos aconselhar, nos mostrar qual é o melhor caminho a seguir, mas não agirá em nosso lugar. Se assim procedesse, a ele caberia a culpa ou o mérito pelos resultados finais.

No caso em tela, ele nada pudera fazer, pois a reencarnação de Évelyn se dera obedecendo ao automatismo que rege a vida orgânica. Uma questão biológica e natural. O óvulo fecundado

atraíra para si o Espírito presente. Nesse caso, ainda houve a colaboração de Veridiana, que atraíra, através dos pensamentos, sua avó desencarnada.

\*\*\*

Determinada noite, quando a aflição de Veridiana se fazia maior, Lismara a levou, durante o sono, a um lugar diferente.

Muitos Espíritos, alguns encarnados desdobrados durante o sono, e outros desencarnados, lá estavam. Uma grande árvore, com flores amarelas que lembravam muito o nosso conhecido ipê, exalava um perfume inebriante. Sentados ao redor do gigantesco tronco, os membros daquela assembleia estavam curiosos. Uma entidade desencarnada fez sentida prece. Depois, olhando demoradamente para Veridiana, impregnando suas palavras de amor e compreensão, iniciou:

*– Caros irmãos. Paz no coração de todos.*

*Bem sei que aqui comparecem Espíritos que ainda não podem cultivar a paz em seus corações. Não podem se fortalecer com a fé viva que os ensinamentos de Jesus promovem. Não podem se dessedentar na fonte divina e padecem a secura da alma. No entanto, somos filhos queridos de Deus e Deus não esquece nenhum de seus filhos; não os deixa à mercê dos infortúnios, mas sempre os socorre, mesmo não sendo compreendido.*

*Temos aqui presente entre nós uma irmãzinha que sofre. Sofre porque ainda não compreendeu que a vida cobra de nós responsabilidade. Todos já temos idade espiritual suficiente para compreender e vivenciar as leis divinas, mas sempre incorremos no erro de querer burlar a Lei, achando que gozar a vida é um direito nosso. Não há contestação quanto a isso, desde que saibamos agir com moderação e discernimento.*

*Geralmente o ser humano reclama o reconhecimento de seus direitos, porém não se conscientiza dos seus deveres; de suas obrigações. Corre atrás das vantagens, mas foge das consequências muitas vezes negativas que porventura isso acarrete. Quer sempre tirar proveito de tudo, ignorando se com isso prejudica o próximo. Ele está bem... então... cada um por si. Essa, a lei do egoísta.*

*Enquanto perdurar esse comportamento, a dor estará presente. É bem certo que somos livres para agir, mas as consequências não mandam avisos. A vida segue seu caminho, indiferente às nossas lágrimas de revolta e dor. Revolta e dor quase sempre originadas pelo nosso orgulho; nosso egoísmo; nossa desobediência às Leis divinas.*

*A maternidade é santificada e todo filho é uma bênção do Pai Criador. Às vezes, o que parece ser um castigo é, na verdade, um presente que nos ajudará em nossa ascensão espiritual. É mais*

*uma oportunidade para refazermos nosso caminho com acerto. Toda colaboração, todo o bem que fizermos a outrem é a nós mesmos que fazemos. Cedo ou tarde vamos precisar também da ajuda alheia. A treva, com a qual nos vestimos no período infantil do Espírito, só se extinguirá com a alvorada de luzes duramente conquistada.*

*Querida irmã, pense melhor; não deserte da luta. O que hoje parece uma tragédia amanhã poderá se transformar em uma bênção. Cada lágrima derramada em prol do seu semelhante para ajudá-lo em sua evolução – como todos nós já fomos e somos ainda ajudados – será como edificar uma escada de luz. Essa escada será o elo entre Deus e nós.*

*Irmãzinha Veridiana: O aborto poderá ser permitido pela lei torta dos homens, mas jamais o será pela Lei de Deus. Se se condena – pelos menos em alguns países – a pena de morte, como admitir o aborto? Como impor a pena de morte a alguém que ainda nem nasceu? Se as leis não permitem matar um bandido, um criminoso, como justificar matar um ser dependente e indefeso? Como ter coragem de matar o pequenino agasalhado no seu útero, que espera da mãe os cuidados necessários para viver? Como justificar o “Amai-vos uns aos outros”? Como continuar vivendo depois de ter arrancado de si uma vida que pertence a Deus? Pense, Veridiana, que você poderia estar no lugar desse serzinho necessitado de um*

*corpo físico para continuar sua ascensão. Como você se sentiria se fosse arrancada sem compaixão por aquela que deveria, como mãe, amá-la e ampará-la?*

Veridiana chorava. Sabia que o mentor tinha razão, pois que vinha alimentando a ideia do aborto: *“Meu Deus! O que fazer?”*.

*– Você bem sabe o que fazer, irmãzinha. Assuma sua responsabilidade. Deixe a criança nascer e aprenda com a vida.*

Veridiana acordou chorando. As últimas palavras ainda se lhe repercutiam na mente. Lembrou-se de que um Espírito amigo a ajudara, mas não se lembrou de Lismara.

## - 16 - Situação constrangedora

Konstanze percebeu a falta de menstruação da filha, seu nervosismo, suas lágrimas disfarçadas.

Após aquele sonho real que tivera, Veridiana não sabia mais se o aborto seria mesmo a melhor solução. Decidiu que deixaria a criança nascer, mas não a criaria. Algum lar sem filhos poderia adotar o bebê, que seria mais feliz longe dela – tentava justificar a si mesma.

Lismara fez o que pôde para dissuadi-la dessa resolução, mas a futura mãe estava irredutível e sequer a ouviu nos seus argumentos em forma de pensamentos.

*“Bem, pelo menos não haverá aborto”* – pensou Lismara, conformada..

– Veridiana, o que está acontecendo? – perguntou, preocupada, a mãe.

– Nada.

– Não pode ser nada. Alguma coisa está, sim, acontecendo. Fale o que é.

– Ora, mãe... que mania!

– Minha filha, seja o que for, sou sua mãe. E sua amiga. Tenho o direito de saber o que está se passando. Não tente me enganar.

Tenho observado que sua menstruação está atrasada há pelo menos dois meses.

– Mãe, você não tem mais nada a fazer senão ficar atenta até nisso?!

– Não seja malcriada! Não vê que estou muito preocupada com você? Que espera? Que eu ignore o seu problema? Não negue que tem um problema.

Veridiana se pôs a chorar. Depois, abraçou-se à mãe:

– Mãe... mãe... O que será de mim? É verdade, mãe! Estou grávida!

Konstanze empalideceu. Embora desconfiasse, tinha esperança de estar enganada. Quase desfaleceu.

– Mãe... você está bem? Meu Deus!

A mãe respirou fundo:

– Estou bem. Vai passar já. Foi a surpresa da notícia.

– Desculpe-me por lhe dar esse desgosto, mãe.

– E quem é o pai? Precisamos saber quem é, para obrigá-lo a se casar com você.

– O que é isso, mãe? Tá louca? E quem disse que quero me casar?

– Mas, filha... sua vida está arruinada.

– Que preconceito bobo! Isso foi no passado, mãe! Estamos no século XXI!<sup>1</sup> Hoje em dia, ter um filho sendo solteira não choca mais

ninguém. A não ser as puritanas fofoqueiras! Mas para essas eu nem ligo.

– Vivemos em uma sociedade hipócrita, que não perdoa atitudes como a sua. Vão falar... falar... ah, meu Deus!

– E daí? Não devo nada a ninguém. E não quero forçar um homem a uma união só porque espero um filho dele.

– Sei que sou antiga, mas o casamento é uma garantia. Os vizinhos...

Veridiana irritou-se com a ingenuidade da mãe:

– Desde quando papel segura alguém, mãe? Eu não quero me unir a ninguém só porque espero um filho. Tenho uma vida pela frente e quero ser feliz. Quero me casar por amor e não por necessidade de ter um marido!

– Mas pelo menos me diga quem é o pai. Tenho o direito de saber.

– Você não o conhece. E depois...

– Depois o quê?

Veridiana não sabia a quem atribuir a paternidade. Relacionara-se com Anselmo e com Fabiano no intervalo de apenas um dia. Lágrimas de arrependimento desceram-lhe face abaixo.

– Não importa, Veridiana. Você espera um filho do seu namorado.

*“Não tenho certeza se o filho é dele”* – pensou a jovem.

– Mãe... me poupe! Ele não me estuprou. Nós estávamos alterados pelo álcool. Não pode entender isso? Aconteceu!

– Mas não devia ter acontecido... No meu tempo...

– Seu tempo já vai longe, mãe. Estamos em final de 1960. As regras do jogo mudaram um pouco desde então.

– Na moral, não mudou, não!

– Ah, mãe... No seu tempo havia mais é hipocrisia. Faziam as mesmas coisas, só não contavam pra ninguém. Eram todos santinhos do pau oco!

– Menina! Olha o respeito! Não foi essa a educação que lhe dei.

– É claro que havia exceções. Mas a maioria...

– Vamos parar com isso que não leva a nada. Seu pai vai ficar uma feral!

– Paciência.

Sálvio entrou na cozinha e ouviu as últimas palavras da esposa:

– Por que vou ficar uma feral? E por que a Veridiana está chorando?

– Pai... é que... – Não conseguiu continuar falando.

– Alguém diga alguma coisa, por favor! Que mistério é esse?

Veridiana correu para seu quarto. Konstanze pediu paciência ao marido.

– Já estou ficando nervoso. Fale de uma vez o que está acontecendo!

Konstanze contou sobre a gravidez de Veridiana.

– Mas que menina sem-ver...

– Não continue, Sálvio. Ela não é isso que você tentou dizer. É apenas jovem. Talvez nós, como pais, também sejamos culpados. Tenho quase certeza de que foi durante nossa viagem, naquela festinha que ela fez aqui... Talvez ela tenha bebido muito e...

– Não tem desculpa! Ela não é tão criança assim para não responder pelo que faz!

– Por favor, se acalme.

– Vá chamar sua filha. Precisamos conversar.

– Sálvio, por favor, deixe para amanhã. Ela está muito nervosa. Você também.

– Não! Tem de ser agora! Vá buscá-la antes que eu fique mais irritado. Tenho vontade de dar uma surra nela! Onde já se viu?!

– Calma! Assim você vai piorar as coisas!

– Você, como mãe, é uma negação! Nunca conversou com ela sobre sexo?

– Não. É um assunto delicado e fico com vergonha.

– Vergonha é ficar grávida sem marido. Santo Deus! Como vou encarar os meus amigos? Você deveria ter conversado com ela, alertado, orientado! Afinal, isso é papel da mãe. Os meninos, eu orientei.

– Deveria ter orientado a Veridiana também! Você é pai dela! Eu sou tímida nesses assuntos. Em minha família, sexo sempre foi tema proibido.

– Eu achei que ela era muito ingênua e poderia se chocar...

– Ingênuo é você! Ela sabe bem mais do que nós dois juntos sobre esse assunto!

– Se ela soubesse mesmo, teria tomado as precauções para não engravidar. Hoje em dia existem muitos meios...

– Não sabemos os desígnios de Deus! Isso é coisa do destino! Não podemos crucificá-la por isso!

– Não ponha Deus nessa indecência, não! Destino, uma ova! Pouca-vergonha, isso sim!

Sálvio estava ficando realmente muito descontrolado. Tremia. *“Era só o que faltava... Konstanze, agora, colocando a culpa no destino, em Deus. Isso é muito cômodo”* – pensou o homem, cada vez mais indignado.

– Deus... – a esposa tentou continuar expondo sua teoria, mas o marido não a deixou concluir:

– Deixe de falar bobagem, mulher! Deus estava bem longe na hora da sacanagem. E... destino? Que destino qual nada! Quem faz o destino somos nós mesmos. Agora chega de mimimi! Vá chamar a nossa filha imediatamente! Ande, mulher! Saia dessa pasmaceira!

Konstanze saiu quase se arrastando. Tinha medo de que o marido tomasse alguma atitude violenta contra a filha. Ela estava grávida e sabe-se lá o que poderia acontecer. Um aborto, ainda que espontâneo, poderia trazer sérias complicações. *“Se bem que um aborto espontâneo seria uma boa solução. Ela não cometeria o crime do aborto e ao mesmo tempo se livraria desse problema...”* – Mal pensou assim, já se arrependeu: *“Não! Deus, me perdoe. Não devo desejar isso. É uma vida que lá está. E a vida é concedida por vós, Senhor!”*.

Veridiana, estendida na cama, chorava. Ouvira a conversa acalorada dos pais e estava temerosa. Escutou os passos da mãe subindo as escadas. Sabia por que ela estava vindo.

– Veridiana, abra a porta, minha filha.

A jovem se levantou e abriu a porta para que a mãe entrasse.

– Mãe... O papai está muito nervoso. Não é melhor deixarmos para amanhã? Eu estou péssima!

– Já propus isso e ele não concordou. Vamos. Bote um agasalho, você está tremendo.

– Não estou com frio. É nervoso. Vai ser barra enfrentar o papai.

– Tivesse pensado nisso antes de fazer a besteira que fez. Seu pai acha que tenho culpa; que deveria ter orientado melhor você.

– Mãe, é claro que você não tem culpa nenhuma. Sei tudo sobre sexo. Posso até lhe dar algumas informações que você nem sabe.

Não se culpe por isso.

– Isso faz de você mais culpada ainda! Mais irresponsável! Não sabe que um filho precisa ter pai, mãe, um lar?

– Sei de tudo isso e muito mais.

– Então por que não usou algum contraceptivo?

– Tinha bebido muito... Deixei-me envolver...

– Também, agora não adianta se lamentar. Acho que seu pai vai propor que você faça um aborto.

– Você concorda com essa solução, mãe?

– Claro que não! Atentar contra a vida de um ser indefeso! Aborto é crime, exceto se a vida da mãe estiver correndo perigo, que não é o caso. Agora vamos!

Não deu tempo para descerem. Sálvio adentrou o quarto como um furacão.

– Veridiana, precisamos conversar. Você já sabe sobre o quê.

Sálvio olhava com raiva para ela. O amor que sempre dizia ter pela filha parecia haver-se transformado em ódio. Não estava preocupado com o futuro de Veridiana ou daquela criança que ela esperava. Estava preocupado com o que as pessoas pudessem falar. Orgulho e preconceito.

– Pai, eu... desculpe-me. Aconteceu...

Ele levantou a mão para esbofeteá-la, mas Konstanze interpôs-se entre eles. Veridiana protegeu a cabeça com as mãos.

– Sálvio, por favor, acalme-se. Não adianta nada bater nela.

– Ela é minha filha! É ainda uma criança!

– Mais um motivo para você compreender e respeitar. O que aconteceu também a está fazendo sofrer. Mas vamos lidar com isso como pessoas civilizadas.

Sálvio estava rubro de cólera. De sua mente partiam energias densas; escuras, em forma de raios avermelhados. O quarto se encheu de sombras escuras que o envolviam cada vez mais.

– Quem quer respeito tem também de respeitar! E por acaso foi isso que ela fez? Ela me respeitou? Respeitou o nome que lhe dei?

– Sálvio... por favor... acalme-se. Pode sofrer um infarto por causa de tanto ódio no coração!

– Cale a boca, Konstanze! Não vê a educação que deu pra sua filha?

– Nossa filha. Eu não estou sozinha nisso. O dever de educar era seu também. Mas sempre só se preocupou em manter a casa. Sempre achou que não deixar faltar nada material era mais do que suficiente. Mas bem sabe o quanto foi omissa. Deixou só em minhas mãos o dever de educar as crianças.

Veridiana, mais irritada ainda com aquela discussão, ia saindo do quarto, mas o pai barrou sua passagem:

– Aonde pensa que vai? Volte aqui! Ainda não falei o que tinha de falar.

– Pois então fale. Mas acalme-se, pai. Senão pode ter um infarto e serei também culpada por isso.

– Amanhã mesmo vamos procurar um médico para fazer o aborto. Prepare-se! Não admito contestação!

Konstanze tremeu. Já sabia que o marido proporia isso. Mas não podia concordar. Sabia o quanto o aborto era perigoso e temia pela vida da filha; além do mais, era extremamente religiosa. Jamais concordaria em compactuar com algo que considerava crime.

– Sálvio! Você está propondo matar nosso próprio neto! Nosso sangue! Um inocente indefeso! Não posso crer!

– Ora, mulher! Não faça drama! A criança ainda nem está formada. É só uma forma amorfa!

Konstanze fulminou o marido com seu fero olhar:

– O que você sabe sobre isso? Não é bem assim, não! Já existe a vida! A vida que Deus criou! A vida que ninguém tem o direito de interromper!

– Ora essa! Até parece que você gostou da ideia. Não pensa em nossa filha? Mãe-criança. Sem a menor condição de criar esse filho. O aborto, nesse caso, é a única solução.

Konstanze ouvia os argumentos do marido sem se deixar influenciar. Ela sempre fora contra o aborto. O Espiritismo já era conhecido nessa época, e ela já ouvira falar da reencarnação, de como os Espíritos precisam de um corpo físico para voltar à vida

material. Sabia que era preferível enfrentar todas as dificuldades que certamente viriam dali para frente do que matar um indefeso. Além do mais, a filha também correria o risco de morrer, caso surgisse alguma complicação.

Veridiana voltou a chorar. Ela própria já havia pensado em fazer aborto, mas agora que o pai o sugeria, agoniava-se. Uma dor profunda tomou conta do seu ser. Sem querer, lembrou-se da avó. Viu-se sentada em seu colo, quando criança. Relembrou o cabelo louro de Évelyn, que ela achava tão lindo... Mas a esse pensamento imiscuiu-se outro: o da avó em Espírito, na cadeira de balanço. Sempre triste. Olhar baço. Confusa. E sentimentos contraditórios tomaram-lhe a alma: *“Por que será que penso nela agora? O que tem ela a ver com minha gravidez? Será que tem fundamento essa minha ideia de que é vovó que está aqui dentro de mim, pronta para nascer como minha filha? Os espíritas acreditam em reencarnação. Será verdade? Será mesmo que tivemos e teremos ainda outras existências? Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia...”*

Veridiana deixou os pais discutindo e foi para o quarto que fora de Évelyn. Secou os olhos. Precisava ser forte naquele momento. A impressão que tinha de estar carregando a avó nas suas entranhas; que um novo corpo estava se desenvolvendo e que ela não poderia

interromper aquela vida sem se comprometer com as leis divinas a perturbava muito.

Olhou a cadeira de balanço. Estaria ainda ali a avó desencarnada?

Veridiana concentrou-se. Se Évelyn continuasse ali, então ela estaria errada. Não seria a avó quem estava se reencarnando e sim qualquer outro Espírito. *“Isso se o Espiritismo estiver certo sobre as inúmeras existências que todos temos”* – pensou.

Assim, olhou ainda mais profundamente para a cadeira. Orou e pediu ajuda à Espiritualidade. Não era espírita, mas acreditava em muita coisa que a Doutrina ensinava.

Após a oração, sentiu-se mais calma. Tornou a olhar. Ninguém estava sentado na cadeira. *“Ela não está aqui. Durante muitos anos eu a vi aqui, com seu olhar baço... às vezes se balançando... olhando sem ver... quieta... alienada...”*

Veridiana sentou-se no sofá próximo à cadeira e seus pensamentos recuaram até sua infância:

– Menina querida da vovó, venha aqui que vou lhe contar uma história.

– Quero que conte a história de João e Maria, vovó. Depois a do Pé de feijão... aquela do gigante...

Agora ela precisava da neta para renascer. Seria mesmo ela? Não estaria sugestionada? Sempre ouvira dizer que as gestantes se

tornam sensíveis e impressionáveis.

Ainda com as lembranças do passado muito vivas na cabeça, ela passou as mãos pelo ventre. Até o momento não tinha a barriga saliente, pois a gravidez era de pouco tempo. Não sentia nenhum amor pelo ser que ali estava. Assim que crescera, ela e a avó haviam se distanciado. Évelyn mudara muito... ou fora Veridiana que mudara? Continuara respeitando a avó, mas o carinho verdadeiro, esse houve somente na infância. Em parte, porque a avó hostilizava sua mãe. Às vezes Évelyn demonstrava sentir uma revolta muda que a afastava da filha Konstanze. Em uma dessas discussões familiares, Veridiana ouvira a avó dizer, rilhando os dentes:

– Konstanze, quando olho para você, não vejo minha filha, mas sim uma escrava chorona... uma negra manhosa.

Konstanze fora, em outra existência, a escrava Maria Conceição, morta no tronco após a fazendeira Emerenciana, hoje Évelyn, ter arrancado a filha dos seus braços e a criança haver batido a cabeça em um fogão de ferro, morrendo na hora. Pela necessidade de reequilíbrio com a Lei Divina, a que fora filhinha de Maria Conceição e a própria escrava que morrera no tronco a mando da cruel fazendeira haviam renascido como filha e neta de Emerenciana, respectivamente. Enquanto Konstanze e Veridiana tinham esquecido completamente as animosidades do passado, perdendo de fato a agressora, Évelyn ainda nutria certa rejeição,

principalmente pela filha. No inconsciente não se esquecera de que ela fora uma negra. E ela odiava os negros.

Agora, mais uma vez no quarto da falecida, Veridiana dispôs-se a falar com ela:

– Vó... não sei se é a senhora que está aqui no meu útero. Se for, bem sabe que não é desejada. Talvez se eu não fosse tão jovem, se estivesse casada, até poderia recebê-la de bom grado. Mas a senhora me invadiu sem minha autorização e isso eu não posso perdoar.

Konstanze chamou-a. Já haviam chegado a um consenso:

– Filha, seu pai decidiu que você fará o aborto. É contra a minha vontade, mas não posso assumir isso sozinha. Que Deus nos perdoe.

– Mãe, ajude-me! Não quero fazer isso! Hoje em dia existem muitas mães solteiras.

– Mas você é ainda uma criança!

– Não sou, não, mãe. De qualquer forma, não pretendo criar esse bebê. Sinto que não o amo.

– Então... não entendo.

– Olha, há muitas famílias que não têm filhos e que ficarão felizes em criar o bebê.

– Não. Se você não abortar, nós o criaremos. Depois de ver a carinha dele, ou dela, não vou ter coragem de dar para adoção.

– Prefere matar o inocente?!

– Meu Deus! A decisão não foi minha. Você conhece seu pai! E sabe que sempre fui contra o aborto.

– Conheço bem o papai. Conheço também você, mãe. Se *realmente* não quisesse que eu abortasse, certamente saberia convencer o papai.

– Não é bem assim. E ele já decidiu, filha. Não posso fazer nada.

À noite, Veridiana foi visitar a amiga Cidinha:

– Que surpresa, minha amiga!

– Podemos conversar um pouco? Estou péssima!

– Você está chorando?

– Amiga, posso ficar aqui em sua casa até decidir umas coisas?

– Claro. Você vem quando?

– Hoje mesmo, logo mais à noite. Estou de mala pronta. Só preciso esperar escurecer, não quero que meus pais saibam. Deixarei um bilhete a eles.

– Nossa! Mas o que aconteceu? Brigou com eles?

– Depois te conto. Agora vou voltar pra casa. Logo que escurecer, pretendo sair de mansinho, pegar um táxi e vir direto pra cá. Você fala com seus pais? Diga que é por pouco tempo. Depois vejo o que farei.

– Está bem. Pode deixar. Meus pais gostam muito de você e não criarão problema.

– Obrigada, amiga. Até mais.

Algumas horas depois, pegou sua mala, desceu devagarinho a escada, deixou um bilhete a sua mãe e foi para a casa de Cidinha. Estava decidida. Não faria o aborto. Não queria ser responsável por tirar uma vida. Estava convicta de que o aborto era um crime aos olhos de Deus; que tirar a vida de uma criaturinha indefesa, dependente e do seu próprio sangue era pior do que matar um estranho. Acabara de ler um livro que falava do desespero do Espírito ao se sentir violentado no útero materno. O livro dizia também que a revolta de alguns Espíritos era tão grande que provocava uma hemorragia que levava a mãe a óbito. Reminiscências do sonho também ficaram impressas na mente de Veridiana.

Além do mais, a jovem já presenciara a loucura de uma amiga que havia abortado seu bebê. A entidade expulsa passara a odiá-la e a obsedá-la sem compaixão. Relembrando esse episódio, nem percebeu quando chegou à casa da amiga.

– Cidinha, estou tão agradecida... Espero um dia poder retribuir esse favor enorme que você está me fazendo... Desculpe pela hora inadequada.

– Entre. Estou doida para saber o que aconteceu. Você está bem?

– Estou, sim.

- Pai, mãe... vocês conhecem a Diana, minha melhor amiga.
  - Esteja à vontade aqui, Veridiana. Espero que tenha avisado seus pais. Agora vamos, vou mostrar seu quarto.
  - Avisei, sim. Muito obrigada, dona Vicentina. Nem sei como agradecer.
  - Ora, não precisa agradecer. Afinal, é dever do bom cristão estender a mão a quem precisa. Fique à vontade, minha filha.
  - Deus lhe pague.
  - Amém. Agora vou deixar vocês duas. A Cidinha está doida para conversar.
- Veridiana contou à amiga tudo o que lhe acontecera. Sua gravidez naquela noite da festa, a fúria do pai, a ordem de fazer o aborto.
- Você fez bem em não aceitar. O filho é seu, quer eles queiram ou não.
  - Sei. Mas tem uma coisa.
  - O quê?
  - Não vou abortar. Vou fazer direitinho o pré-natal para que nasça uma criança sadia. Depois vou dá-la em adoção.
  - Cruz-credo! Tanto trabalho para depois dar em adoção?!
  - Será melhor assim. Não sinto nenhum amor por essa criança.
  - Isso está errado. Toda mãe adora os filhos, principalmente quando são bebês.

– É... eu sei, só que comigo não acontece o mesmo. E depois, sou muito jovem, não tenho estrutura para ser mãe.

– Ora essa! Por que não pensou nisso antes?

– Foi naquela festa. Eu não estava sóbria quando aconteceu. Acha que, sóbria, eu teria me relacionado sem contraceptivo? E sabe do que mais? Nem sei quem me engravidou, se foi o Anselmo ou o Fabiano. Depois de ter estado com o Fabiano, estive com Anselmo na manhã seguinte.

– O Fabiano? Aquele lourinho atrevido? Mas ele é uma criança! Nem barba tem!

– Tem 17 anos. É tão louro que parece transparente!

Veridiana deu um riso nervoso.

– Que mico, amiga!

– Se fosse com você, você faria o aborto, Cidinha?

– Não sei. É complicado. Acho que se eu tivesse o apoio da minha família, criaria a criança.

– Meus pais não querem nem saber. Minha mãe, até que eu dobraria fácil, mas meu pai...

– Como você sabe que engravidou na noite da festa?

– Porque naquela noite não usei nenhum contraceptivo e estava em período fértil. Depois disso, não transei mais. Só não consigo me lembrar com detalhes. Parece que tudo se me apresenta através de uma névoa.

– Que louco! Posso te confessar uma coisa?

– Claro.

– Já fiz aborto uma vez...

– ??

– Foi terrível! Ver meu filho saindo aos pedaços... Senti-me menos do que uma fera selvagem! Até hoje tenho pesadelos. Não cometa o mesmo erro.

– Não posso criar essa criança. Sinto repulsa por ela!

– Olhe, dos males o menor. Não faça o aborto; tem muito casal que quer um filho e não consegue ter. Deixe a criança nascer e a dê em adoção, conforme você mesma disse. Será melhor do que viver a vida toda com esse crime na consciência.

As duas conversaram até tarde da noite. Na manhã seguinte, Konstanze encontrou o bilhete da filha e entrou em pânico.

– Sálvio! Sálvio! Venha cá na cozinha! Rápido!

– O que foi? Quem morreu?

– Ai, meu Deus. Leia isto.

Sálvio leu o bilhete e precisou sentar-se para não ir ao chão.

– Calma, homem! Não fique tão nervoso! Ela deve ter ido para a casa da Florinda. Deve ter ficado assustada com sua determinação de fazer aborto e fugiu para a casa da tia.

– Vá até a casa da Florinda. Essa menina só me dá dor de cabeça!

No íntimo, arrependeu-se de ter falado em aborto. E agora? Se acontecesse algo de ruim com a filha, ele não se perdoaria. Amava-a. *“Eu só quis poupá-la de uma situação desagradável”* – pensou, tentando se convencer disso a fim de sentir menos culpa.

Konstanze chegou rápido na casa da cunhada.

– Florinda... Tudo bem?

– Tudo. O que aconteceu para você me visitar tão cedo? Eu ainda estava dormindo.

– Desculpe-me. É que... A Veridiana está aqui com você?

– Não. Por quê?

– Ai, meu Deus!

– Konstanze, por favor! O que está acontecendo? Por que a Veridiana deveria estar aqui?

Konstanze não reprimiu o choro.

– Minha Nossa Senhora! O que está havendo?

Aflita, Konstanze narrou-lhe os últimos acontecimentos, sempre chorando muito.

– Mas o Sálvio está errado! Não é assim que se lida com isso. Propor um aborto! Corrigir um erro com outro erro maior ainda! E não se esqueçam de que aborto é mais perigoso do que parto! Ela pode morrer!

– Por favor, Flor! É fácil falar quando a desgraça acontece na casa dos outros!

- Um filho, seja em que situação for, nunca é uma desgraça.
- Bem... já estou indo. Preciso ver aonde foi aquela desmiolada.
- Depois me avise, agora fiquei preocupada.
- Até mais.

Sálvio estava falando com um dos filhos.

- Pai, acho que já sei onde ela está.
- Onde? Fale logo!
- Tenho quase certeza de que ela foi para a casa da Cidinha.
- Da Cidinha? A filha da dona Vicentina?
- Ela mesma. Elas são muito amigas.
- Vou para lá agora mesmo.
- Muita calma, pai. Tenha paciência e não torne as coisas piores do que já são. Nesses momentos é que mostramos se somos educados ou não. Então... nada de mais confusão.
- Eu é que arrumo confusão, é?
- Não quis dizer isso...
- Konstanze, vamos na casa da Cidinha! David acha que ela pode estar lá.
- Vamos. Ela mora aqui perto.

Passados alguns minutos, chegaram. Ela realmente estava lá. Sálvio, muito contrariado, mal falou com ela no caminho de volta. Veridiana desabafou:

– Pai, se veio me buscar para forçar o aborto, perdeu seu tempo. Não vou abortar nem amarrada! O que o senhor pensa? Acha fácil para mim me descartar dessa criança indefesa? Abortar é crime! Acha que poderei dormir em paz sabendo que tirei uma vida? Uma vida que pertence a Deus? – Lembrou-se da experiência da amiga e sentiu um calafrio.

Sálvio ouvia calado. Ela continuou:

– O senhor é cristão, meu pai? Se for, conhece os Dez Mandamentos? Sabe que um deles é: NÃO MATAR? Como pode ser tão incoerente assim?

Sálvio estacionou o carro na garagem sem nada responder. Depois saiu sem falar com ninguém. A sós com a mãe, Veridiana perguntou:

– Acha que ele me forçará? Acha que me deixará ficar aqui?

– Acho que ele levou um bom susto e não deve mais tocar no assunto. Mas não sei como vai ser, filha!

– Pode deixar o problema para mim, mãe. Não se apegue a esta criança porque não ficaremos com ela. Está decidido! – E seu pensamento correu para o quarto da avó.

\*\*\*

Veridiana sabia que, quando a gravidez não pudesse mais ser escondida, seus pais passariam vergonha. Então decidiu evitar-lhes

esse constrangimento. No mês seguinte, reuniu a família e comunicou:

– Pai, mãe... logo todos saberão que estou grávida. Não está dando mais para esconder. Sei que vocês estão preocupados com isso. Sei que têm vergonha do meu estado. Posso compreender isso.

– E daí? O que tá feito tá feito. Você optou por deixar nascer... Não se importou com nossa vergonha; com o que iriam pensar da nossa família... os vizinhos... os amigos...

– Não é isso, pai. Mãe solteira é uma coisa, mãe criminosa é outra.

Konstanze chorava.

– Pai, me perdoe. Mas eu me preocupo, sim. Vocês são de uma geração que encara isso como uma tragédia grega; uma vergonha; uma total falta de respeito. Eu, graças a Deus, consigo pensar diferente. Não dou a mínima para o povo hipócrita; para os vizinhos faladores... Nós somos diferentes, sei disso.

– Vai dizer que não sente vergonha? – perguntou Sálvio com agressividade.

– Sentiria, sim, muita vergonha se tivesse matado a criança.

– Não matou, mas vai dá-la em adoção!

– Não é a mesma coisa. Não estou tirando dela a oportunidade de viver. Vou até dar alegria a um casal sem filhos. Essa criança não

seria feliz tendo a mim com sua mãe.

– Escuta aqui, você nos chamou para dizer exatamente o quê?

– Para comunicar que não ficarei nesta casa, para não envergonhar vocês.

– Ficou louca? E para aonde vai, criatura?! – inquiriu Sálvio.

Konstanze levou um susto:

– Minha filha... não faça isso! Fique conosco. Como você mesma diz, que se danem os outros! De minha parte, não vou ligar para essas pessoas infelizes.

Sálvio pensou por alguns minutos:

– Acho que a ideia da Veridiana é boa, Konstanze. Depois que a criança nascer, ela volta pra casa.

No íntimo, Veridiana se surpreendeu e ficou decepcionada com a rapidez com que o pai concordou com sua ideia de sair de casa.. Sentiu-se desamada.

– Sálvio! O que você está dizendo?! Ficou maluco? Deixá-la sozinha quando ela mais precisa da gente?! Não! Não!

– Não faço isso por maldade, mulher. Nós manteremos contato com a nossa filha. Será bom para todos se ela for ter o bebê longe daqui; se nós não vamos ficar com a criança, é melhor que nem a conheçamos. Se a virmos e a tomarmos nos braços, poderemos ficar gostando dela. Daí não iremos querer nos separar do bebê e isso será um problema e um enorme sofrimento.

– Vou gostar do meu neto mesmo sem o conhecer. Pobre criança! – choramingou Konstanze.

– O papai tem razão, mãe. Se vocês conhecerem a criança vão se apegar a ela e sofrerão quando ela se for.

– Mas para onde você vai, minha filha?

– Lembram-se da Neusa?

– Neusa... Aquela empregada negra que tivemos e que mandei embora injustamente?

– Ela mesma. Quando você descobriu que tudo fora invenção da vovó, se arrependeu, mas já era tarde, lembra, mãe?

– Sua avó odiava os negros. Nunca gostou da Neusa.

– Vovó era uma alma pequena. Neusa é, de longe, melhor do que todos nós juntos.

– Vai endeusá-la agora? Por que quer nos agredir?

– Não é agressão, pai. É a verdade.

– A *sua* verdade.

– Como você descobriu o endereço dela? Eu nem me lembrava mais – disse a mãe.

– Eu procurei pela Neusa já faz alguns anos, pois sempre gostei muito dela. Foi o David quem a encontrou, sem querer, trabalhando de cozinheira no restaurante onde ele costuma almoçar.

– E por que nada me disseram? Eu gostaria muito de poder pedir desculpas a ela. Creio que sua avó também se arrependeu da

sujeira que fez.

– Falei com ela do seu arrependimento. Ela disse que não guardava mágoa de ninguém daqui de casa. Chorou ao se lembrar de minhas peraltices.

– E ela não quer me ver?

– Não. Ela disse que não guarda mágoa, que perdoa, mas que quer esquecer aquele episódio tão triste.

– Compreendo. Mas você já falou com ela a respeito de ficar lá? Ela tem condições para hospedar você? Onde ela mora? Casou-se?

– Ela está muito bem de vida. Casou-se com um bom homem, que é empreiteiro de obras e ganha muito bem. Mas isso não vem ao caso. Tenho meu emprego e vou continuar trabalhando até a criança nascer.

– Precisamos ver direito isso, filha. A Neusa é uma boa pessoa, mas acho que seria trabalhoso para ela.

– Quero que a criança nasça lá, mãe, pois pretendo dá-la a eles.

– Ela já sabe disso? Qual foi a reação dela e do marido?

– Ficaram tão felizes que rodopiaram pela sala. Depois a Neusa me abraçou e chorou muito. Disse que já havia perdido a esperança de ter um filho. O senhor Bernardo disse que, agora, sim, tinha um bom motivo para vencer na vida. Daria do bom e do melhor àquele filho que chegava numa hora tão boa. Imagine que ela mandou pintar o quarto, comprou jogos de cama, mesa e banho para me

esperar. A casa não é luxuosa como a nossa, mas sinto-me muito bem lá. É bastante confortável, arejada e limpa.

Sálvio e Konstanze não puderam esconder a contrariedade. Tampouco ficaram felizes com a escolha de Veridiana. *“Imagine... uma estranha criando nosso neto”* – ambos pensaram, sem, no entanto, verbalizar o sentimento.

– Mãe, seja sincera. Pai, você também. Acham que fiz mal? Teriam vocês uma solução melhor? Se tiverem, digam-me. Posso reconsiderar.

Sálvio pigarreou. Konstanze ia dizer alguma coisa, mas o marido se antecipou:

– Acho que assim está bom. Neusa é uma boa pessoa. Nós já somos velhos para começar tudo de novo! E você não tem maturidade para ser mãe. Nem sei se um dia terá.

– Mas isso é desumano! Pobre ser inocente!

– Mãe... desumano é matá-lo.

Silêncio.

Choro de Konstanze.

– Bem, então está decidido. Todos concordam que o melhor vai ser feito?

Não houve resposta.

Mais choro de Konstanze.

– Combinei com a Neusa que no final do mês já me mudarei para sua casa.

– Então, a Neusa, uma negra cozinheira, é quem vai ser a mãe do meu neto?! – constatou Sálvio, deixando evidente o quanto ele também era racista e preconceituoso.

– Pai... às vezes sinto tanta pena de você! Que coração duro! Quanto preconceito! Eles são negros, sim, mas valem muito mais do que muitos brancos que conheço.

– Filha, não quer dá-lo a nós? Afinal, somos os avós... – pediu Konstanze, sem nem olhar para o marido. Mas imediatamente Sálvio respondeu:

– Não acho uma boa ideia, Konstanze. Já somos velhos. Se não soubemos criar a Veridiana, também não saberemos criar o filho dela.

Veridiana sentiu a ofensa, mas não disse nada.

– Não se preocupem. A Neusa e o marido, embora sempre tenham desejado ser pais, já desistiram da ideia de ter filhos legítimos devido à idade da Neusa. Ela já fez 40 anos e seria uma gravidez de risco. Então essa criança será muito amada. Muito mais do que se ficar conosco.

– Será que podemos conhecer o bebê?

– Para quê? Seria procurar mais sofrimento. E talvez a Neusa não permita. Depois que foi expulsa de nossa casa como ladra, não

creio que morra de amores por vocês.

– Veridiana, posso dar o enxoval? Pelo menos isso.

– Vou falar com a Neusa. Não sei se ela concordará.

Konstanze não parava de chorar. Sálvio estava satisfeito. Não passaria vergonha. Quando a filha retornasse, já estaria sem a inconveniente barriga.

\*\*\*

Neusa e o marido tudo faziam para evitar qualquer contrariedade àquela que lhes daria um filho. Passado o período gestatório, a criança nasceu.

Foi logo de manhã:

– Neusa... Neusa...

– O que foi, Veridiana?

– Veja, rompeu a bolsa. Ajude-me. Temos de ir para a maternidade agora mesmo.

– Valha-me, Nossa Senhora! Meu Deus! Meu filho! Minha Nossa!!

– Neusa! Acalme-se. Assim me deixa mais nervosa. Venha me ajudar. Preciso tomar um banho e me trocar.

– O quê? Não há tempo para banho, minha linda!

E correu para o armário. Pegou o primeiro vestido que viu.

– Toma. Vista. Vou mandar chamar o Bernardo e lhe dizer que estaremos no hospital em pouco tempo.

– Chame um táxi, Neusa. Ai... ai... as famosas contrações. Oh, meu Deus! Me ajude!

Em pouco tempo chegaram à maternidade. Veridiana foi examinada e o médico encaminhou-a para a sala de partos:

– Vamos logo. Tomara que o elevador venha depressa. Esta criança está com muita pressa para nascer! – Brincando, a enfermeira acrescentou: – Se ela soubesse que mundo vai encontrar, não estaria tão apressada.

Bernardo chegou. Estava tão nervoso quanto estaria o pai biológico se ali estivesse.

– Ai... ai... as contrações aumentaram. Acho que nem vai dar tempo... ai... ai...

Neusa segurava a mão de Veridiana e orava para tudo dar certo. Mas a criança não nasceu senão depois de quatro horas.

Veridiana havia contado aos dois a respeito de sua suspeita de que o bebê poderia ser sua avó reencarnando. Mas, como tanto Neusa como Bernardo eram bons católicos, isso não fez a menor diferença para eles. Sem desacreditar totalmente nessa possibilidade, Neusa se lembrou de que fora a avó de Veridiana que a acusara do roubo na época em que trabalhara para Konstanze, e pensou: *“Se essa crença tiver fundamento e for mesmo a dona*

*Évelyn, essa será uma oportunidade que Deus estará me dando para provar que vivo os ensinamentos do mestre Jesus. Afinal, Ele disse: Amai o próximo como a si mesmo. Fazei o bem a quem lhe fizer o mal”.*

Na sala de espera, Bernardo estava impaciente. Gotas de suor perolavam seu rosto. Estava trêmulo.

A porta da sala de parto se abriu. A enfermeira, sorridente, lhe disse:

– O senhor é o papai?

– Não... quer dizer... vou ser...

Ela riu.

– Mas diga. Já nasceu? Está perfeito?

– Nasceu. É uma menina linda! – E, meio acanhada, disse:

– É lourinha como um anjo barroco!

– Posso vê-la? E minha esposa está bem? Ela quis assistir ao parto... não passou mal?

– Não. Está segurando a criança e chorando. Mas não se preocupe. É choro de felicidade.

---

1 Os fatos aqui narrados são do século passado (XX)

## - 17 - Mais surpresas

Anselmo dormira na rede. Havia se lembrado daquela festa em 1960 na casa de Veridiana, depois da qual, como já dissemos, viajara para o Rio de Janeiro e não mais se preocupara. Soubera por um amigo que Veridiana tivera uma filha, mas que a dera em adoção.

De repente, algo despertou dentro dele. Correu para a sala e pegou o porta-retratos com a foto sorridente de Laura. Estremeceu. Laura era a cara de Veridiana! Apenas o cabelo louríssimo era bem diferente.

Trêmulo, sentou-se no sofá ainda olhando a foto. *“Ora, estou ficando louco! Isso não pode ser... Será que a Laura é a filha que Veridiana deu em adoção?! Então... Deus meu! Há grande probabilidade de Laura ser minha filha! Mas não! Ela não tem nenhuma semelhança comigo...”*

E fez as contas: *“Foi em 1960. Estamos em 1978. Dezoito anos! A idade de Laura. Eu tinha, naquela ocasião, 23 anos... mais 18 passados... 41. A minha idade! Meu Deus! Isso seria um castigo!?”*

Mal podendo raciocinar, devolveu o porta-retratos ao seu lugar.

*“Preciso procurar a Veridiana para esclarecer isso. Se já não tinha paz, agora danou-se de vez. Como conviver com essa dúvida?”*

*Estarei praticando incesto?! Terei me casado com a minha própria filha?!”*

Decidiu ir ao antigo endereço de Veridiana, na esperança de que ela ainda vivesse lá. Foi informado por vizinhos de que a família havia se mudado para Miami, nos Estados Unidos. Ninguém soube lhe dizer o endereço, nem tampouco se Veridiana havia acompanhado a família. A única informação mais concreta que lhe passaram foi a de que um primo da jovem ficara morando na casa, mas quase não era visto. De fato, a casa estava fechada, como se estivesse desabitada. E a dúvida ficou martelando sua cabeça. Depois dessa suspeita, procurou ser mais brando com Laura. Se sua desconfiança se confirmasse, ele seria o maior culpado.

Naquela noite, em sonhos, viu-se projetado para um lugar muito seu conhecido: residia em uma fazenda de escravos. Era o administrador, ou feitor, daquela propriedade. Galopava pela fazenda, quando uma mulher se aproximou. Montava um belo animal avermelhado. Ele ficou mudo. Retesado em sua montaria. Tremia como se estivesse no mais rigoroso inverno:

– Que faz por aqui? Não tem o que fazer, Desidério?

Lembranças surgiam e o confundiam ainda mais:

– Perdeu a língua? Capataz inútil!

Anselmo, que então atendia pelo nome de Desidério, estonteado pela beleza da fazendeira, conseguiu balbuciar algumas palavras:

– Dona... Sinhá Emerenciana... me desculpe.

– Desembucha de uma vez, homem de Deus! Não fique me olhando com cara de bocó! Quer ir para o tronco, também?

– Não estou vagabundeando, não, senhora. Estou fazendo uma vistoria por estes lados. Um dos escravos fugiu esta noite.

– Malditos! Não têm ideia do quanto me custam! Anda logo! Trate de achá-lo. Depois ele vai apodrecer no tronco! Que espere pra ver!

Anselmo acordou suando. Aquela voz agressiva ainda se lhe repercutia nos tímpanos. Passou o dia pensando no insólito sonho. Não soube explicar por que a tal fazendeira se parecia tanto com Laura, nem por que a amava, pois era, de longe, a criatura mais indócil que até ali conhecera.

\*\*\*

Anselmo não suportava mais a presença de Laura. Por sua vez, ela se fizera um pouco mais amorosa. Embora continuasse se encontrando com Rafael, passara a fazê-lo de forma discreta. Tinha esperança de que o marido a perdoasse e não desse prosseguimento ao processo de divórcio. Nunca fizera nada na vida e não saberia viver sozinha. Ao se casar, abandonara os estudos. Nem chegara a concluir o segundo grau.

Estavam dormindo em quartos separados até a efetivação da separação. Em uma noite chuvosa, com raios e trovões, ela,

argumentando medo, correu para a cama de Anselmo. Vestia uma camisola insinuante e o abraçou, dizendo que estava apavorada. Apostava que ele não resistiria a sua exuberante beleza e sensualidade, e já o via prostrado aos seus pés; inebriado por seus carinhos.

No primeiro momento ele não soube o que fazer. Sentiu o corpo quente da mulher, e seu instinto animal quase o fez esquecer-se da infidelidade de Laura. Mas era orgulhoso. Reviveu a cena. Lembrou-se de Clementine, para a qual pretendia voltar se ela o aceitasse.

Laura apertou-o contra si, mas ele a repeliu com agressividade.

– O que pretende, criatura volúvel e traidora? Afaste-se de mim, pois seu contato me dá asco! Procure o Rafael, seu amantezinho vulgar. Saia! Saia já de minha cama!

Laura afastou-se. Seu orgulho doeu fundo. E revidou com as armas que conhecia tão bem:

– Velho nojento! Pensa que alguma vez eu o amei? Você, sim, me dá asco! Só vim aqui porque estava com medo dos trovões. Agora me arrependo. Saiba que não preciso de você pra nada! Nada! Aliás, acho que não me quer porque já está imprestável para o sexo... – E se afastou, arrastando consigo seu ódio e sua decepção.

Antes que ela batesse a porta, ele lhe disse:

– Que bom que não precisa de mim pra nada. Então, esqueça o *flat* que eu lhe prometi. E, se disser mais alguma coisa, nem os três meses de ajuda financeira lhe darei. Você só merece o meu desprezo, criatura vulgar!

Laura se calou. Compreendeu que fora um erro insultar o marido. Ficaria sem o *flat*. Tomaria mais cuidado dali para a frente.

A noite estava estragada para Anselmo. Precisava apressar o divórcio, pois a presença de Laura se tornava cada vez mais insuportável. Atribuía a ela toda a desgraça que lhe acontecera. Apesar de conhecer muito bem o adágio popular que diz que “quando um não quer, dois não brigam”, Anselmo tirava de si qualquer responsabilidade. Não admitia que fora um fraco; um irresponsável que não pensara na esposa e no filho; que se deixara enganar, inocentemente, por uma mocinha leviana e interesseira. Além do mais, a possibilidade de ser seu pai não permitia que tivesse qualquer intimidade com ela.

Os dois Espíritos perturbadores o espreitavam:

– *Veja, Edvaldo, em que se transformou o traste do Stéfano. A Laura é bem esperta. Creio que não ficará mal no divórcio, ah...ah...ah...*

– *Olha, Duda, não vá com tanta sede ao pote! Sei que você está botando na cabeça dela algumas ideias assassinas. Cuidado. Eu tô fora! Só eu sei o quanto padecei no Umbral e não quero voltar para*

*lá. Já vi que o Anselmo, apesar de não ser boa coisa, é protegido da luz. Clementine também tem intercedido por ele com seus amigos poderosos.*

*– Xiiii... Amarelou, mano? Fique frio. Não vou precisar de você para isso. Laura me obedece em tudo.*

*– Quero lhe dizer que vou embora. Fiquei alguns dias na casa de Clementine. Fui algumas vezes com ela à Casa Espírita. Mudei um pouco meu modo de ver as coisas. Estamos errados, mano!*

Duda levou um susto:

*– O quê? Ficou maluco?*

*– Não. Acho que maluco estava quando segui você.*

*– Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo! De repente, você ficou frouxo. Parece uma comadre amedrontada. Agora sei por quê.*

*– Bem, Duda. É isto: De hoje em diante não conte mais comigo.*

*– Virou a bandeira?*

*– É. Virei. Então, até mais ver. Se um dia se cansar dessa vida, me chame. Se eu puder, virei em seu auxílio.*

*– Espere. Não quer repensar? Ouvi dizer que o Espiritismo faz dessas. Engana... promete coisas que não cumpre...*

*– Você fala sem conhecimento de causa. Eles lá não enganam ninguém, nem forçam a barra. Só orientam. Não quer assistir a uma reunião? Quem sabe dessa vez eles deixam você entrar?*

– *Eu? Nem morto... Ah... ah... ah... Esqueci que já estou morto!*

*Ah... ah... ah...*

– *Então... Até mais ver.*

– *Olha só! Não pense que vou deixar você ir embora assim...*

*Vou comunicar o chefe e ele saberá o que fazer. Já lhe falei uma vez... o abismo.*

Edvaldo tremeu: *“O abismo... não! Não existe pior castigo. Ainda tenho de ficar mais um tempo e ver o que posso fazer para me livrar dessa situação”* – pensou.

– *Não diga nada ao chefe. Fico com você.*

Ao mesmo tempo em que proferiu essas palavras denotando recuo, pensou com seus botões: *“Mas na primeira oportunidade caio fora”*.

– *Assim é que se fala, mano!*

Mas o fato é que Duda também não estava satisfeito. Os poucos momentos de alegria que usufruía com as desgraças de Anselmo eram fugazes. Sua vingança já não tinha o mesmo sabor de antes. A alegria em ver o sofrimento de Anselmo já não lhe trazia tanta satisfação, mas uma espécie de nostalgia, de desânimo.

Ele não sabia que Meire estava orando não só por Edvaldo, mas também por ele. Mais dia, menos dia, as forças do Bem o arrebatariam.

Ao ficar só, Duda foi para o quarto de Laura. Encontrou-a chorando. A rejeição de Anselmo queimava-a como fogo em brasa. Tinha certeza de que ele não resistiria, de que poderia, ainda, cancelar os procedimentos para a separação. Não. É claro que não o amava, mas não queria perder a boa vida que levava. Tampouco proporcionar a Clementine a satisfação de sua derrota.

Duda sentou-se em sua cama:

*– Olha, Laura... preste atenção... O que ele lhe fez não se faz nem a uma prostituta. Você vai deixar barato?*

De alguma forma Laura o ouviu. Um ódio jamais sentido provocou formas-pensamento de estrias de fogo avermelhado que pareciam raios. Um odor estranho invadiu o quarto. Duda exultou: *“Realmente, essa menina está completamente sintonizada comigo. Vou me valer disso”*.

*– Laura, você deve matá-lo. Ele não merece viver depois do que lhe fez. Além disso, está pensando em voltar para Clementine. Já pensou que humilhação para você?*

A sintonia espiritual é uma realidade e nos mostra a grande sabedoria divina. Muitos incautos deixam-se cair até o fundo do poço por não a conhecer ou não a valorizar. Sintonia é ligação que não erra de endereço.

Laura, por agasalhar sentimentos tão mesquinhos, concordes com os do obsessor, deu forças a sua vontade: Sim, Anselmo não

poderia levar a melhor. Ela o mataria antes. *“Ninguém me fará de idiota. Você ainda vai comer na minha mão, seu velho cretino!”*

Anselmo sentiu-se desmaiar. Estava também alimentando maus sentimentos na alma insatisfeita, portanto, em sintonia com o lixo mental negativo de Laura, de Duda e de outros. Viu-se acuado. Todas as portas lhe pareciam fechadas. E aquele pensamento voltou com insistência: *“Morte. Suicídio. Silêncio. Cair no nada eterno. Descansar. Esquecer”*.

A noite demorou a passar. Ele estava abrindo a porta para sair, quando Laura o chamou:

- Aonde você vai?
- Não é de sua conta.
- Anselmo... Desculpe...
- O que você quer? Fale de uma vez!

Imaginando que aquela menina poderia ser sua filha, ele a olhou sem o ódio costumeiro. Laura, alimentando a ideia de matá-lo, pensou rápido: *“Ele vai sair a pé... vou dar-lhe uma boa dose de calmante. Quem sabe assim caia na rua, um carro lhe arrebente a cabeça e eu fique livre!”*.

- O que foi, agora?

Laura mostrou uma preocupação que estava longe de sentir. Dissimulada, disse:

– Não quer tomar um chá comigo? Sinto-me angustiada. Você também não me parece bem... Eu estou sofrendo...

Anselmo condeu-se dela.

– Está bem. Só um chá, até você se acalmar.

– Então espere lá na sala. Não demoro.

Laura entornou quase meio vidro do calmante no chá. Para evitar qualquer engano, usou xícaras diferentes. Assim que o marido bebeu o chá, ela correu na frente dele para abrir-lhe a porta.

– Está com pressa que eu vá embora?

– Não! Que ideia! Só não quero te atrapalhar mais. Obrigada por me acompanhar no chá.

Anselmo queria caminhar. Espairar. Fugir daquele tormento que eram seus pensamentos. Sua cabeça parecia estar circundada por um anel de fogo.

Duda seguiu com ele. Presenciara toda a cena entre ele e Laura. Muitas vezes pensamos que não temos testemunhas, mas os Espíritos estão por toda parte.

O obsessor pensou que aquela seria uma ótima oportunidade para se vingar do desafeto secular. E a maior culpa seria de Laura.

*“Agora é só esperar para ver...”*

## - 18 - O acidente

Anselmo estava desequilibrado física e espiritualmente; em sintonia com o obsessor e completamente desprotegido dos bons Espíritos que, embora quisessem ajudá-lo, nada podiam fazer. Era dele a opção de estar naquela situação. Comprazia-se no cultivo da dor e dos desenganos. *“Não tenho mais minha mãe, nem Clementine... Laura é uma desavergonhada e meu filho decepcionou-se grandemente comigo. Não soube lhe dar o exemplo de amor e desprendimento que todo filho merece. O que me resta desta vida senão a morte? Pelo menos me livro dessa angústia, desses grilhões tenazes que me aprisionam a alma. Sim... descansar... Perdoe-me, Clementine, se não consegui fazê-la feliz...”*

Clementine estava em sua casa, ouvindo um CD de música clássica. De repente, pensou no ex-marido. Uma sensação dolorosa a envolveu:

*“Meu Deus... sinto como se Anselmo estivesse me chamando. Como se estivesse precisando de mim”.*

Foi para o quarto e orou em seu benefício.

Anselmo estava em luta com as forças trevosas. Duda envolvia-o completamente e o estimulava ao suicídio: *“Vamos, seu covarde! Acabe de vez com essa vida inútil. Você não fez Clementine feliz,*

*cometeu incesto com Laura... Que espera mais? Vale a pena viver depois disso? Lógico que não!”.*

Anselmo não escutava essas palavras com seus ouvidos materiais, mas podia sentir a vibração desagradável daquele obsessivo.

Tão absorto estava nesses pensamentos que não pôde captar as orientações dos Espíritos amigos que queriam ajudá-lo. Em sua mente, como se gravada a fogo, a sugestão: Suicídio. Livrar-se da vida infeliz! Sono eterno... E o calmante começava a obnubilar sua mente, a entorpecer seu corpo.

O semáforo estava fechado para pedestres, mas ele tinha a visão embaralhada e não percebeu. Entrou na avenida movimentada. O ônibus o jogou na calçada. Tudo se lhe escureceu. Gritos. Confusão. Sangue a tingir o asfalto.

Uma jovem chamou um policial. Fez-se um círculo humano de curiosos e pessoas tentando ajudar. Um senhor de jaleco branco se aproximou:

– Eu sou médico! Afastem-se! Não toquem nele! Podem ir embora! Eu fico aqui com ele esperando o resgate.

Duda viu o corpo ali no chão. O sangue escorria de um ferimento. Pairando sobre o corpo, o perispírito de Anselmo dormia semiconsciente. *“O maldito é duro na queda! Leva uma pancada dessa e ainda está vivo. Só pode ser proteção dos escravos da luz!”*

As providências necessárias foram tomadas. Duda e o médico seguiram juntos na ambulância. Dali a pouco chegou Edvaldo:

– *Você me chamou pra quê?*

– *Pra você ver isso. Olha aí o safado. Teve o que mereceu.*

– *Não acredito! Você, finalmente, conseguiu o que queria.*

– *Consegui parcialmente. O cara é rijo. Não morre fácil. Mas veremos... Lá no hospital não vou dar tréguas. Ele pagará por tudo o que fez de ruim.*

– *Até parece que você é um santo!*

– *Não sou. Por isso estou me vingando. Não esqueço as ofensas que me fazem. Não consigo dar “a outra face”.*

– *Olha... para mim chega! Estou com a cabeça mais lúcida. Parece que me foi tirada uma montanha de detritos dela. Ontem vi a Meire lá na Casa Espírita. Ela tem intercedido por mim. Fui ajudado. Um jovem de túnica romana, que parecia ser o líder, me convidou para seguir com ele.*

– *O abismo... Eu estou avisando, hein?*

– *Em nome da amizade que sempre nos uniu, não comente nada com o chefe.*

Duda percebeu a férrea determinação por parte do amigo.

– *Você não passa de um estúpido! Vai sofrer, se me deixar.*

– *Meire me protegerá. Ela diz sempre que a luz é muito mais forte do que as trevas. E eu sinto que ela fala a verdade.*

– *É... você vai ver que não é bem assim. Vão fazer você de empregadinho vulgar.*

– *Vou pagar pra ver, meu irmão. Depois... trabalho é uma bênção.*

– *Xiiii... Te pegaram direitinho. Esses empregados do Cristo... Então chega de conversa fiada. Vá logo!*

– *Você não contará nada para o chefe? Prometa!*

– *Estou ficando mole. Pode deixar que fico de bico calado. Mas lembre-se sempre de que te salvei do abismo. Você fica me devendo essa.*

– *Grato, Duda. Então... até qualquer dia.*

– *Até. Posso lhe dizer uma coisa antes de você partir?*

– *Claro! Diga.*

– *Estou feliz por me ver livre de você. Afinal, você não me serviu para quase nada.*

– *Ainda bem. Assim não maculei muito a alma.*

– *Vá embora! Chega de dizer asneira!*

O apito da sirene repercutia no ar. Vez ou outra Anselmo gemia, mas ainda não voltara à consciência.

Duda sondou mais uma vez o desafeto: *“Estranho... Agora que vejo esse traste aí, todo ensanguentado, gemendo, não consigo me alegrar como achei que me alegraria quando o visse na pior. O que será que está havendo? Deve ser a influência do Ed, aquele safado.*

*Deve estar pedindo luz para mim. Intrometido é o que ele é! Quem disse que preciso da luz? Que preciso daquele Jesus que morreu na cruz e não pôde salvar-se nem a si mesmo?”.*

O fato é que Duda tentava agredir o mestre Jesus porque temia vir a amá-lo. Já lhe haviam dito que a evolução é lei do planeta e que ninguém permanece nas trevas por tempo indeterminado; quer porque o sofrimento muda o caráter da pessoa, quer porque alguém ora em seu favor, a verdade é que chega o dia em que o mal é extinto.

Duda sentia que alguma coisa se modificava no seu íntimo. Na verdade, não era Edvaldo quem o estava requisitando para a luz, mas sim o Espírito José Carlos, aquele que lhe fora filho amado em existência pregressa. Juntamente com Meire, estava trabalhando pela libertação do pai do passado. Havia tempo que o filho o localizara e, sempre que possível, tentava trazê-lo à realidade da vida. Era uma dívida de gratidão. Duda sempre fora bom pai e se sacrificara para dar ao filho estudo e uma profissão com que pudesse ganhar a vida honestamente. Infelizmente, o amor frustrado por Ritinha (Clementine), que preferira casar-se com Stéfano (Anselmo), o pusera a perder. Não soubera renunciar àquele sentimento e prosseguir a vida. Preferira cultivar a revolta, o ódio e o desejo de vingança. Assim que desencarnara, localizara o desafeto, e nós já sabemos o que vinha acontecendo desde então.

O Espírito José Carlos conseguira autorização para ficar algum tempo ao lado dele, a fim de tentar resgatá-lo para o Bem, mas pouco sucesso tivera até aquele momento. O pai de outrora, antes amoroso, esquecera-o completamente. Nunca mais o vira após o desencarne dele. Muito, muito tempo havia passado. Na mente de Duda, somente a lembrança de Ritinha e o desejo de vingança permaneciam vivos, porque alimentados diuturnamente.

No momento do acidente com Anselmo, José Carlos estava junto de Duda e havia tentado evitar a tragédia. Procurara influenciar o pai, a fim de que ele parasse de perturbar o já tão perturbado Anselmo.

*– Pai... sou eu, o José Carlos. Não se lembra mais de mim, meu pai querido? Estou aqui para levar você comigo. Estou numa colônia não muito longe daqui. Venha comigo. Deixe para lá essa vingança que nenhum bem lhe trará.*

A princípio Duda não o reconheceu. Olhou para ele com feroz olhar:

*– Quem é você que vem me perturbar numa hora tão importante como esta? Não vê que estou ocupado com este velhaco aqui?*

*– Pai...*

*– Pai? Ora essa! Meu filho morreu antes de mim e nunca mais eu soube dele. Eram todos tão bonzinhos que devem estar no céu e se esqueceram de mim. Agora chega! Me deixe em paz!*

José Carlos não pôde conter as lágrimas. Mentalmente, pediu ajuda aos Espíritos amigos. Aproximou-se de Duda, que tentou ignorá-lo, mas pouco a pouco as lembranças foram voltando.

*– Por que se preocupa comigo? Não valho nada, não vê?*

*– Porque já fui seu filho e você me ensinou que devemos ser gratos àqueles que nos educam, que nos dão amparo material e espiritual. E tudo isso você fez a mim.*

*– Devo ter feito por dever de pai.*

*– Não só por dever, mas principalmente por amor.*

*– Amor...*

*– Pai, venha comigo. Este pobre que aí está, à beira do desencarne, ajustará as contas com Deus, que é quem nos conhece na intimidade da alma, que é um juiz amoroso e imparcial.*

*– Olha, agora me lembro de você. Mas hoje nossa situação é outra. Não tem essa de pai e filho. Isso foi há muito tempo. Quero que você vá embora. Deixe-me aqui com meu inimigo. Prefiro eu mesmo acertar as contas com ele, pois Deus é muito bom e não vai castigá-lo.*

*– Ah, meu pai, como você está equivocado! Não sabe que tudo que fazemos retorna a nós? A justiça se fará de qualquer modo e em qualquer tempo. O Criador não precisa estar sempre criando justiceiros.*

– *Olha aqui, Carlinhos, já chega! Quero que saia já daqui! Você está me impedindo de sentir o prazer de ver o Anselmo aí, dependente como um bezerro novo. Ah...ah...ah...*

Enquanto isso se passava entre os dois Espíritos, o médico que acompanhara Anselmo olhou seus documentos e, de posse de seu endereço, logo ao chegar ao hospital telefonou para sua casa. Não havia ninguém. Laura tinha saído com o amante.

– Bem, nesse número ninguém atende. Vejamos... aqui tem outro... Clementine... Vou tentar este.

Clementine, que vinha tendo maus pressentimentos desde a manhã daquele dia, atendeu ao primeiro toque do telefone, como se já esperasse pela má notícia. Ficou pálida ao ouvir as palavras do médico. Um amargor na boca e uma sensação de perda tomaram conta de seu ser. *“Bem que tive um pressentimento ruim. Meu Deus, ajude-nos!”* – pensou, olhando para o alto.

– Por favor, me dê o endereço do hospital. Vou já para aí. Muito grata por sua gentileza.

Trocou de roupa rapidamente, escreveu um bilhete a João Augusto e saiu apressada. O trânsito estava congestionado e só depois de quase uma hora ela conseguiu chegar ao hospital. Na recepção, encontrou o médico que socorrera Anselmo.

– Muito grata, doutor...

– ... Gustavo. Espero que seu marido sobreviva.

- Ex-marido.
- De qualquer forma, espero que ele se recupere.
- Também espero. Mais uma vez, que Deus o ampare sempre.
- Grato. Até qualquer dia, senhora.

Tão logo o médico lhe virou as costas, ela correu a solicitar informações sobre o estado de Anselmo:

– Ele acabou de ser levado para a UTI. A senhora poderá conversar com o Dr. Farias, que é quem está cuidando dele – informou uma enfermeira.

Logo que foi possível, Clementine falou com o médico, que a tranquilizou:

- Acalme-se. Ele ficará bom. Só foi para a UTI por precaução.
- Posso vê-lo agora?
- Apenas por alguns minutos. A hora de visitas já terminou.
- Obrigada, doutor Farias.

Anselmo estava pálido. Havia perdido muito sangue. Jazia inconsciente e vez ou outra gemia. Seu pai, já desencarnado, orava pelo seu restabelecimento. Clementine sentiu aquela presença espiritual e se acalmou: *“Ele está bem assistido, graças a Deus”* – pensou.

Duda, um pouco abalado pela presença do filho José Carlos e de Clementine, não conseguia usufruir a satisfação a que julgava ter

direito. Por onde passa, o mal deixa sempre um rastro de infelicidade, um travo amargo na alma de quem o pratica.

– *Droga, Carlinhos! Você tinha de aparecer justamente agora!?*

– *Meu pai querido. Está mais do que na hora de você abandonar essa vingança tola. Pelo que sei, o Anselmo nada lhe fez de tão grave que mereça sua perseguição. Vamos, pai. Chegou a hora de sua libertação. Quem persegue fica mais preso do que o perseguido. Quem odeia tece para si mesmo algemas de fogo que o mantêm cativo e infeliz.*

Duda ficou pensativo por algum tempo. Depois se aproximou de Clementine:

– *Você foi ingrata comigo. Não valorizou o meu amor... Conheceu esse estrupício aí e esqueceu que eu existia, mas não consigo odiar você. Onde há amor não há espaço para ódio.*

De alguma forma, Clementine captou aquela admoestação, pois retornou ao passado espiritual e lá se viu entre o amor de dois apaixonados: Stéfano (Anselmo) e Eduardo (Duda). Este, embora tantos séculos passados, não esquecera o que julgara ser uma afronta. Era orgulhoso e se achava com direito a ela. Perseguiu o rival por décadas.

– *Pai, você vem comigo?*

Duda respirou longamente:

– Vou. Estou cansado. Também já me vinguei o suficiente. Esse aí tá ferrado!

– Que maldade, pai!

– Maldade foi o que ele me fez.

– Todos erramos, pai.

– Agora não importa. Eu vou ficar com você? Não vão querer me fazer de empregado lá?

– Pai, lá na colônia não existem empregados. Somos todos livres. Se trabalhamos é porque sabemos o quanto o trabalho dignifica, mas ninguém nos obriga.

– Ah, bom...

– Mas vai chegar um momento em que você implorará por algum trabalho.

– Não creio.

– O trabalho é um bálsamo para nossas dores. Enquanto ajudamos a minimizar a dor alheia, esquecemos a nossa. De qualquer forma...

– De qualquer forma o quê?

– Você não ficará comigo.

– Não? Então não vou, não! Quem vai interceder por mim se você estiver longe?

– Pai, você não precisa de babá. Já é bem grandinho. Sabe se defender. De qualquer forma, ninguém irá maltratar você, pai. Eu o

*visitarei sempre. Mais tarde, quando seus fluidos estiverem mais sutis, seu corpo perispiritual menos denso, seu coração menos empedernido, talvez, com a permissão dos nossos superiores, seja possível sua ida para a colônia onde resido. Por enquanto é agradecer a Deus por essa ajuda.*

Poucos sabem que o ambiente em que nos é dado viver como seres desencarnados depende muito de nossos fluidos; da maior ou menor densidade do perispírito. Como a justiça divina não conhece privilégios, estaremos onde nossa situação espiritual permitir, no lugar que for compatível com nosso peso perispiritual. Marlene Nobre, em seu livro intitulado *Nossa vida no Além*, esclarece-nos sobre tal peso perispiritual, ao dizer: “O peso específico do corpo espiritual, tecido pelo processo laborioso da nossa mente na desencarnação, determinará sua morada na vida do além”.<sup>2</sup>

Atentemos bem, leitores queridos, para esta verdade: No Plano Espiritual, após nossa desencarnação, não haverá nenhum “jeitinho brasileiro”; não haverá privilégio algum; nenhum título acadêmico nos recomendará; nenhuma religião, ou extrema-unção; ou perdão do sacerdote, ou *status* social, nada disso nos livrará de ir para o lugar a que fizemos jus. Seremos para lá atraídos magneticamente. E, se esse lugar for de sofrimento, se lá houver “choro e ranger de dentes”, de lá só sairemos para um local melhor quando, por força de muito padecimento, alijarmos de nós os lastros pesados que nos

prendem aos sítios da dor; quando “emagrecermos” de energias densas o nosso corpo perispiritual, ou psicossoma. Só assim teremos condições de viver em um ambiente mais ameno, menos denso, menos agressivo. “Castigo”, dirão alguns. Não! “Se não é castigo, o que é então?”, certamente perguntarão outros. E os Espíritos purificados esclarecerão: O sofrimento não é imposição de Deus. A medida é educativa e não punitiva. Sofremos porque ainda não conseguimos viver aquilo que Jesus veio ensinar: a amarmos uns aos outros; a não fazermos aos outros aquilo que não gostaríamos que nos fizessem.

Quando aplicarmos tais ensinamentos na nossa vida diária, quando tomarmos conhecimento de que nossa essência é espiritual e não material, alcançaremos a felicidade.

Duda ainda não havia se convencido. Estava sendo difícil desfazer-se dos seus lastros para poder começar a subida, o religamento com o Pai Criador.

*– Então... você vem comigo, pai?*

*– Será que vou sofrer muito? Bem sei que, quando somos aprisionados, vem “chumbo grosso”!*

*– Pai, você não está sendo aprisionado! Você está sendo libertado! É o começo de sua ascensão, não percebe?*

*– É... mas vou sofrer.*

*– Isso não posso negar. Mas são seus os débitos a serem resgatados. Mas não é para sempre, pai. A justiça divina é inexorável, mas nunca deixa que falte o amor. Educa com bondade. Se você acatar os sofrimentos com resignação, fé e amor a Deus, o tempo passará depressa e a liberdade logo virá. Então você poderá ir para uma colônia onde terá trabalho e evolução espiritual.*

*– Mas vou trabalhar de graça. Serei um escravo. Terei de pedir permissão pra tudo!*

José Carlos riu. Realmente o pai não era adepto de trabalho.

*– Pai, ô, meu pai... O trabalho é a melhor coisa para nos tirar da indolência inútil, da pasmaceira que é ver os dias passarem sem fazer nada de útil. Deus sabe disso, por isso nos oferece trabalho.*

*– Sei não...*

Ainda reticente, Duda seguiu com o filho.

Nem bem haviam chegado ao Umbral, já ouviram gemidos e gritos apavorantes. Formas amorfas e assustadoras corriam ao léu, como se perseguidas por algum desafeto. Uivos de animais selvagens feriam os ouvidos e arrepiavam até os mais destemidos. E uma turba de incréus desencarnados corria, caía, se levantava e continuava aquela corrida sem fim. Animais – ou seriam Espíritos humanos? – de expressões grotescas também passavam em desabalada correria, como se estivessem fugindo de alguma coisa.

Atravessaram uma região lodosa, onde gritos e imprecções feriam os ouvidos. Sob uma árvore desnuda, pararam:

– *Pai, não fique com medo. Essa região não é das piores daqui. Existem outras bem mais aterrorizantes. Podemos até dizer que esta parte do Umbral é bem “light”.*

– *Confesso que estou com medo, filho. Quer dizer... medo, medo, não; só um pouco ressabiado.*

– *O medo nos enfraquece. Tenha fé em Deus e, se puder, faça uma prece. Ignore esses lamentos; mantenha o coração e a mente serenos.*

– *Não sou bom nisso. Nunca rezo, acho coisa de comadres. Inútil.*

– *A prece nunca é inútil. Ela é o elo entre Deus e nós. Na pior das hipóteses, a oração nos acalma, nos traz esperanças e a intercessão de Espíritos bondosos.*

– *Vou enfrentar esses mequetrefes daqui. Talvez até lhes fale de Jesus, pois sei muita coisa sobre Ele. Hein? Que tal?*

– *Bravo, pai! Se fizer isso e **praticar** o que for ensinar, muito em breve poderemos estar juntos. O conhecimento, sem a vivência moral/espiritual, nos traz consequências desastrosas, pois, como nos ensinou Jesus, “mais será pedido a quem muito já foi dado”. Acho que é isso. Então, você, pai, conhece; muito já lhe foi dado,*

*você sabe o que é certo e errado... Então, sua responsabilidade é ainda maior.*

*– Pode deixar, Carlinhos. Sei muito bem me defender.*

Tudo, porém, eram falácias de Duda; desejo de se mostrar superior. No íntimo, estava aflito. Bem sabia que não seria tão fácil fugir das consequências dos atos descaridosos do passado recente e do presente. Sequer havia acordado, ainda, para o arrependimento, que é o primeiro passo. Depois viria o remorso seguido da expiação; e por último viria a reparação; a transformação do sentimento negativo pelo amor fraterno; a compensação de tudo que fizera de prejudicial ao outro. Só após a vivência fraterna, como nos ensinou o mestre Jesus de Nazaré, estaremos quites com a Lei.

Mal acabaram de falar, e um redemoinho espiralado, ostentando rostos horríveis e ameaçadores, passou por eles.

José Carlos viu quando Duda foi arrastado magneticamente para dentro do redemoinho. Alcançou-o e seguiu com ele por algum tempo:

*– Pai, sei para onde o estão levando. Espere-me que logo visitarei você. Sua passagem por lá será rápida. Não se esqueça de orar...*

*– Não se apavore, filho. Dou conta disso... – Porém, seu sofrimento seria grande.*

Quando Duda se foi, arrastado pela turba impiedosa, Carlinhos ajoelhou-se e fez sentida prece pedindo a Deus e a Jesus que abrandassem o caminho daquele que havia sido um bom pai para ele. *“Final, todo ato bondoso é creditado na nossa conta da vida. E papai sempre foi honesto e procurou me dar uma boa educação”* – pensou, com muita fé, aquele filho reconhecido.

E retornou à sua colônia, onde a bênção do trabalho o esperava.

---

2 Marlene Nobre. *Nossa vida no Além*. São Paulo, Editora Fé, 1998.

## - 19 - A vingança de Cassiano

Clementine e Laura conversavam sobre o estado de saúde de Anselmo.

Laura estava trêmula e amedrontada. Sabia-se culpada pelo ocorrido com o marido. Temia que descobrissem não ter sido um simples acidente, mas uma estratégia criminosa usada por ela a fim de se ver livre de Anselmo. Ao mesmo tempo, ela desejava ardentemente que ele morresse, assim ficaria com os bens do marido e não passaria pela humilhação de um divórcio litigioso. *“Tomara que ele não sobreviva”* – pensou, desapiedadamente.

Clementine sondava a expressão endurecida da jovem e se perguntava por que não conseguia sentir nem a mais leve revolta por tudo o que ela representava em termos de destruição de seu casamento. *“Talvez seja porque nunca amei realmente o Anselmo. Sinto que nos unimos por um casamento expiatório para mim e providencial para ele”*, pensou.

– Laura, se quiser ir para sua casa descansar, pode ir. Eu ficarei aqui. Ele está inconsciente e não sabemos quando sairá do coma.

– É meu dever ficar ao lado dele. Você não tem obrigação.

– Bem sei. Só estou tentando ajudar. Você me parece cansada.

– E estou mesmo. Vou aceitar sua generosidade. Não aguento ficar em hospital por muito tempo. E o Anselmo pode morrer a

qualquer momento. Não quero estar aqui para ver isso.

Clementine levou um choque, mesmo sabendo que existia a possibilidade que Laura aventava com tanta naturalidade. Clementine não queria que ele morresse. Apesar de toda mágoa que Anselmo lhe causara, fora seu esposo e era pai de seu filho.

Intimamente, censurou a frieza de Laura, mas nada disse.

– Então estou indo. Se algo acontecer, por favor, me chame.

A noite envolvia a cidade. As estrelas começavam a ser vistas, pois na rua não havia iluminação, e a lua estava encoberta por algumas nuvens ralas.

Alguém seguia Laura. Quando ela se virava, a pessoa disfarçava. Tratava-se de um homem negro e bem alto. A moça passou a andar mais depressa. Ele também estugou os passos. Ela virou uma esquina e ele também o fez. *“Não tenho mais dúvidas. O homem está me seguindo”*, pensou Laura. Tentou orar, pedir proteção a Deus, mas seu cérebro, desabitado a isso, não coordenou as ideias, e o sentimento necessário não lhe felicitou a alma.

O semáforo havia fechado bem na hora em que ela ia atravessar. Estava tremendo, pois se lembrava de que um homem negro – seria aquele? – já a perseguira antes. Tentou atravessar assim mesmo. Era melhor do que ficar ali parada, esperando o homem chegar mais

perto. Porém, ao intentar fazê-lo, sentiu-se fortemente presa. Virou-se.

– Olá, belezinha! Veio visitar o marido *dodói*?

Laura gritou de susto.

– Quem é você? Largue meu braço, seu cafajeste! Por que está fazendo isso? Que lhe fiz de mal? – gaguejava Laura, esforçando-se para se soltar.

– Ora, você não me conhece. Mas eu a conheço. Sei até que você não gosta de negros. Acertei?

– Olha, moço, não sei de onde você tirou isso...

– Não banque a espertinha. Você despreza minha raça tanto quanto eu desprezo a sua.

O semáforo abriu e eles atravessaram.

– Agora chega de conversa. Vamos até a esquina. Meu carro está lá.

– Solte-me seu ne...

– Acabe de falar. E depois diz que não tem nada contra negros.

Hipócrita!

– Vou gritar e você será preso. Meu braço está doendo, acho que você o quebrou!

– Se abrir a boca, eu te mato! – E lhe mostrou uma faca.

Laura sentiu que estava perdida. Um medo terrível fez com que ela urinasse ali mesmo.

– Que porca! Isso se faz no meio da rua? – E riu com gosto.

Cassiano a levou para um apartamento. Mantendo-a sempre amarrada, violentou-a várias vezes. Depois de três dias, abandonou-a próximo a sua casa. Ela estava irreconhecível. Chorava e se arrepiava de nojo ao lembrar do ocorrido.

Não deu queixa à polícia. Sentia-se humilhada demais para isso.

No dia seguinte, foi visitar Anselmo. Decidira não contar a Clementine o que lhe acontecera.

– Laura, fiquei preocupada! Você desapareceu por três dias! Aconteceu alguma coisa?

– É que minha mãe adoeceu e tive de ficar com ela. Mas telefonava para saber de Anselmo – mentiu. – Ele está na mesma, não está?

Uma semana, duas, três semanas se passaram e Laura começou a perceber que talvez tivesse engravidado do estuprador. *“Meu Deus! Não permita! Já foi desgraça demais eu ter sido estuprada por um negro... agora... carregar em meu ventre um filho dele? Um negrinho? Jamais permitirei que ele nasça!”*, refletia e chorava desesperadamente.

Pensamentos de revolta e ódio contra os negros atraíram para junto dela alguns Espíritos infelizes. Laura sentiu uma forte tontura e precisou se segurar para não cair. Ao mesmo tempo, seu estômago

rejeitou o almoço. Com muita vergonha, sujou a calçada com seu vômito. Uma senhora amparou-a:

– Está passando mal, minha filha? Quer que eu chame uma ambulância ou um táxi?

– Obrigada. Não precisa. Já está passando.

– Você está branca feito papel. Acho melhor chamar um táxi.

– Está bem. Então chame, por favor.

Em sua casa, teve novos vômitos: *“Mas que droga é isso? Nunca fui de vomitar. Vou ligar para a Sandrinha e pedir que ela venha aqui me fazer companhia”*.

Sandra atendeu prontamente ao chamado de Laura.

– Oi, amiga! O que aconteceu?

– Você sabe que o Anselmo sofreu um acidente?

– Não. Cheguei há pouco de viagem. Quando e como foi? Ele está bem?

– Pois é. Foi há algumas semanas. Ele atravessou no semáforo vermelho e foi atirado longe por um ônibus. Está hospitalizado e inconsciente. Seu estado não é nada bom.

– Santo Deus! Cada coisa que acontece! E você?

– Cheguei de lá há pouco. Não suporto hospital.

– Agora ele está lá sozinho? Você me chamou...

– ... chamei você para me fazer companhia...

– Ora essa! Quem precisa de companhia é o Dr. Anselmo, coitado!

– A “santa” Clementine está com ele – ironizou. – Não desgruda de lá, a abelhuda! Não suporto aquela mulher! Sempre que a vejo me sinto uma intrusa. Gostaria de nunca ter de olhar para ela.

– Eu sei por quê. É a sua consciência. Nossa consciência é nosso juiz interno. Você nunca se separará desse juiz.

– Xiiii... Você é tão animadora! Clementine que vá se danar! Quero mais é que ela desapareça da minha vida! Estou farta de ser olhada como uma usurpadora.

– Laura! Como você é mal-agra-decida e cruel! Ela está lhe prestando um favor! Está sendo fraternal, e é assim que você retribui?

– Bem sei o que ela quer... Ela quer é me roubar o Anselmo. Faz de tudo para parecer boazinha e eu uma desalmada! Conheço muito bem essas brasas-escondidas... Elas parecem inofensivas, mas guardam o fogo por dentro.

– Olha aqui, vamos parar com maledicência. Conheço a Clementine e ela é uma pessoa digna.

– Quer dizer que você também acha que ela é uma santinha? Ultimamente Anselmo tem se referido a ela como se fosse uma santa canonizada! Coloca-a no altar ao mesmo tempo em que me

espezinha. Mas não chamei você para ficarmos falando de Clementine nem de Anselmo.

– Por que foi então?

– Passei mal quando saí do hospital.

– Como assim? Você ficou nervosa por ver o Dr. Anselmo machucado?

– Não. Não foi isso. Eu até me senti vingada por ele querer se separar de mim. Acho que foi providencial esse acidente. Depois disso, acho que ele vai pensar melhor. Vou tratá-lo com muito carinho quando ele receber alta. Assim, quem sabe o reconquisto novamente e ele se esquece do divórcio.

– Laura! Você nunca vai crescer?

– Só porque disse a verdade?

– Deixa pra lá. Mas você passou mal...

– Nem me fale! Fiz o vexame de vomitar na rua.

– Que desagradável...

– Ainda bem que apareceu uma senhora e me acudiu. Ainda não estou bem. Tenho o estômago embrulhado. Estou com náuseas e... acho que vou vomitar de novo...

Laura saiu correndo para o banheiro e vomitou um líquido verde, pois nada mais havia em seu estômago. Sandra ficou esperando sua volta:

– Laura, você está grávida?!

– Tá louca? Eu não! Deus me livre!

– Isso é sintoma de gravidez. Sua menstruação não está atrasada?

– Está. Mas isso é normal. Eu nunca menstruo no dia certo. Já fiquei até dois meses sem menstruar. Deve ser uma empada que comi na lanchonete do hospital.

– É... pode ser. Mas estou com o pressentimento de que é gravidez. Olha, o Anselmo vai ficar contente. Talvez nem pense mais em divórcio.

– Ah, você não sabe de nada, amiga! Se for mesmo gravidez – bateu na madeira três vezes e disse: – Bico de pato, mangalô, três vezes! Se eu estiver mesmo grávida, o filho não é de Anselmo.

– Laura! Você se rebaixou a tanto?!

– Ora essa! Ele não quer transar comigo! Estamos na mesma casa, mas dormimos em quartos separados.

– E de quem é esse filho?!

– Você fala como se fosse certa a gravidez. Acho até que está gostando...

– Não meça os outros por você. Somos amigas, embora bem diferentes uma da outra.

– Desculpe-me, Sandrinha. Estou nervosa com essa possibilidade.

– Vai me dizer quem é o pai?

– Se eu estiver mesmo grávida, só pode ser do estuprador.  
– O quê!? Que estuprador? Você não me contou nada!  
– Não tive coragem de contar a ninguém. Nem de prestar queixa à polícia.

– Você devia ter me contado! E tinha que ter ido à polícia! E agora? E se você estiver mesmo grávida?

– Não sei. Talvez procure alguém para fazer um aborto.  
– O pior é que seu marido está hospitalizado e não vai acreditar nessa história de estupro.

– Por favor, Sandra. Vá até a farmácia e compre um teste de gravidez. Vamos acabar com essa dúvida agora mesmo.

Sandra comprou o produto e voltou correndo para a casa de Laura.

Feito o teste:

– Ah, não! Positivo!  
– Positivo, amiga... Marque uma consulta com o ginecologista e faça um bom pré-natal. Posso ser a madrinha?

Laura estava em estado de choque e nem ouviu a amiga.

– Que faço? Um filho era tudo o que eu não queria. O filho de um estuprador negro! Parece que estou sendo castigada! Deus! Não faça isso comigo! De negros na minha vida bastam meus pais adotivos.

– Negro? O estuprador era negro, Laura? Mas isso é mesmo um castigo! Você deve ter atraído isso justamente porque é racista declarada!

– Todos são racistas, só não têm coragem de admitir.

– Não me inclua nesse “todos”. Eu não julgo as pessoas pela cor da pele. Conheço muitos negros decentes e muitos brancos indecentes.

– Chega desse papo! Positivo! Estou mesmo grávida! Eu! Louríssima! Mãe de negro!!! Não sabia que Deus tinha tanto senso de humor!

– Não brinque com Deus, Laura! Quando o Anselmo voltar do coma, você vai dizer a ele?

– Não posso mentir que o filho é dele, pois ele não é bobo. Há pelo menos quatro meses que não nos tocamos. E ele não vai acreditar que eu fui estuprada. Vai dizer que o filho é do Rafael.

– Quem é Rafael, criatura insana?

– Deixa pra lá, Sandra! Vou esperar para ver. Talvez o Anselmo me facilite as coisas...

– Como assim?

– Ora, se ele morrer...

– Laura!

– Ora, todos nós vamos morrer um dia.

– Fico espantada com sua frieza!

Estavam conversando quando a campainha tocou.

– Está esperando alguém?

– Não. Vá ver quem é, por favor, Sandra.

Depois de algum tempo Sandra entrou com Dona Neusa, que vinha oferecer ajuda à filha desnaturada. Ao vê-la, Laura enrubesceu.

– Laura, eu não conhecia sua mãe. Você nunca me falou dela e achei até que... bem, não vem ao caso.

Como Laura permanecesse muda, Sandra indicou um sofá a Dona Neusa pedindo que ela se sentasse.

– Sandra, quem disse que essa mulher é minha mãe? Está cega? Não vê que sou loura e ela é negra? Ela apenas me criou... É minha mãe adotiva.

Sandra mal podia crer no que ouvia. Saltava aos olhos a diferença entre as duas. Era óbvio que Laura não era filha biológica de Dona Neusa, mas os pais adotivos têm mais méritos ainda do que os naturais, pois se dedicam e amam filhos alheios. Sem poder se conter, Sandra abraçou Dona Neusa e pediu-lhe desculpas pela grosseria de Laura. A mulher já estava acostumada com aquelas agressões. Sabia que Laura sentia vergonha de sua cor.

– Não fique preocupada, minha querida. A Laurinha sempre foi rebelde. Um dia compreenderá que não é a cor que importa e sim o caráter de cada um. De fato, ela não é minha filha biológica, claro,

mas é filha de uma grande amiga minha. Essa amiga não pôde criá-la. Assim que Laura nasceu, eu e meu marido fomos agraciados com sua adoção. Creio que Veridiana, a mãe biológica de Laurinha, virá em breve, pois escrevi-lhe dizendo que gostaria de vê-la e conversar com ela.

– Eu não quero conhecer essa... essa... ordinária que se desfez de mim como se eu fosse um lixo! Vou dizer isso na cara dela, se ela insistir em falar comigo.

– Laura, Laura... não julgue! Quem somos nós para julgar?

Sandra confirmou com a cabeça. Laura, mostrando-se contrariada:

– Afinal, o quer aqui? Já não lhe falei que sua presença me aborrece?

– Vim saber notícias de Anselmo e ver se você precisa de alguma coisa. Julguei que o sofrimento tivesse abrandado sua alma, mas vejo que me enganei. Pobre menina tola!

– Sofrimento? Que sofrimento? E... pobre e tola é você! Não sabe que aquele velho safado está se separando de mim?

– Não fale assim do Anselmo, Laurinha! Ele é uma boa pessoa. Você o tirou do lar, deixou a família dele humilhada, uma esposa sem o marido, um filho sem o pai. A safada não é você, minha filha?

– Olha aqui, Neusa... Não vou permitir que você me ofenda dentro da minha casa! Eu não estou precisando de nada! De você,

eu só quero distância. Agora vá embora, que eu não estou passando bem.

– O que você tem? Desde que aqui cheguei notei sua palidez.

– Não se preocupe. Está tudo bem. A Sandrinha vai me fazer companhia.

Neusa, embora magoada, nada disse. Olhou a filha e segurou as lágrimas impertinentes. Não queria parecer vítima aos olhos de Sandra.

– Então, até logo, Sandra. Até logo, Laura.

– Até logo. Não venha mais aqui. Faça como seu marido: me esqueça!

A mãe adotiva nada respondeu. À porta, Sandra beijou-a no rosto, então Neusa lhe pediu:

– Por favor, faça companhia a minha filha. Não sei se você acredita no Espiritismo, mas eu comecei a frequentar uma Casa Espírita e lá estamos fazendo um tratamento a distância para Laurinha. Sabe, ela está num grau avançado de obsessão, já é quase uma possessão, por isso fala coisas ofensivas e grosseiras. Fui orientada a não me ofender, pois na maioria das vezes não é ela e sim o obsessor quem fala por sua boca.

– Compreendo. Faz muito sentido o que a senhora está dizendo.

– No fundo, Laurinha é uma pobre alma imatura.

– É verdade. Apesar de ela ser quase intratável, gosto dela.

Sandra falava baixo para a amiga não escutar.

– Pobre Laura. Eu a sinto confusa, desnorteada.

– A vida de cada um, aqui neste mundo do senhor meu Deus, reflete o Espírito. Não poderia ser de outra forma.

Laura percebeu que ambas conversavam amistosamente e chamou a amiga. Dona Neusa acabou de se despedir:

– Já vou indo, Sandra. Muito grata por ser amiga de Laura. Convide-a para ir ao centro com você, ou a uma igreja, pois ela não pode nem ouvir falar em Espíritos e Espiritismo. Eu e meu marido já fomos católicos e hoje somos espíritas. Todas as religiões são boas. De modo geral, são seus dirigentes que as deturpam.

– Farei isso. Mas ela não aceitará. Já convidei outras vezes e ela debocha.

– Conheço um padre bondoso que, vez ou outra, me faz perguntas sobre o Espiritismo. Disse-me que qualquer dia vai visitar a casa que frequento. Mas acho que só quer ser gentil e mostrar que a intolerância religiosa que marcou a igreja do passado não existe mais. Afinal, estamos caminhando para o século XXI.

– É verdade. Muitas transformações já aconteceram e outras estão para acontecer. A Terra transformada do 3º Milênio está chegando com as mudanças necessárias.

Laura chamou novamente.

– Entre, Sandra! Se não, vai sobrar para você... – disse Neusa.

Sandra entrou. Laura estava no banheiro vomitando novamente.

– Vou fazer um chá para você. Se continuar vomitando pode se desidratar.

– Não quero nada. Você passa a noite aqui comigo?

– Sim, mas antes vou até minha casa pegar algumas roupas. Vá se deitar. Logo estarei de volta.

*“Como isso pode ter acontecido? Nunca gostei de crianças! Preciso dar um jeito! Aborto? É perigoso, mas não há outra alternativa. Por outro lado, essa criança poderá ser a minha salvação... Talvez Anselmo me deixe algum patrimônio em respeito a ela. Ele sempre foi um tolo sentimental... Talvez eu fale com Clementine. Ela poderá falar com Anselmo” – pensava.*

## - 20 - A vida por um fio

Os dias passavam e Anselmo continuava na mesma. Às vezes abria desmesuradamente os olhos, como se estivesse vendo alguma coisa assustadora. Clementine, que não saía do seu lado, chamava-o, mas ele não dava sinal de que estivesse ouvindo.

Laura não fora mais ao hospital. Mandara recado para Clementine dizendo que não se sentia bem e que ficaria ainda pior se fosse visitar Anselmo, pois odiava hospitais.

Anselmo mexeu-se e resmungou alguma coisa. Eram os primeiros sinais de recuperação. Imediatamente, Clementine chamou a enfermeira.

– Por favor, enfermeira, localize o médico. Acho que ele está voltando à consciência. Deus seja louvado!

A enfermeira o examinou:

– A senhora tem razão. Vou avisar o doutor Roberto.

Quando a enfermeira saiu, Clementine repetiu várias vezes o nome de Anselmo, mas ele havia voltado à inconsciência novamente. Colocando ambas as mãos sobre a cabeça dele, Clementine orou com fé e determinação.

Não demorou muito e Clementine viu, com os olhos da alma, um Espírito alvinitente. A mulher emocionou-se ao ouvi-lo dizer:

*– Clementine, seja forte. Seu sofrimento logo terá fim. Suas preces e sua doação de fluidos energéticos estão ajudando muito. Eu estou aqui desde o acidente, embora só agora você tenha tido condições de me ver.*

Clementine queria saber se o acidente havia sido um gesto tresloucado de Anselmo, uma tentativa de suicídio. Em pensamento, formulou essa pergunta ao Espírito.

*– Não, Clementine. Ele não tentou o suicídio, embora ultimamente viesse pensando muito nisso.*

*“Foi então um acidente de trânsito como muitos que acontecem?”*

O Espírito demorou alguns segundos para responder. Não queria acusar Laura e contar sobre o calmante em excesso que ela colocara no chá do marido com o desejo de que acontecesse o que de fato ocorrera.

*– Não foi realmente um acidente comum. Como ele estava muito nervoso, Laura deu-lhe um calmante.*

O médico entrou e não houve mais possibilidade de continuar a interessante conversa.

*– Então, Dona Clementine, como está o nosso doente?*

*– Ah, doutor Roberto, pensei que ele fosse acordar em definitivo...*

O médico examinou-o. Chamou a enfermeira e prescreveu uma medicação.

– Creio que ele sairá logo do coma.

Depois sorriu e, voltando-se para o leito do paciente, disse:

– Anselmo, seu preguiçoso! Vamos! Acorde! Já dormiu muito.

Quando a enfermeira estava aplicando a injeção, Anselmo abriu os olhos. Tentou se levantar, no que foi impedido:

– Espere, seu Anselmo! Estou acabando de aplicar a injeção.

Os semblantes de todos se desanuviaram e Clementine chorou de felicidades. Procurou pelo quarto o Espírito alvinitente e o vislumbrou ao lado de Anselmo, amparando-o, profundamente concentrado. Agradeceu-lhe em pensamento. Sabia que devia a ele aquele despertar.

A sós com Anselmo, chorando ainda, ela o abraçou:

– Anselmo, você me dá cada susto! Como está agora?

Anselmo a olhava com carinho. Estava envergonhado, pois, apesar de todo o desgosto que lhe causara, ela estava ali, ao seu lado.

– Clementine, nem sei como lhe agradecer por tanta generosidade. Generosidade que não mereço por tudo que lhe fiz.

– Anselmo, todos nós erramos. Se nesta existência nada fiz de condenável, é muito provável que em outras não tenha se dado o mesmo. Estamos, quase sempre, em débito no banco da vida.

– Você é nobre, Clementine. Nem sei como não vi isso antes.

– Anselmo, não quer saber de Laura?

– Laura não me interessa mais. Ela foi a maior decepção da minha vida.

– Não fale assim. Devemos ampará-la, pois ela é um Espírito confuso e primário.

– Desprezei um tesouro; troquei uma joia por uma bijuteria sem valor.

– Mesmo o Espírito mais primário tem o seu valor, Anselmo. Laura, um dia, compreenderá seus equívocos e então começará sua luta para libertar-se do Mal. O Criador ama cada uma de suas criaturas e espera por elas.

– Clementine, há quantos dias estou aqui?

– Amanhã fará três meses. Esteve muito mal, mas graças a Deus a sua hora ainda não chegou.

– Tenho que me recuperar logo... Quero dar prosseguimento ao processo de divórcio... Já passou tempo demais... Preciso resolver isso...

– Agora o que você realmente precisa é descansar. Está pálido! Procure relaxar.

Anselmo se lembrou da foto e da semelhança que havia entre Veridiana e Laura.

– Clementine, preciso lhe falar de uma desconfiança.

– Que desconfiança?

– Acho que a Laura é minha filha. Você entende? Minha filha!  
Estou casado com a minha filha!

Clementine levou um choque.

– Mas de onde você tirou essa ideia? Acho que a batida na cabeça lhe fez estragos...

Anselmo, então, mesmo falando com certa dificuldade e vagorosamente, contou a Clementine suas lembranças da juventude, o caso com Veridiana, a gravidez... Falou sobre o estranho Espírito que lhe despertara lembranças esmaecidas de séculos atrás.

– É... Tudo faz sentido... – balbuciou Clementine, ainda perplexa.

– Muito sentido. O nascimento de Laura foi em 1960, estamos em 1978. Dezoito anos! A idade de Laura: 18 anos. Naquela ocasião, eu ia completar 23 anos... Some 23 com os 18 que se passaram... 41 anos, Clementine. A minha idade hoje....

– Santo Deus! Há como localizar Veridiana?

– Já estive na casa em que ela morava. A família se mudou para os Estados Unidos. Os vizinhos não souberam me dizer se ela também foi embora do país, mas me disseram que um dos primos dela vive naquela casa. Quando eu receber alta, vou dar uma chegada lá.

– Está bem. Fique calmo. Um problema de cada vez. Agora tem de pensar em ficar bem para sair do hospital.

– É muita emoção para um só dia. Quero lhe contar o que vivi quando estava inconsciente. Não sei se foi real ou quimérico.

– Conte.

– De repente, senti que estava sendo projetado no espaço. Caía... caía... caía. Ouvei gritos e xingamentos dirigidos a mim. Um Espírito, não o esqueci porque já o tinha visto em casa em algumas ocasiões... Ele me insultava e dizia que, finalmente, eu estava pagando por meu erro; que lhe havia roubado a mulher amada, de nome Ritinha. Com gestos grosseiros, ele afirmava que eu a havia roubado duas vezes: naquela existência passada e na atual. Confesso que não entendi patavina...

– Tem certeza de que ele disse “Ritinha”?

– Tenho. Foi esse o nome. Por quê?

– Tenho sonhos estranhos em que volto ao passado e me chamam de Ritinha.

– Meu Pai do Céu! Será que você foi essa Ritinha? Será verdade tudo isso?! Será que esse tal Espírito era apaixonado por você e ficou me odiando e me perseguindo por esse tempo todo? O Espiritismo fala sobre essa possibilidade, não fala?

– Fala, sim. Tudo é possível. Mas continue, se isso não for cansá-lo muito...

– Sentia-me preso. Não podia me mover. Era como se tivesse sofrido uma paralisia geral. Via constantemente o ônibus que me

atropelou vindo para cima de mim... E eu ficava ali, grudado no asfalto, sem poder gritar ou me mover. Era como se estivesse sendo atropelado constantemente. E a dor era terrível! Depois... essa parte não foi melhor. Alguém me arrebatou dali. Nada disse. Nada explicou. Quando eu quis falar, a voz não saiu. Tudo era escuridão por onde passávamos. Atravessamos uma região onde havia uma lua sanguinolenta e o vento assobiava nos meus ouvidos.

Clementine enxugou a testa de Anselmo, agora coberta de suor. Ia dizer para ele deixar o resto da história para outra hora, mas ele prosseguiu:

– Uma névoa cobriu a lua e outros sons indefiníveis ecoaram no ar. Uma ave monstruosa acercou-se de mim e quase me tocou a cabeça. Outros seres estranhos, que não pareciam nem humanos nem animais conhecidos, saíam de suas tocas e emitiam sons doloridos, como se estivessem pedindo socorro ou sofrendo. Vi, através de uma espécie de sonho, seres nada humanos. Viam-nos e, aparentando medo, enfiavam-se na terra e desapareciam. Fiz muita força para pedir explicações sobre isso, mas não consegui articular um único som...

Mais uma vez, Clementine pensou em interromper o ex-marido, ponderando que aquelas recordações poderiam tornar mais morosa sua já lenta recuperação. Mas Anselmo precisava desabafar, pois somente ela poderia ajudá-lo a entender o que se passara com ele.

– De repente tudo mudava: O lugar parecia um manicômio e já ninguém me conduzia. Senti-me dependente como um bebê. Os loucos, com roupas andrajosas, de dentro de suas celas, esticavam as mãos e me tocavam a genitália. Riam. Debochavam. Chamavam-me de “Don Juan”. E eu me senti como um daqueles loucos. Vi-me também dentro de uma cela. Olhei para mim. Estava tão andrajoso e sujo quanto eles. Senti asco de mim mesmo. Agora os celerados mais se assanhavam e tentavam me acariciar, no que eram severamente repudiados por mim. Não sei por quanto tempo fiquei lá, preso e alienado. A criatura que me levava até ali desaparecera completamente. Depois, alguém me colocou em uma maca. Conversavam entre si enquanto me levavam para um quarto com algumas luzes verdes que piscavam, intermitentes. Não conseguia entender o que eles falavam, mas senti grande reconforto quando ambos se ajoelharam diante do meu leito e fizeram uma prece, pronunciando meu nome. Um deles disse: “Ainda não é a hora do desencarne. Terá de viver muito a fim de amenizar seus erros”.

Anselmo suava e tinha as mãos trêmulas:

– Você, que frequenta uma Casa Espírita, pode me ajudar a compreender isso?

Clementine, olhos inundados de lágrimas, inspirada por seu anjo da guarda, explicou a ele o que acontecera. Ele estivera preso

dentro de sua própria consciência. E nossa consciência é nosso juiz. Nunca nos separaremos dela.

Dois dias depois, Anselmo recebia alta hospitalar. Ficara com sequelas do acidente: várias cicatrizes e mancando de uma perna.

## - 21 - Anselmo volta para a família

Com alta hospitalar, mas ainda trôpego, Anselmo pediu a Clementine que o deixasse convalescer em sua casa. Não queria se encontrar com a esposa leviana.

Clementine arrumou o quarto de João Augusto para ele. O filho não se aborreceria em ceder seus aposentos para o pai.

– Quero dar andamento ao divórcio. Não suporto mais as criancices de Laura. E agora...

– Agora o quê?

– Esqueceu-se de que eu lhe disse que Laura pode ser minha filha? Como continuar casado com ela? Meu Deus! Isso é terrível!

– Você tem razão. Precisamos esclarecer essa história.

Clementine pensou um pouco:

– Anselmo, você a tirou da casa dela, agora não poderá deixá-la desamparada. Ela ainda é uma criança.

– Pretendo dar a ela um *flat* e uma mesada até ela concluir o segundo grau e arranjar um emprego. Talvez ela queira voltar para a casa dos pais. Seria a melhor solução.

– Ela não pensa em cursar uma faculdade? É tão nova, ainda!

– Era essa a sua intenção, mas depois que nos casamos ficou preguiçosa. Dorme até as 10 horas e passa as tardes em *shoppings*. Vou procurar Veridiana e saber se Laura é realmente

minha filha. Se for, que Deus me perdoe! A vida traz cada surpresa...

– Por que você não conversa também com a mãe adotiva de Laura?

– Poucas vezes conversei pessoalmente com os pais dela. Falávamos mais ao telefone. Laura sempre dizia que era com ela que eu ia me casar e não com sua família.

– Não é possível!

– Laura dizia que os pais viajavam muito e nunca estavam em casa. Um dia me falou que não se dava bem com a família e que tanto a mãe quanto o pai eram contra nosso casamento. Assim, nunca insisti.

– Esclareça logo isso. Faça um exame de DNA.

– Ela é a cara da Veridiana. Não se parece nada comigo. Isso me dá esperança de não ser eu o pai.

– O exame de DNA esclarecerá tudo. Talvez nem precise... É só localizar a Veridiana e ela deverá saber quem é o pai.

– Como Laura reagirá ao saber disso tudo? Estou preocupado.

– Não adianta sofrer antes da hora.

– Ela se exaspera por pouca coisa... Talvez se revolte no primeiro momento, mas depois ficará contente com a herança a que terá direito.

– Bem, agora deite-se. Ainda não está curado... Continua pálido e magro. Vou fazer um jantar caprichado, pois comida de hospital é insossa.

– Clementine... Lembra-se dos nossos bons tempos?

– Como poderia esquecer? Tínhamos tanta paz, até você... – não terminou de falar.

– Até eu meter os pés pelas mãos, não é? Perdoe-me, mais uma vez, Clementine.

– Não se culpe tanto, Anselmo. O remorso é inútil e de nada adianta ficarmos remoendo nossas atitudes infelizes. Chuva ácida mata a planta.

– Porém, não posso evitar. As recordações vêm ininterruptas e agressivas.

– Todo remorso, todo arrependimento deve proporcionar realizações positivas no Bem. Muitas vezes, ficamos num monoideísmo nocivo, ou seja, num estado de alma em que uma ideia central domina totalmente nosso organismo psíquico, o que nos causa sérios problemas espirituais. Há casos até de se regredir na forma humana perispiritual, ou seja, de tanto ficar pensando negativamente no problema, o corpo espiritual se miniaturiza, e somente o corpo mental se agita. Você já ouviu falar dos ovoides?

– Pouquíssimo. Você pode me explicar?

– Também não sei muita coisa. É algo complexo. Ovoidização do corpo espiritual não é muito difundido no Espiritismo. Não há muita literatura sobre isso. O pouco que sei é que são Espíritos grandemente devedores que não compreendem bem a finalidade do arrependimento e se fixam mentalmente nos atos infelizes realizados. Vivem em um monoideísmo, ou ideia fixa, nocivo e não conseguem, nem querem, pensar em outra coisa senão nos erros cometidos. Como em uma autopunição. Com isso, atrofiam a morfologia do perispírito.

Anselmo ouvia, surpreso. Clementine continuou:

– Têm forma esférica e coloração cinza-escura. O tamanho varia de uma laranja a um crânio. Muitas vezes, Espíritos cruéis e vingadores os utilizam para que, aderindo-os ao perispírito do desafeto, ajam como parasitas, sugando sua energia vital e fazendo-o desencarnar.

– Deus meu! Vejo que, enquanto eu corria atrás de ilusões estúpidas, você se instruía sobre a vida espiritual.

– Agora não adianta se lamentar, Anselmo. O que está feito está feito. A partir daqui é que conta. Erramos, mas o maior erro é ficar se lamentando sem realizações no Bem.

– Como sempre você está certa. Fale mais sobre a ovoidização, Clementine.

– O Espírito André Luiz, em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, nos explica muito bem esse assunto. Em síntese, ensina que não é somente o remorso constantemente alimentado que opera modificações na forma perispiritual, mas que também os desejos e as paixões animalizadas o fazem.

– Puxa! Não conheço nada mesmo do mundo espiritual!

– Eu também conheço bem pouco; no entanto, é ele o verdadeiro mundo.

Anselmo suspirou. Estaria pensando no tempo perdido?

– Não fique enraizando pensamentos negativos. O remorso, o arrependimento, esses sentimentos são grandes incentivadores para nossa mudança. Ficar repisando e sofrendo pelo que já passou não nos levará a nada, ou melhor, nos levará à ovoidização.

Anselmo segurou as mãos de Clementine com suas mãos trêmulas. Delicadamente, ela se soltou daquele carinho e, escondendo a emoção, foi preparar o jantar.

– Mãe, o papai vai ficar aqui pra sempre? Ele não vai voltar para a Laura, vai? Eu odeio aquela piranha!

– Meu filho, não é bom para você alimentar o ódio no coração. O ódio é corrosivo. Alguém já disse que alimentar o ódio é como tomar veneno e esperar que o outro morra.

– Se pudesse eu a mataria! Ela é a causadora de todos os nossos males.

Clementine desligou o forno e sentou-se, chamando o filho para que se sentasse ao lado dela. Revolvendo os cabelos dele com os dedos, disse-lhe, muito pausadamente:

– João Augusto, meu filho. Laura é ainda muito criança e, espiritualmente, está nos primeiros estágios de vivência humana. Imagine uma grande montanha. Laura está no início de sua subida. E nós também já estivemos onde ela está agora. Quem pode garantir que já não fizemos coisas piores?

– Difícil de acreditar, mãe! Ela é pimenta em ferida aberta! É mesquinha e interesseira!

– Todos nós já passamos pelo grau de aprendizado em que ela está hoje. Você já ouviu, lá no Centro, dizerem que a natureza não dá saltos. Ninguém passa de Espírito primário a anjo. Ninguém pula, de repente, de uma categoria espiritual a outra sem o aprendizado, a experiência necessária, o crescimento...

O garoto frequentava a Mocidade Espírita. Muitas coisas ele ainda não aceitava, porque não as entendia. Clementine continuou. Não perdia oportunidade de esclarecer o filho:

– Demônios ontem... Anjos hoje... Por essa razão foi que Jesus disse para não julgar. Não temos condições nem direito de julgar, de condenar as criaturas, porque cada um tem sua idade espiritual.

João Augusto olhava a mãe com certa incredulidade. Ela continuou:

– Anselmo também errou. Mas não ouse julgá-lo, nem tampouco julgar a Laura. Cada qual tem as suas razões, válidas ou não. Todos nós temos o livre-arbítrio. Podemos fazer o que quisermos, mas lá na frente vamos responder pelos nossos atos, isso é exaustivamente comentado no Espiritismo. As muitas reencarnações que tivemos e teremos ainda são manifestações da bondade e da sabedoria de Deus. Ele sabe que, com apenas uma reencarnação, ninguém se torna perfeito o suficiente para habitar o paraíso; Ele sabe também que, com uma única reencarnação, ninguém merece o inferno, pois que não se condena eternamente o infante que comete erros. A vida vai ensinando, embora muitas vezes com dores...

Sobre a veracidade dessas considerações, encontramos n’O *Livro dos Espíritos* a questão abaixo:

*559 – Os Espíritos inferiores e imperfeitos desempenham também um papel útil no Universo?*

*– Todos têm deveres a cumprir. O último dos pedreiros não concorre tão bem para a construção do edifício como o arquiteto?*

Lágrimas brotaram dos olhos do garoto:

– O que faço para não odiar a Laura? Também não gosto de odiar...

– Não é difícil. Veja nela uma irmãzinha perturbada, um Espírito doente. Você que é sadio, que conta com o carinho de Espíritos

bondosos que o vêm ajudando através dos tempos, tem mais possibilidades de entender e amparar.

João Augusto, de cabeça erguida, respondeu:

– Vou tentar fazer isso. Não quero mais pensar nela como uma inimiga. Vou pensar nela como uma pessoa doente, que precisa de cuidados.

Clementine abraçou o filho:

– Assim é que se fala, meu filho. Agradeço a Deus todos os dias por ter você comigo. Agora vá falar com seu pai. Ele já perguntou duas vezes por você.

## - 22 - O regresso de Veridiana

Assim que se restabeleceu, Anselmo se preparava para ir até sua casa. Pretendia falar com Laura, pois esta, ao saber que ele preferira ficar convalescendo na residência da ex-esposa, fingira-se de muito ofendida e só trocara poucas palavras com ele, e ainda assim por telefone.

Convidada pelo ex-marido a acompanhá-lo, Clementine declinou do convite. Não queria provocar Laura, que certamente consideraria sua presença um insulto. Anselmo compreendeu. Reuniu coragem e perguntou-lhe se, depois de haver conversado com Laura, poderia voltar para a casa dela para sempre. Queria tornar a viver com ela e o filho.

– Acho melhor vocês se separarem primeiro. Depois, então, volte. Será muito bem-vindo. Antes de saber que ela pode ser sua filha, eu não recomendaria a separação, mas agora... Se essa suspeita se confirmar, não é certo permanecerem casados.

João Augusto escutou e se sobressaltou:

– O que você está dizendo, mãe?! Ouvi direito?

Anselmo e Clementine se entreolharam, confusos. Pretendiam contar a ele só depois de esclarecidos os fatos.

– Vamos sentar e conversar.

Anselmo contou ao filho a respeito de suas suspeitas. Disse que, mesmo antes de saber, já estava com o processo de divórcio bem adiantado.

João Augusto ficou sem ação:

– Laura, a quem tanto odeio, pode ser minha irmã?! Mal posso crer! Ela nos infelicitou, mãe! Destruiu você! Por que não me contou há mais tempo? Não sei se conseguirei segurar essa barra!

– Não contei antes, porque eu também não sabia, filho. Seu pai me colocou a par no hospital, dias antes de ter alta. E a Laura não me destruiu, João Augusto. Eu não estou aqui, firme e forte? Filho, tudo o que nos acontece tem uma razão de ser. Nós não sabemos nada!

– Eu também só desconfiei disso há pouco tempo, filho. Ainda não fizemos exames... – completou Anselmo, constrangido.

– E agora? Caraca! Pai, você pode ter se casado com sua própria filha!

– Se fiz isso foi sem saber, filho! A vida nos prega muitas peças. Razão tem sua mãe quando diz que não devemos esquecer o que planejamos antes de reencarnar; que não vemos os dois lados da vida.

– Olha, talvez ela não seja sua filha, Anselmo – disse Clementine. – Só a mãe dela poderá esclarecer. Não nos precipitemos.

– E agora, pai?

– Agora vamos consertar o erro. Como sua mãe sempre diz, cair é fácil, difícil é se levantar.

– Agora vá, Anselmo. Explique-se com Laura. Depois localize Veridiana. Procure também falar com os pais adotivos dela. Eles haverão de falar de quem Laura é filha.

– Sabe que a Laura tem vergonha deles?

– Por quê?

– Porque são negros.

– Meu Deus! Tenho pena dessa menina!

– Laura é branca como leite. Somente depois de casados ela me contou que sua mãe natural a deu em adoção para eles, que não podiam ter filhos. E isso só reforça a ideia de que ela é mesmo minha filha e de Veridiana.

– Imagino como Laura deve fazer os pais adotivos sofrerem. Ela é tão preconceituosa...

– Laura não os recebe em casa senão quando tem certeza de que ninguém nos visitará. Dona Neusa parece-me uma boa mulher. Mesmo sendo desprezada pela filha ingrata, consegue amá-la de verdade. Já o pai nunca foi visitá-la e deve guardar muita mágoa dela.

– Pai, posso ir com você? Gostaria de presenciar a conversa que você terá com a Laura.

Antes que Anselmo respondesse, Clementine disse:

– Não acho uma boa ideia, João Augusto. Seu pai precisa conversar muito com a Laura. Sua presença seria constrangedora. Fique comigo, filho.

– Tudo bem.

– Agora vá, Anselmo. Que Deus o acompanhe. Tenha serenidade ao falar com a Laura. Lembre-se de que ela não foi a única culpada nesse episódio todo.

Anselmo tinha a chave do apartamento, mas mesmo assim tocou a campainha.

– Anselmo! Que saudades... – quis abraçá-lo e beijá-lo, mas ele recuou.

– Tudo bem com você? – perguntou ele, mal disfarçando a ansiedade.

– Tudo ótimo! – E pensou: *“Não, seu retardado! Como pode estar tudo ótimo se tenho um serzinho intrometido na barriga e se sei que você é tão duro que não vai me perdoar nem sustar a ação do divórcio?”*.

– Precisamos conversar.

– Olha, Anselmo, você não poderia esquecer esse divórcio? Sei que você me ama. Eu também gosto muito de você...

– Laura, por favor, pare com essa farsa. Não vim aqui para falar do divórcio, que já está bem encaminhado. Vamos falar de nós. Do

que descobri...

Laura sentiu um calafrio. Imaginou que Sandrinha houvesse contado a ele sobre o estupro e a conseqüente gravidez. Sem dar tempo para Anselmo dizer a que viera, gritou, já em lágrimas:

– Eu não tive culpa! Aquele negro desgraçado me seguiu e me estuprou! Juro que nem o conheço! Essa criança que está aqui, vou abortar! Não sou obrigada a carregar um filho que não pedi e que ainda por cima é um negro!

Foi a vez de Anselmo ficar surpreso. Sentiu palpitações e achou que fosse ter um infarto. Suas pernas tremiam.

– O que você está dizendo, criatura?!

– Ora essa! Estou falando do estupro que sofri há quase três meses. Estou falando que estou grávida! E agora? Vai me enforcar de novo? Hoje não tem ninguém para me salvar, aproveite. Morro, mas também mato essa criança intrometida!

Anselmo foi até a cozinha e tomou um copo d'água. Voltou à sala, onde Laura se debulhava em lágrimas e batia na barriga.

– Não faça isso, Laura! Eu compreendo...

A jovem estranhou o tom conciliatório do marido. Por instantes, teve esperanças de que Anselmo pudesse ajudá-la na realização do aborto.

– Anselmo, você está diferente. Parece mais calmo... Não vai me insultar? Não está furioso achando que estou mentindo? Olha, não

estou inventando nada. Isso tudo que lhe contei é verdade.

– Está bem. Conte-me como aconteceu.

Laura, entre fungos e lágrimas, narrou tudo conforme acontecera; que fora estuprada mais de uma vez por um jovem negro que parecia conhecê-la, pois sabia da aversão dela por pessoas de sua cor.

– Eu sabia que esse seu preconceito descabido um dia lhe renderia prejuízos. O que você pensa que é para se achar melhor do que os negros? Se o que a Clementine afirma sobre reencarnação for verdade, depois desta existência você poderá renascer negra. Aí quero ver...

– Deus me livre! – disse isso e se benzeu.

– Depois dessa demonstração de racismo, ainda tem a coragem de se persignar? Um gesto cristão em uma criatura anticristã é hipocrisia e incoerência.

– Olha, não aceito suas recriminações. Vamos parando por aqui.

– Bem, Laura, e o que você pretende fazer?

– Quero abortar. Você me ajuda?

– De forma alguma! Não é certo. “Não matar” é um dos Dez Mandamentos. Sou cristão, apesar de todos os meus defeitos.

– Mas, então, o que faço? Devo ser mãe de um...

– Não continue. Já a adverti de que esse racismo desprezível ainda vai lhe trazer mais sofrimentos. Os negros são filhos de Deus

tanto quanto os brancos, os japoneses ou qualquer outro ser humano. A diferença entre as criaturas não está na cor da pele e sim no caráter. Já sondou o seu caráter, Laura?

– Não preciso dos seus conselhos. Se não quer me ajudar, pelo menos não me ofenda!

– Estou tentando fazer você enxergar. Conheço a Dona Neusa e conheço você. Dona Neusa é, de longe, mil vezes mais gente do que você. O cabelo dela é encarapinhado e a pele é negra. O seu é louro e liso. Sua pele é quase transparente de tão branca. E se pudéssemos ver a alma de vocês duas, ela estaria bem mais perto de Deus do que você. Seria o anjo e o anticristo...

Laura parou de chorar. Olhou com ódio para Anselmo. Se pudesse, avançaria sobre ele e o estrangularia.

Embora nervoso, Anselmo convidou-a a se sentar:

– Laura, tenho algo muito sério a lhe contar. Não foi sobre seu estupro ou gravidez que vim falar, pois nem sabia disso.

– Não? Sobre o que quer falar?

– Sobre você. Sobre seu nascimento. Sobre sua mãe biológica.

– Não quero saber de minha mãe biológica. Ela, além de me abandonar, arrumou negros para serem os meus pais adotivos. Acho que fez de propósito para me ferrar! Eu preferiria que ela tivesse me abortado!

– Acho que você tem algum problema de ordem mental. Não é possível que não aprenda alguma coisa com seus erros.

Anselmo sentia-se triste. Aquela quase menina seria mesmo sua filha? Tão diferente dele e de Veridiana... No entanto, quando estava perto dela sua memória espiritual o levava a uma fazenda de escravos e principalmente a sua proprietária. Ele sentia que sua alma habitava, então, outra indumentária física. Tudo se envolvia em fiapos de recordações que iam e voltavam em *flashes* confusos. Não sabia por que a mente o jogava a um passado distante. Laura se lhe apresentava como a perversa fazendeira que fora capaz de matar uma criança e, com isso, causar a morte de sua mãe escravizada. “*Mas não! Não é possível!*” – pensava Anselmo com grande desconforto moral.

Tais cenas voltavam do passado para o presente com a ajuda do seu guia espiritual. Anselmo era médium, embora não frequentasse nenhuma Casa Espírita nem fosse estudioso da Doutrina. Assim, conseguia quase ver as telas fluídicas que lhe eram mostradas.

– Vai dizer a que veio, ou ficar aí só me ofendendo?

– Laura, acalme-se. Vou lhe contar algo que talvez a choque, como chocou a mim.

– O quê?

– No ano de seu nascimento, em fins de 1960...

Sob os olhos espantadíssimos de Laura, ele contou tudo o quanto se passara na casa de Veridiana.

– Quer mesmo que eu acredite nisso?

– É a pura verdade. Acho que sou seu pai, Laura! Infelizmente!

– E eu tenho então mais um motivo para odiar você! Como pôde me abandonar? Fugiu a sua responsabilidade! E agora vem dando uma de santo! Achando-se melhor do que eu! Também essa tal Veridiana... Ela não pode ser minha mãe! Não tenho mãe! Não gosto da Neusa nem da Veridiana! As duas são odiosas! – gritava e chorava descontroladamente.

– Laura, pare de chorar! Acalme-se! Afinal, não deve se entristecer tanto assim, pois, se você for mesmo minha filha, lembre-se de que será, junto com João Augusto, a minha herdeira.

Laura enxugou os olhos. As lágrimas secaram rapidamente. Anselmo dissera as palavras mágicas.

– O divórcio terá sequência, pois não podemos continuar casados. E depois, mesmo que você não seja minha filha, nossa separação é inevitável.

Foram interrompidos pela campainha.

– Você está esperando alguém, Laura?

– Não. Vou atender.

Para sua surpresa, Neusa estava à porta, acompanhada por outra mulher.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Laura agressivamente.

– Vim lhe apresentar sua mãe biológica, Veridiana.

Laura recuou. Ia bater a porta na cara delas, quando Anselmo apareceu e interferiu:

– Veridiana! Entre! Está em minha casa. Eu preciso mesmo falar com você.

Laura, agastada e insolente como só ela sabia ser, sentou-se longe dos três.

– Foi Dona Neusa quem chamou você a meu pedido? Parece-me que você mora em Miami, não é? Fui procurá-la na sua antiga casa e lá me informaram que sua família havia se mudado para o exterior.

– Foi a Neusa, sim. Sempre mantivemos contato. Apesar de tudo, preocupava-me com a Laura. Antes de virmos para cá, passamos na casa de Clementine. Neusa e ela se conheceram recentemente. Muito amável, ela nos pôs a par de tudo. Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo. Fico imaginando como deve estar sendo traumático para você, Anselmo. Laura já sabe?

– Estava conversando sobre isso com ela quando você chegou. Veridiana, por que você não me contou que havia engravidado naquela festa, em 1960, e que a criança era minha? Por que a deu em adoção?

– Não foi possível sua localização, Anselmo. Você havia se mudado para o Rio de Janeiro e eu sequer tinha seu endereço. De mais a mais, eu não queria atrapalhar seus estudos... E, principalmente, porque... – fez uma pausa, envergonhada do que iria dizer.

– Continue, por favor, Veridiana...

– Porque eu pretendia fazer um aborto. Depois mudei de ideia.

– Graças a Deus!

Veridiana olhou para Laura. Depois de tanto tempo, ela ainda não conseguira apagar as reminiscências do passado.

Laura, a quem nada passava despercebido, encarou sua mãe biológica com muito ódio e vociferou:

– Devia ter-me abortado! Melhor do que me dar a um casal de negros sem filhos! – Riu, mas seu riso era de escárnio.

Neusa, que sempre ficava calada ante os insultos da filha, olhou para ela com piedade:

– Pobre menina tola! Um dia você terá um corpo negro e agradecerá pela oportunidade de se vestir com ele e poder voltar a fim de corrigir essa vida torta que leva hoje.

Laura arrepiou-se. Ia falar algo, mas Anselmo pôs o dedo indicador direito sobre os lábios, impondo silêncio.

– Veridiana, você confirma então? Laura é mesmo minha filha biológica? Há necessidade de fazer exame de DNA?

– Anselmo, não tenho certeza se a Laura é sua filha.

Uma esperança brotou no coração de Anselmo.

– Como assim? Lembro-me de que tínhamos intimidade...

– Sim, eu sei que tínhamos. Só que, naquela festa, também me relacionei com outro rapaz, o Fabiano. Então, talvez seja ele o pai e não você. Estávamos todos embriagados...

Laura acompanhava a conversa. Estava confusa e revoltada. Anselmo continuou:

– Meu Deus! Agora me lembro. O Fabiano era um rapazinho bem louro.

– Louríssimo – confirmou Veridiana olhando para Laura. E, ainda observando a filha, prosseguiu: – Estou muito arrependida. Àquela época, eu era ingênua e tola. Tivesse naquele tempo a mentalidade que tenho hoje, nada disso teria acontecido. Mas, quando a consciência doeu, já era tarde para voltar atrás. Sofri. Sofro ainda por ter causado, involuntariamente, tanto sofrimento a Neusa e a seu marido. Eles mereciam uma filha boa e amorosa, mas Laura os despreza somente porque são negros.

– Ora, ora, acho que aqui só tem santos. Eu sou a única megera. Agora apareceu outro personagem na história? Quem é esse Fabiano? Se for ele o meu pai, espero que seja bem rico – disse Laura, com ironia.

– Laura, perdoe-me, se puder... – disse Veridiana.

– Perdoe também a mim, Laura. Quando a aceitei como filha, não podia imaginar que a cor da minha pele seria ofensiva para você. Nasci negra e não sou nem um pouco inferior por isso – atalhou Neusa.

Laura afastou-se sem dizer nada. Trancou-se no quarto e chorou. Arrependimento? Não. Ainda não.

O exame de DNA foi feito. Anselmo não era o pai de Laura. A Fabiano cabia tal paternidade.

Todos respiraram com alívio: *“Que susto! Que isso me sirva de lição, doravante. Obrigado, meu Deus!”* – pensou Anselmo.

Mais alguns meses e estavam divorciados. A pedido de Veridiana, Laura permaneceu provisoriamente na casa de Anselmo. Nesse tempo, ela procuraria ajudar a filha.

## - 23 - O nascimento de Antônio Aurélio

Anselmo havia-se modificado bastante. Para melhor. Estava mais calmo, mais introspectivo e mais humano. Divorciara-se de Laura, mas permitira que ela continuasse morando na casa pelo menos até o nascimento do bebê. Tampouco fora morar com Clementine, porque Laura o chantageara dizendo que, caso ele voltasse com a ex-esposa, ela se mataria levando consigo a criança e deixaria uma carta acusando-o. *“Dessa louca criatura é possível esperar tal coisa”* – pensara Anselmo.

De certa forma, Laura quisera punir Anselmo, porque sabia que voltar para Clementine era sua maior vontade. De qualquer forma, ele sempre procurava estar na companhia da mãe de seu filho, muito se beneficiando com seus esclarecimentos e conselhos.

\*\*\*

– Então, você agora vai ser minha babá, Anselmo? Vai me ajudar a expulsar esse negrinho de dentro de mim, não vai? Ficou feliz em não ser o pai desta megera, aqui? Mas também a Veridiana, hein? Que disposição! Não lhe bastava o namorado! Uau!! Isso eu poderia até perdoar, mas me entregar para negros... – dizia Laura, encarando o ex-marido com ar de desafio e de deboche.

Apesar de conhecê-la tão bem, Anselmo ainda se chocava com a falta de respeito de Laura. Com calma, mas com firmeza, respondeu:

– Laura, se você pensa que somos melhores do que os negros só pela cor de nossa pele, saiba que você está completamente enganada. O que diferencia as pessoas são as qualidades morais e espirituais que elas possuem, nada mais! Já está na hora de você ser menos ignorante! Não vou admitir preconceitos aqui dentro da minha casa!

– Esta casa não é só sua. Tenho direito a uma parte dela, conforme foi decidido pelo juiz na ação do divórcio.

– Não vou discutir isso com você. Mas não haverá aborto. Vamos é marcar uma consulta com o Dr. Farias e fazer um bom pré-natal.

– Bem, então eu vou ter mesmo que parir esse negr...

– Não continue! Se se referir à criança nesse tom ofensivo, sou capaz de lhe dar uma boa surra. Passarei todos os meus bens para meu filho e Clementine e deixarei você sem nada. Sou advogado e, se eu quiser, tenho meios de arruinar você!

Esse argumento bastou para fazer Laura se calar.

– Tudo bem, mas não vou cuidar desse bebê. Ele será todo seu e da Clementine. A mosca-morta de sua “ex” já está até fazendo casaquinhos de lã... Hilário!

– De quantos meses é a gestação?

– O Dr. Farias é quem vai dizer com certeza. Mas acho que de uns três meses. É o tempo que faz que aquela desgraça me aconteceu.

Anselmo acompanhou Laura à consulta.

– Tudo bem com ela e o bebê, Dr. Farias?

– Está tudo em ordem. A gestação tem por volta de 13 semanas.

Laura estava extremamente aborrecida. Não gostava nem de pensar naquele filho indesejado. Mas Anselmo a ameaçara caso ela abortasse. Diante da possibilidade de ficar sem nada material, acabara se rendendo ao desejo dele, mas tencionava nem olhar para a criança quando ela nascesse. Faria o mesmo que haviam feito com ela. Pretendia dá-la em adoção ou a deixaria com Anselmo, caso ele se interessasse em criar aquele filho de um estupro.

À medida que a barriga crescia, a futura mamãe odiava cada vez mais aquele que ela chamava de “intruso” e que aos poucos deformava as belas formas que ela tanto valorizava.

A bolsa d’água rompeu numa madrugada. Nervoso, Anselmo telefonou para Clementine e Neusa comunicando o fato e rapidamente levou Laura para o hospital. A moça berrava de dor, exageradamente.

Clementine e Neusa já estavam na maternidade quando eles chegaram. Foi um parto difícil. O bebê não estava em boa posição,

sendo necessário fazer cesariana. Finalmente, a criança veio ao mundo. Era um menino forte. Laura, como havia prometido, nem olhou para ele. Neusa tomou-o nos braços:

– Veja que lindo! Ele se parece com você, Laurinha.

Ao ouvir isso, Laura ficou curiosa e pediu para ver a criança.

– É. Parece mesmo... Mas à medida que for crescendo irá ficando cada vez mais negrinho... Não vai mais parecer meu filho. Maldito estuprador!

– Laura, eu e Clementine cuidaremos dele. Afinal, é meu neto. Veridiana já disse que também ajudará no que for possível – disse Neusa, já amando aquele bebê que talvez estivesse chegando para compensar todo o sofrimento que sempre tivera com Laura.

– Veridiana... aquela safada! Está no bem-bom lá em Miami e eu aqui, toda gorda, peitos cheios de leite para esse...

Quando Laura recebeu alta hospitalar, por pura provocação queria deixar o filho lá, para que as enfermeiras o dessem em adoção. Obviamente, nem Anselmo, nem Neusa, nem Clementine concordaram.

– Você está louca se pensa que vou deixar seu filho aqui. Eu o levarei, quer você queira, quer não – disse Anselmo.

– Eu também posso ficar com ele, se o Dr. Anselmo permitir.

– Dona Neusa, sei que a senhora seria uma boa mãe para ele, mas faço questão de criá-lo. Ele será muito querido por todos.

– Pois faça bom proveito! Não esperem nada de mim. Se pensam que vou me arrepender e tentar ser uma boa mãe, podem tirar o cavalinho da chuva... Não sinto nenhum amor por ele – disse Laura, sarcástica.

– Tenho amor suficiente para compensar a falta do seu – afirmou Anselmo, altivo.

– Anselmo, posso continuar morando aqui até comprar um apartamento para mim? – perguntou Laura.

– Pode, sim. Prometi a Veridiana que você ficaria aqui pelo tempo que fosse necessário.

– Não espero ficar muito.

Neusa quase se mudou para a casa de Anselmo. Cuidava do neto com extremado amor. Clementine e João Augusto também o visitavam constantemente.

Anselmo passou a ser o pai e a mãe do garotinho. Dera-lhe o nome do seu bisavô materno, Antônio Aurélio. Laura não se opôs:

– Ele é seu. Ponha o nome que quiser, pouco me importo.

– Você, infelizmente, se arrependerá do que está fazendo. Um filho, venha em que circunstância vier, é sempre um presente de Deus.

– Oh! Como você ficou religioso com a companhia de Clementine! – ironizou Laura. – Se isso é presente, então é presente de grego!

– Não vou tentar botar na sua cabeça um pouco de sensatez.

Você é dura como pedra!

Laura deu de ombros e nada respondeu.

Antônio Aurélio crescia rápido. A cada dia Anselmo mais o amava. Não era totalmente negro, mas cor de chocolate; tinha magníficos olhos claros que se alternavam entre o azul e o verde.

Uma vez, Laura tomou-o dos braços de Neusa e olhou para o garoto demoradamente. Ele estava com três meses e já balbuciava alguns sons ininteligíveis. Neusa teve esperanças de que, a partir daí, com a convivência diária, a filha viesse a amá-lo.

– Vê como ele é bonito, Laura? Olhe os olhos dele! São os seus, minha filha!

– Realmente esse mulatinho é bem bonito! Graças a mim. Mas não quero mais vê-lo. Jurei que não vou criá-lo e não vou mesmo! Vou-me embora daqui. Vou aproveitar a vida. Sou jovem ainda e espero ser feliz algum dia. Se ficar, logo estarei feia, cansada e mal-humorada!

– Meu Deus! Mesmo as feras amam seus filhos...

– Sou uma fera diferente...

Alguns meses depois, após embolsar tudo o que lhe cabia na partilha pelo divórcio, Laura se mudou. Ninguém mais teve notícias dela.

## - 24 - O retorno de Laura

Anselmo estava feliz, apesar de tudo. Com a partida de Laura, comprou uma casa maior e levou Clementine e João Augusto para compartilharem a vida juntos. Por essa ocasião, o marido de Neusa desencarnou. Anselmo sugeriu que ela também se mudasse para sua casa, a fim de poder conviver com o neto. Ela aceitou prontamente e, mal podia acreditar que a vida lhe desse, ainda, prazer em ser vivida. Nunca odiara Laura por tudo de ruim que ela lhe fizera. Agora, com a presença do neto, chegava a lhe agradecer. Não fosse ela, não teria o prazer de ser avó daquele garoto vivaz e muito bonito.

Anselmo estava divorciado e o passado, enterrado.

Num domingo alegre:

– Clementine, quer se casar novamente comigo?

Clementine pensou em dizer não. Ia argumentar que melhor seria continuarem amigos, quando João Augusto, que ouvira o convite, olhou para a mãe, implorando com os olhos que aceitasse o pedido do pai. Amava a ambos e gostaria de vê-los juntos. No íntimo, Clementine sentia que sua missão para com Anselmo fora interrompida pelo divórcio imposto por ele. Então, sorriu:

– Aceito, sim. Estamos envelhecendo e precisamos um do outro mais do que nunca.

\*\*\*\*

Dez anos se escoaram na ampulheta do tempo.

João Augusto, então com 23 anos, acabara de ficar noivo, e Antônio Aurélio completava seus 10 anos. Eram como dois irmãos.

– E então, Aurélio? Como foi a aula hoje? Não chegou atrasado, né, seu dorminhoco?

– E por acaso a minha vó Neusa me deixa dormir? Fica batendo na porta e não dá sossego enquanto não me levanto.

– Vê lá, rapaz! Quero ver suas notas no final do trimestre!

– Epa! Você não é meu pai! Meu vô Anselmo é que vai ver minhas notas. A vó Neusa e a vó Clementine já viram e gostaram.

Estavam nessa conversa, quando a campainha tocou. Clementine foi atender e, para sua surpresa, Laura empurrou-a e entrou. Não era nem sombra do que fora quando partira. Estava visivelmente doente. Seus olhos haviam perdido o brilho; os longos cabelos louros dos quais tanto se orgulhava rareavam-se em sua cabeça. Seu andar trôpego evidenciava seu alcoolismo.

– Laura, minha filha! Você está doente? – perguntou Clementine.

– Não sou sua filha! Nem gosto de você! E estou, sim, muito doente. Já tirei um rim canceroso, agora só me resta torcer para que o outro também não adoeça.

João Augusto e Antônio Aurélio se aproximaram. Laura observou atentamente o menino, o filho que ela rejeitara:

– Então você cresceu, seu negr...

– Não continue, Laura! Não vou permitir que você ofenda o Aurélio. Por que voltou? Estávamos muito bem sem você! – disse João Augusto, não escondendo a aversão que Laura sempre lhe causara.

– Voltei porque meu dinheiro acabou. Não pude trabalhar porque estou doente.

Antônio Aurélio aproximou-se. Olhava com curiosidade para Laura:

– Então a senhora é a Dona Laura? O meu vô Anselmo me disse que a senhora é minha mãe... Isso é verdade? Ele me disse que a senhora foi embora logo que eu nasci. Mas não me disse o motivo.

– Olha aqui, pirralho. Sou, sim, sua mãe, mas só porque você nasceu de mim. Não venha tomando liberdades.

– Vamos chamar meu pai. Ele saberá o que fazer! – disse João Augusto. – Laura está bêbada, Aurélio! Não ligue para o que ela disser nem fique triste. Ela não está no juízo normal, por isso ofende você.

O menino tinha lágrimas contidas. Nada disse.

Neusa, ouvindo o alarido, apareceu na sala e quase desmaiou de tanta surpresa:

– Meu Deus! Minha filha! Você nem parece a mesma Laura... O que aconteceu?

– Aconteceu isso que você está vendo, preta velha! Estou um caco! Sinta-se vingada por todo o mal que eu lhe fiz e que, se puder, farei ainda.

– Filha, vamos... Dê-me suas mãos. Vamos subir e tomar um banho quente. Clementine, você prepara um café para ela? Fiz um bolo. Parece que estava adivinhando que teríamos visita para o lanche.

– Não quero ir com você. – E rindo – Olha que boto você no tronco!

Anselmo acabava de chegar e ouviu as últimas palavras de Laura. Assustou-se.

– Olha se não é o Doutor Anselmo! Está feliz em me ver? Diga que sim... Pelo menos você... Você já foi meu marido, lembra? Ah... Ah... Ah...

Anselmo encheu-se de piedade por aquele ser tão imaturo. Era bem verdade que a vida lhe havia pregado muitas peças, mas todas forjadas por ela mesma, fazendo uso de seu livre-arbítrio. Ação e reação. Plantio e colheita.

– Que bom que o senhor chegou, seu Anselmo. Quero levá-la ao banheiro para lhe dar um banho, mas ela não quer vir comigo. Poderá convencê-la? – pediu Neusa.

– Acompanhe sua mãe, Laura. Depois de um banho, com certeza você se sentirá melhor. Então conversaremos e você me contará tudo o que fez nesses dez anos de ausência.

Laura respondeu, ironicamente:

– Não venha dar uma de bom samaritano. Você faz isso só para me humilhar, para me mostrar o quanto é magnânimo e eu sou perversa. Detesto esse seu lado de “santinho do pau oco”.

– Não é nada disso, Laura. Vá com sua mãe para o banheiro. Está precisando muito de um banho quente.

Laura obedeceu. De repente, mudou a expressão insolente:

– Ai, que dor! Acho que desta vez São Pedro vai ganhar a parada. Mas não vai ser fácil. Gosto de viver. Vou lutar até o fim, viu, meu santo? Não pense que vai ser fácil. Ah... ah... ah...

Neusa esforçou-se para não chorar. Partia-lhe o coração ver a filha adotiva naquele estado.

– Depois do banho você se sentirá melhor. O doutor Anselmo vai levar você a um bom médico e você vai sarar, com a graça de Deus!

Neusa lhe deu um banho. Enxugou-a como fazia quando ela era pequenina. As lágrimas de Laura deslizaram, enfim, por seu rosto emaciado.

– Não sei por que ainda estou viva. A desgraçada da vida quer me punir! Mas eu sempre fui uma vítima. Nunca fui realmente feliz.

– Filha, agora que você voltou, seremos todos felizes. Você viu que menino lindo é o seu filho?

– Ele não é meu filho! Nunca mais diga isso. Nunca mais!

Neusa vestiu-a com suas roupas, embora Laura reclamasse:

– Deixei minhas malas num armário da rodoviária. Vou pedir para irem buscá-las. Você está gorda como uma barrica. Credo! Este vestido é grande demais para mim! Por que não faz uma dieta rigorosa?

– Ora, querida, é só por hoje. Amanhã já terá suas roupas. E quer saber? Sou uma preta velha mesmo.

Risos.

Depois, uma cachoeira de lágrimas de ambas.

## - 25 - “A vida sempre devolve o que lhe damos”

Anselmo levou a ex-esposa a um oncologista. A sós com ele, após alguns exames, o médico se mostrou preocupado:

– Dr. Anselmo, o caso dela é grave. Gravíssimo. Como deixou a doença chegar a esse nível?

– Laura não mora comigo. Fazia dez anos que não tínhamos notícias dela. Assim que deu à luz, ela saiu de casa. É uma pessoa de difícil trato. Só faz o que quer. Nem sei como concordou em vir comigo aqui para se tratar. Chegou anteontem em minha casa, nesse estado. E também se tornou alcoólatra, como o senhor deve ter percebido.

– Ela mesma me contou e disse que não pretende parar de beber. É o seguinte: Vou pedir mais alguns exames. Pela dor que ela diz sentir em vários lugares, acho que houve metástase. Talvez tenhamos de retirar o outro rim, então ela precisará de um doador. Mas não nos precipitemos.

Anselmo ficou lívido. Suas pernas tremeram. Com a voz embargada, disse:

– Farei tudo o que for possível, Dr. Sullivan. Poderei doar um dos meus rins, se for mesmo preciso e se isso puder ser feito sem risco de rejeição.

– Não é tão simples assim. Tem de haver compatibilidade. Vamos interná-la para os exames. É melhor que ela fique aqui, está muito debilitada.

Laura entrou na sala, sem a menor cerimônia:

– Posso saber o que falam a meu respeito? Olha, Dr. Sullivan, não acredite nele. Ele me odeia.

– Laura! Como pode entrar assim, sem bater à porta? E eu não odeio você! Você é que se odeia.

O médico pediu que ela se acalmasse e tentou lhe explicar a necessidade de internação.

– Nem pense que vou ficar aqui. Ouvi alguma coisa sobre transplante de rim?

– Não perde o costume de escutar atrás da porta? – perguntou Anselmo, contrariado.

– Tenho o direito de saber o que falavam a meu respeito.

– Eu ia lhe contar tudo. Não precisava se rebaixar numa atitude tão grosseira.

Dr. Sullivan, em percebendo que a conversa descambava para uma discussão, encerrou o assunto:

– Está bem. Não quer se internar? Então prometa que fará tudo direitinho em casa e que se submeterá aos exames solicitados.

– Prometo! Quero dar ao bom samaritano aqui o prazer de cuidar de mim. Para ele ter um pouco de prazer, se é que me entende...

Dr. Anselmo abaixou a cabeça e reprimiu as lágrimas que ameaçavam cair.

Clementine e, sobretudo, Neusa ficaram tristíssimas ao saber da gravidade do quadro de saúde de Laura. Esta, irreverente mesmo na adversidade, disse, ironicamente:

– Pois é... A coisa é pior do que eu pensava. Mas, como todos vocês são anjos, na certa vão cuidar de mim, não vão?

A sós com Clementine, Anselmo disse:

– Se o outro rim estiver doente, ela precisará de um transplante. Daria um rim para ela, mas o médico disse que não é tão simples assim.

– Vamos falar com a Veridiana. Talvez ela possa doar. É preciso que haja compatibilidade, e ela é a mãe. Também podemos tentar localizar Fabiano, o pai.

– A Laura não perdoa a mãe. É bem capaz de haver rejeição só por isso.

– É verdade. Mas precisamos tentar.

O outro rim de Laura estava de fato comprometido pela doença e precisou ser retirado. Veridiana foi a doadora. A animosidade que Laura sentia em relação à mãe biológica quase desapareceu de todo. Por outro lado, seu ódio por Clementine crescia a cada dia. Tudo fazia para infernizar sua vida. Porém, Clementine procurava

compreendê-la, nunca se ofendendo ou revidando ofensas. Às vezes chegava a ver o obsessor insuflando-a contra ela.

Indignado com a maneira grosseira com que Laura tratava sua mãe, João Augusto casou-se antes da data prevista. Ele não compreendia a passividade de Clementine e achava que a mãe de Aurélio deveria ser punida. Afinal, todos eram extremamente atenciosos com ela e o mínimo que se esperava é que tivesse a decência de não criar problema. Vivia ali de favor e não era agradecida.

Antônio Aurélio raramente se aproximava dela. Sentia medo. Laura também o ignorava. Nunca mais falara com ele. Sequer olhava para o menino. Medo de vir a amá-lo? Talvez. Quem conhece a alma humana?

\*\*\*

Anselmo fazia de tudo para que a paz reinasse em seu lar. Na medida do possível, satisfazia aos caprichos de Laura, que, depois de tudo que passara, e ainda bem debilitada pela doença, adotara um comportamento um pouco mais carinhosa com ele e com Neusa.

Clementine e Neusa tentaram mais de uma vez levá-la a uma Casa Espírita ou a alguma igreja, mas Laura, além de não aceitar, fez troça do convite, chamando-as de “ratazanas de igreja”.

– Vocês duas pensam que com isso vão ganhar o céu?

– Não pensamos que vamos ganhar o céu, mas sim aprender a viver melhor, respeitando as Leis Divinas. Sabemos muito bem que qualquer religião é inócua se não houver transformação interior.

– Bem... não pretendo mudar. Se quiserem me aceitar como sou, tudo bem. Mas não venham querer me convencer e me canonizar. Santa Laura...

Riu alto e depois teve uma crise de choro. Era infeliz e se comprazia nisso, arrumando sempre motivos para alimentar a dor e a desilusão.

Clementine e Neusa desistiram. A vida haveria de ensiná-la. Se ela precisava da dor para aprender, o que fazer?

\*\*\*

O grito da empregada foi ouvido por todos da casa: Laura foi encontrada desmaiada no quarto. O rebuliço foi geral. João Augusto, que nesse dia viera visitar a família, ajudou-a como pôde, apesar de não gostar dela.

– Foi Deus quem mandou você aqui, meu filho! Vamos levar a Laura imediatamente para o hospital. Seu pai está em viagem de negócios e me encarregou de cuidar dela. O que será que aconteceu? Ainda há pouco ela estava bem...

Colocaram Laura, inconsciente, no carro e em instantes estavam no hospital.

Ela tivera um problema cardíaco e não voltou do coma. Depois de alguns dias, desencarnou. Sua expressão no esquife era de amargura. O rosto bonito dos tempos passados transformara-se em uma máscara arroxeadada e macilenta.

Clementine, através de sua vidência, viu quando alguns desencarnados negros e agressivos apossaram-se dela e levaram-na dali. Ainda ouviu o que parecia ser o líder dizer:

*– Hoje temos alimento suficiente. Essa safada tem bastante fluido vital. Assim que a entregarmos ao chefe, voltaremos aqui para sugar seu cadáver. Vamos aproveitar! Teremos um banquete!*

Clementine, num primeiro momento, imaginou que aquilo não acontecera realmente. Era cruel demais! Estava pálida quando Neusa se aproximou:

– O que você tem? Está trêmula!

– Neusa, os obsessores a levaram daqui, mesmo antes do desligamento de todos os plexos. Foi horrível. Você não viu?

– Vi que vários desencarnados encapuzados disputavam o resto dos fluidos vitais dela. Criaturas vorazes que mais se assemelhavam a grosseiros animais. Pobrezinha... Vamos orar. Que Deus se compadeça dela. Pobre filha!

Anselmo chegou e foi posto a par do que se passara. Chorou. Apesar de tudo, sentia que jamais poderia odiar Laura, pois estavam ligados por elos do passado.

## - Epílogo - Enfim, a morte os reaproxima

Sabedoria não faltou a Jesus quando disse: A cada um segundo seus atos. Se soubéssemos que a colheita de espinhos nos fere, tomaríamos mais cuidados para não os semear. Todavia, tais espinhos são, na maioria das vezes, necessários para nos acordar. A vida não nos quer na inércia improdutiva. Evoluir é preciso. Estamos todos subordinados às Leis Naturais, que são as Leis Divinas. Ninguém, no seu bom senso, julgue que Deus está longe demais de nós para nos observar e nos propiciar o aprendizado. Não. Deus não está longe de sua criação, mas dentro dela. Nós não o vemos nem o sentimos, porque nossas vibrações são ainda grosseiras, incompatíveis com as de Deus Pai. À medida que vamos crescendo em Espírito, nossos fluidos vão se tornando mais sutis e vamos sentindo a divina presença. Não ocorre isso também na nossa vida material? Nós não vemos nem ouvimos tudo o que poderíamos ver e ouvir, porque estamos limitados aos cinco sentidos. Em situações futuras, poderemos ver, ouvir, sentir e nos comunicarmos de forma mais abrangente. Pouco sabemos da vida material. Bem menos ainda sabemos da vida espiritual.

Mais 15 anos se passaram rapidamente pela ampulheta do tempo. Nossos personagens estavam envelhecidos. A ausência de Laura fora um armistício concedido àquela família. João Augusto

estava feliz com sua prole: dois meninos e uma menina. Clementine e Neusa os paparicavam. Antônio Aurélio estava com 25 anos e também planejava se casar. Seu sorriso espontâneo alegrava os familiares. Neusa o havia colocado a par dos problemas de Laura e ele compreendera, não guardando nenhum rancor de sua mãe biológica. Anselmo estava doente. Envelhecido, já não advogava mais. Todas as noites os três – ele, Clementine e Neusa – oravam por Laura. Sabiam que ela estava sofrendo.

Logo após o desencarne, ela foi conduzida a uma região do Umbral e presa em uma caverna escura. Muitos negros, ao saberem que ela fora uma fazendeira cruel num passado mais remoto, e uma pessoa extremamente racista em sua última reencarnação, tinham decidido se vingar dela em nome de todos os afrodescendentes aos quais ela havia humilhado e maltratado. Ataram-na a um tronco, formando fila para aplicar-lhe chibatadas. A primeira reação de Laura diante dessa violência fora esbravejar e agredi-los com insultos, mas, depois de algum tempo, a dor e a humilhação a haviam calado, sem, contudo, derrubarem seu orgulho a ponto de fazê-la implorar por caridade ou pedir perdão. Não! Isso ela não faria.

– Anselmo...

– O que foi, Clementine? Você me parece preocupada.

– Esta noite sonhei com a Laura. Não foi um sonho comum. Eu, de fato, estive com ela.

– Mesmo? Como ela está?

– Nada bem. Ela não me via; queria fugir de onde estava. Contorcia-se amarrada a um tronco. Seu aspecto causava tristeza. As vestes estavam rasgadas e sujas. De sua boca escorria uma secreção esverdeada e malcheirosa. Ela reclamava. Amaldiçoava a todos e dizia que ia botá-los no tronco assim que se libertasse daquele jugo; que aqueles negros iam conhecer o peso de sua mão. Na verdade, eu a via de forma estranha, como se através de uma televisão. Via, ainda, vários Espíritos deformados na forma humana. Eles riam dela e a instigavam a falar mais, a fim de terem pretexto para chibatá-la.

Anselmo estremeceu:

– Então é mesmo a Emerenciana! Já te contei a história dela, não contei? Essa reencarnação foi há muito tempo, mas “mudamos de casa e continuamos nós mesmos”, não é?

– É a pura verdade. Vários corpos, mas sempre o mesmo Espírito. E ela soube do amor que você nutria por ela?

– Não tenho certeza. Eu nunca lhe confessei, pois ela era bem capaz de me colocar no tronco. Era de um orgulho feroz!

– Mas que natureza! Não posso entender. Na Casa Espírita, no tratamento que fizemos para ajudar Laura, disseram que ela já havia

tido outra existência antes dessa na qual deu à luz Aurélio; no entanto, é de sua vida como a perversa Emerenciana que ela nunca se esqueceu?

Emerenciana, a Laura de hoje, tivera, depois daquela malfadada reencarnação como fazendeira, mais duas outras existências. Logo depois de morrer como Emerenciana, reencarnara, porém sua existência fora bem curta. Desencarnara ainda muito criança por uma queda que lhe abrira o crânio, tal qual fizera com a filha da escrava Conceição, conforme já narrado anteriormente. Vagara muito tempo nas trevas. Sofrera muito nas mãos de vingadores e finalmente reencarnara como Évelyn, a avó de Veridiana. Dessas existências, porém, fizera questão de esquecer para se concentrar somente na fazendeira Emerenciana, a cruel perseguidora dos negros escravizados.

– O que a Veridiana te contou sobre a Laura?

– Ela disse que a Laura foi sua avó Évelyn e que reencarnou contrariando sua vontade. Falou da repulsa que Évelyn sentia pelos afrodescendentes. “Ela me invadiu. Queria tanto voltar à vida material que se aproximou demais e foi atraída pelo meu óvulo fecundado. Eu nem sabia que isso era possível. Só depois, estudando mais o Espiritismo, vim a saber dos automatismos que regem a vida, principalmente nos reinos mais primários” – disse-me Veridiana há bem pouco tempo.

– Incrível! Mas o fato de ela não se esquecer daquela existência anterior explica-se: Deve ter sido muito gratificante para seu orgulho ser fazendeira, dona da vida dos escravizados... poderosa... E isso a marcou profundamente. Aliás, foi você que me explicou isso... Esses traumas que se enraízam na alma.

– É verdade.

– Sobre seu sonho... Você ia me contar outra coisa.

– Parece que Laura está vendo um jeito de fugir de lá. Está tentando convencer uma entidade apelidada de Carcará a ajudá-la a escapar daquele lugar e enganar os seus antigos escravos.

– Rebelde como é, não sei como ainda não fugiu.

\*\*\*

Estrelas cintilavam em um céu límpido. A lua, vez ou outra, fugia de detrás de alguma nuvem inconveniente e olhava a Terra. A humanidade, que não tinha tempo ou sensibilidade para admirar o firmamento, seguia com suas paixões e seus equívocos, vivendo os dias sem se questionar até quando estaria desfrutando desse lar terreno. E Deus não a apressa. Há tempo de semear e tempo de colher. Há etapas de dor e de felicidade...

Clementine adoecera. Não mais deixava a cama, para preocupação da família que muito a amava. Refizera sua vida com Anselmo e viviam em paz.

– Como está hoje, mãe?

– Melhor, meu filho. E você? A Marilda sarou do resfriado? E as crianças?

– Está tudo bem, mãe. “Crianças” é modo de dizer, né? Já são adolescentes.

– Filho, quero que você vá se preparando... Minha saúde...

João Augusto sabia a que a mãe se referia. Mas não queria admitir que seu estado de saúde era precário e que logo ela partiria para outra dimensão do universo. Ele sabia que o Espírito não morre, mas era tão dolorido imaginar que ficaria sem aquela presença bondosa... Enxugou, furtivamente, uma lágrima:

– Mãe, por favor, não fale mais isso. Acho que você ainda viverá muito.

– Isso é certo, filho. Viverei muito, pois a morte é apenas uma mudança necessária. Sabemos que herdamos de Deus a imortalidade... Somos filhos Dele; somos eternos.

Anselmo ouviu as últimas palavras de Clementine. Estava ferido com a perspectiva da partida daquela que lhe fora o arrimo espiritual.

– Clementine, percebo que você está desanimada, meu bem. Vamos! Tire essa expressão sofrida desse rosto tão querido.

– Anselmo, quero lhe pedir que tenha muita força. Não se desespere quando eu partir. Se realmente está agradecido pela

minha dedicação, tenha serenidade. Dê o exemplo de compreensão e aceitação.

Anselmo não pôde responder. Apenas acenou com a cabeça.

– Creio que está chegando a hora. Pressinto, aqui neste quarto, junto a mim, uma presença muito amada. Meu Deus! É o amor de priscas eras que veio me dar as boas-vindas... Anselmo, ele pede a você que não tenha ciúmes. Nosso amor é espiritual e data de muito tempo.

– Pai, o que ela está dizendo? É o delírio da morte?

– Não é isso, não, filho. Ela está consciente do que diz. Ontem ela me falou desse Espírito querido que sempre teve sua vida ligada à dela. Agora acho que não poderei mais impedir, com meu egoísmo, que eles sejam felizes.

Clementine abraçou todos os familiares e amigos. Depois pediu que fizessem uma prece. Ela os acompanhou, embora se sentisse muito enfraquecida.

Enquanto a equipe espiritual promovia o desligamento dos centros de forças, Clementine caía na inconsciência. Não houve sofrimento. Tampouco desconforto espiritual ou material. Tudo era feito enquanto os encarnados e desencarnados oravam em seu favor.

Enfim, juntos! Lá estava Henry. A morte os reaproximava novamente. Lágrimas desciam pelo rosto de ambos. Mas eram

lágrimas de felicidade.

*– Minha querida Michelle! Tanto tempo esperei por este momento! Agora repouse em meus braços. Você ainda está sob o efeito sonolento da desencarnação. Descanse. Assim que todos os chacras forem desligados, eu a levarei para um repouso merecido. Quando for possível, irei vê-la em sua nova residência.*

O velório foi feito na maior discricção. Como ela havia pedido, ninguém se desequilibrou. Aquele corpo material cansado foi baixado à sepultura. A terra lhe seria cobertor, e o perfume de tantas flores espalhadas em seu túmulo era o hálito de Deus na terra santa.

O lar de Anselmo entristeceu-se com aquela partida. Ele tentava lutar para não desanimar, porém, depois de mais alguns anos, também teve sua missão encerrada.

Rodeado pelos familiares, vivia seus últimos dias como encarnado. Muito havia progredido nessa existência. Pensou em Clementine: *“Perdoe-me, Clementine. Serei eternamente grato por sua companhia; pela ajuda sem a qual eu não teria vencido a mim mesmo”*.

O Espírito Clementine e o Espírito Henry vieram ajudar na desencarnação de Anselmo e dar um alento de esperança àquele que tanto errara, mas que soubera se redimir.

*– Anselmo, eu também lhe peço perdão se não pude ser a esposa que você idealizou...*

Na quase inconsciência do desencarne, Anselmo a ouviu:

*– Meu Deus! Eu não mereço! Você veio, minha amiga! Então, agora sei que há mesmo vida depois desta vida. Quanto a lhe perdoar, não há motivo para você me pedir perdão. Você foi perfeita. O errado sempre fui eu.*

*– Não vamos falar nisso. Descanse.*

*– Vou ter muito tempo para descansar. Preciso falar...*

Clementine assentiu com a cabeça. Estava emocionada. Anselmo era, agora, o grande amigo que compartilhara com ela momentos bons e maus.

Os familiares, com a experiência adquirida quando da desencarnação de Clementine, souberam que ele estava falando com ela.

O enterro foi no dia seguinte. Todos os familiares presentes, mas nenhum choro histérico. Compreendiam que a morte física é uma etapa da vida. É o passaporte para outra dimensão, conforme sempre falava Clementine. A fé e o recolhimento com que oravam por ele muito o ajudaram. Desencarnou sereno, certo de que fizera o melhor possível.

Depois, quando já no Plano Espiritual:

*– Anselmo? Está melhor?*

– *Sim, mas... Quem é você? O novo médico? Já disse ao outro que não adianta gastar vela com defunto à toa. Eu sei que vou morrer, doutor...*

– *Ora, ora, seu sabidão... – disse o enfermeiro, rindo: – Então não sabe que já gastamos as velas? E que o defunto não é à toa?*

– ??

– *Anselmo, vou lhe contar um segredinho. Está tranquilo? Quer saber a verdade ou prefere continuar se iludindo?*

– *O que você quer me dizer? Fale logo! Sou forte! Sei que desta noite não passo. Mas não tenho medo de morrer.*

– *Meu irmão... você ainda não entendeu.*

Anselmo tinha as ideias embaralhadas. Não sabia, exatamente, o que o enfermeiro queria dizer com todos aqueles subterfúgios.

– *Dr. Anselmo, você se lembra de mim?*

Anselmo o encarou demoradamente. Depois de um esforço, quase gritou:

– *Edvaldo! Edvaldo! Ora essa, você foi meu obsessivo por alguns anos, não foi? Eu o via em minha casa junto com outro... O que está acontecendo?*

– *Dr. Anselmo, eu lhe peço perdão...*

– *E o seu amigo? Aquele que me odiava mais do que você?*

– *O Duda? Ele está em outra colônia junto com um dos seus filhos... Ele também não obsidia mais ninguém. Está totalmente*

*modificado. Nós nos visitamos constantemente.*

*– Mas... Espera aí! Agora que me caiu a ficha! Você está morto, então... Eu aqui... Agora me lembro: Eu também já estou morto! Caramba... Eu nem fui ao meu velório!*

Risos.

*– Não, Dr. Anselmo. O senhor não está morto; agora é que o senhor está vivo. Não lhe disseram que em essência, originariamente, somos criaturas espirituais? Nós estivemos materializados, mas agora o corpo que temos é o perispiritual, e esse não morre com o corpo material.*

Anselmo compreendeu. Três meses depois, já estava familiarizado com o novo lar.

Trabalhou ali por 20 anos, sempre orando e pedindo aos seus superiores que permitissem a organização de uma caravana a fim de resgatar Laura.

Conseguiu a permissão e seguiram em direção ao Umbral. Atravessada a zona de maior perigo, a caravana voltou, exceto Edvaldo, que o acompanharia nas buscas por Laura, pois um sentimento bom o unia a ela.

Desceram com cuidado um precipício escuro. Estavam receosos, mas portavam armas magnéticas para se defenderem caso fossem atacados. E também poderiam voitar rapidamente, o que não

aconteciam com a maioria dos desencarnados daquela região umbralina.

O sol chegava tímido àquele local. Seres estranhos os observavam. Alguns tentavam amedrontá-los, outros fugiam desesperados, gritando que eram inocentes e não se deixariam prender novamente, pois muito já haviam sofrido.

Sobre árvores raquíticas, algumas aves de aspecto sinistro emitiam um som estranho, como se estivessem rindo – ou chorando.

Depois de percorrerem aquela região sem muito resultado, enfim alguém lhes informou o paradeiro de Laura.

Na manhã seguinte ela foi encontrada. Estava irreconhecível. Sua pele lembrava a crosta de um jacaré; quando falava, um líquido pegajoso se lhe escorria pela boca. A princípio Laura não reconheceu Anselmo. Não se manifestou quando ele lhe disse:

– Finalmente, Laura, a morte nos reaproximou novamente!

Carinhosamente ele a levou dali. Os Espíritos revanchistas já estavam saciados na vingança. Entediados. Já não sentiam desejo de continuar alimentando o ódio.

Depois de anos de tratamento, amparada no amor de Anselmo, Laura melhorou seu aspecto perispiritual e seu equilíbrio psíquico. Tornara-se, porém, econômica no falar. Vezes sem conta, após

horas de meditação, lágrimas orvalhavam seu rosto ainda emaciado.

Ela passara muitos anos no Umbral. Sofrera demais. Estaria pronta para as mudanças? Para se conscientizar de que evoluir é lei do planeta?

– *O que é isso que você está examinando com tanto zelo, Laurinha?* – perguntou Anselmo, mostrando curiosidade.

– *São apontamentos para minha nova existência. Quer ver?*

– *Sim, claro! Então... você...*

– *Daqui a aproximadamente cinco anos vou reencarnar. Estou feliz, mas muito preocupada. Fiz muito mal e, para dizer a verdade, ainda tenho prevenção contra afrodescendentes. Eu não queria sentir isso; sei que é absurdo e ridículo, mas parece que não consigo superar.*

– *Vai dar tudo certo desta vez. Tenha fé. Deixa-me ver esses apontamentos.*

Entre outras coisas contidas no mapa reencarnatório de Laura, Anselmo pôde ler:

“Nascerá negra. Terá vida muito difícil. Viverá quase na miséria e receberá, como filhos, muitos dos escravos a quem desprezou e fez sofrer. Terá uma vida longa...”.

– *Aceitou tudo isso?! Não acha que poderia parcelar a dívida?* – disse Anselmo, rindo.

– *Eu mesma sugeri que fosse dessa forma. Terei ajuda espiritual e renascerei em uma família muito digna, embora pobre. Pedi para entrar em contato com o Espiritismo, pois sei que essa doutrina traz entendimento, aceitação e reconforto à alma.*

– *Deus seja louvado!*

Cinco anos depois, em uma região das mais pobres da África do Sul, em um barraco onde entravam o vento e a chuva:

– Nasceu! Graças a Deus! – disse a parteira, emocionada.

– É perfeito? – perguntou a mãe, mesmo antes de querer saber o sexo.

– Sim. É uma menininha linda!

– Bakhita... Assim ela se chamará. Mais uma boca para dividir a pouca comida! Mas sei que nosso Pai a tudo proverá.

Beijou a recém-nascida e disse, com amor:

– Seja bem-vinda, Bakhita!

Anselmo, ali presente desde o processo reencarnatório de Laura, deixou que as lágrimas molhassem seu rosto cansado.

– *Bakhita... Começa mais uma oportunidade redentora para você. Saiba aproveitá-la desta vez, minha querida* – disse, emocionado.

Neusa – desencarnada há pouco mais de um ano – e Clementine enxugaram os olhos e beijaram aquele serzinho que esperneava e chorava a plenos pulmões.

O trio retornou aos seus afazeres. A expressão enigmática de Bakhita em nada lembrava a petulante Laura. A realidade lhe mostrara que exterioridades não têm nenhum valor; que nada é para sempre e que na redação divina não há erros ou equívocos, apesar da tortuosidade das linhas.

O sino da pequena igreja ecumênica, daquela comunidade espiritual, chamava os fiéis para as orações da tarde. Um Espírito radiante iniciava a palestra:

– “(...) *PORQUE ESTE MEU FILHO ESTAVA PERDIDO E FOI ACHADO, ESTAVA MORTO E REVIVEU...*”

*Lucas 15:24-32*